



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
PRÁTICAS SOCIAIS, HISTÓRICAS E CULTURAIS DE LINGUAGEM

ANILAURY MARIA BATISTA DA COSTA

***“STRONG BLACK WOMAN” – UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MULHER
NEGRA E A PERFORMANCE DA FORÇA EM HOW TO GET AWAY WITH
MURDER***

CAMPINA GRANDE

2023

ANILAURY MARIA BATISTA DA COSTA

**“*STRONG BLACK WOMAN*” – UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MULHER
NEGRA E A PERFORMANCE DA FORÇA EM *HOW TO GET AWAY WITH
MURDER***

Dissertação de mestrado apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, da linha *práticas sociais, históricas e culturais de linguagem* na área de concentração Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Angélica Oliveira

CAMPINA GRANDE

2023

- C837s Costa, Anilaury Maria Batista da.
“*Strong black woman*” – uma análise discursiva da mulher negra e a performance da força em *How to get away with murder* / Anilaury Maria Batista da Costa. – Campina Grande, 2023.
110 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.
“Orientação: Profa. Dra. Maria Angélica Oliveira”.
- Referências.
1. Análise do Discurso. 2. Estudos Linguísticos. 3. *Strong Black Woman*. 4. Mulher Negra – Silenciamento. 5. Discurso – Mulher Negra – Força e Vulnerabilidade. I. Oliveira, Maria Angélica. II. Título.

CDU 81'42(043)

ANILAURY MARIA BATISTA DA COSTA

**“STRONG BLACK WOMAN” – UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA MULHER
NEGRA E A PERFORMANCE DA FORÇA EM *HOW TO GET AWAY WITH
MURDER***

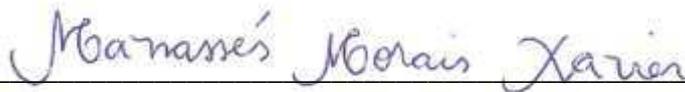
Dissertação de mestrado apresentada à banca do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, da linha *práticas sociais, históricas e culturais de linguagem* na área de concentração Estudos Linguísticos.

Aprovado em: 24/02/2023.

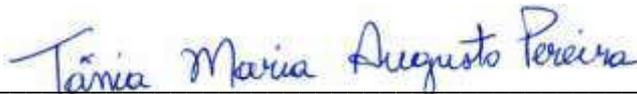
Banca Examinadora:



Prof.ª Dra. Maria Angélica Oliveira – UFCG
Orientadora



Prof. Dr. Manassés Morais Xavier – UFCG
Membro Interno



Prof.ª Dra. Tânia Maria Augusto Pereira – UEPB
Membro Externo

CAMPINA GRANDE

2023

Dedico este trabalho à minha mãe, Rejane. Obrigada por ser forte.

“You know how much pain me carry?” My grandmother slammed her hand on the table. “You kow how much pain I have to tek tru’ my yout’ and my twenties and beyond? You kno what my madda, your grandmadda, woulda said if me did tell her me ah go seek psychotherapy? You mus’ be MAD.”

“Strong black women don’t cry”, I said to myself.

(Candice Carty-Williams)

RESUMO

Esta dissertação propõe-se a analisar os discursos de força e vulnerabilidade presentes em fragmentos de narrativas de personagens da série *How to get away with murder*, para compreender a construção da imagem de controle *strong black woman*. Questiona-se “como os discursos de força e de vulnerabilidade constroem a imagem de controle *strong black woman* para o sujeito mulher negra na série *how to get away with murder?*”. A caminho de responder tal questionamento, traçam-se os objetivos específicos: a) descrever a composição narrativa das personagens Ophelia e Annalise na referida série; b) explicar como se constroem as vontades de verdade que alicerçam os discursos de vulnerabilidade; c) buscar constituição histórica-social da relação antitética entre força e vulnerabilidade para o sujeito mulher negra e d) explorar as relações de poder e sua influência em práticas de silenciamento e na construção da imagem de controle *strong black woman*. Sob a luz de pressupostos teóricos metodológicos das contribuições de Foucault (2016; 2010; 2014; 2020) à Análise do Discurso, procura-se problematizar a forma com a qual os discursos constroem as posições de sujeito e como as relações de poder influem nos processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos. Evidenciando a imagem que a série concebe da mulher negra como um sujeito sinônimo de força, recorre-se à contribuição teórica de autoras como Beauboeuf-Lafontant (2005; 2007; 2009), Jones e Shorter-Gooden (2004) para entender como a constituição discursiva age sobre a vivência da mulher negra, em suas relações com outros sujeitos e no estabelecimento da força como vontade de verdade. Diante do *corpus* selecionado – sequências discursivas da referida série – identifica-se que as vontades de verdade que sustentam os discursos hegemônicos têm influência na organização e manutenção da obediência dos sujeitos em nossa sociedade, mas, além disso, trabalham de forma coerciva na constituição das subjetividades. O discurso oferece para a mulher negra *strong black woman*, uma imagem de controle que requer silenciamento para benefício de instituições. No entanto, linhas de fuga ao discurso emergem como ferramentas para esse sujeito, traçando possibilidades que permitem a ampliação de sua subjetividade.

Palavras-chave: *strong black woman*; mulher negra; silenciamento; força; análise do discurso.

ABSTRACT

*This work aims to analyze the discourses of strength and vulnerability in fragments of characters' narratives from the TV series *How to get away with murder*, to comprehend the construction of the controlling image “strong black woman”. We inquire “how the discourses of strength and vulnerability construct the controlling image ‘strong black woman’ for the subject black woman in the TV show *how to get away with murder*?”. To answer this question, we outline specific goals: a) describe the narrative composition of the characters Ophelia and Annalise from the TV show; b) explain how is constructed the will to truth which supports the discourses of vulnerability; c) search the social-historical constitution of the antithetic relation between strength and vulnerability to the subject black woman; and d) explore the power relations and its influence on silencing practices and on the construction of the controlling image ‘strong black woman’. Grounded on theoretical assumptions of the contributions of Foucault (2016; 2010; 2014; 2020) to the Discourse Analysis, we aim to discuss the way in which the discourses construct the subject positioning and how the power relations play a role in the processes of subjectification and objectification of the subjects. Highlighting the image the TV show conceives of the black woman as a synonym of strength, we use the theoretical contribution of authors like Beauboeuf-Lafontant (2005; 2007; 2009), Jones and Shorter-Gooden (2004) to understand how the discursive constitution acts upon black women’s experience, their relationships with other subjects and in establishing strength as a will to truth. Using the selected corpus – discursive sequences of the mentioned TV show – we identify that the will to truth that support hegemonic discourses influences the organization and maintenance of the obedience of the subjects in our society, but, beyond that, functions in a coercive way in the constitution of the subjectivities. The discourse offers the black woman “strong black woman”, a controlling image that requires silencing that favors the institutions. However, lines of flight of the discourse emerge as tools for this subject, tracing possibilities that allow the expansion of its subjectivity.*

Keywords: strong black woman; black woman; silencing; strength; Discourse Analysis.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	10
INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA.....	17
CAPÍTULO 1.....	21
O QUE SIGNIFICA SER MULHER NEGRA EM NOSSA SOCIEDADE	21
1.1 Enunciado, discurso e vontade de verdade	23
1.2 O peso da verdade – As tecnologias de si na constituição do sujeito mulher negra.....	34
1.3 A vivência em alteridade – A discursivização da mulher negra.....	41
1.4 “Você vai se acostumar” - A mulher negra e o exercício do cuidado com o outro	49
CAPÍTULO 2	58
A RELAÇÃO DICOTÔMICA ENTRE FORÇA E VULNERABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NEGRA	58
2.1. CONSTRUINDO A <i>STRONG BLACK WOMAN</i>	59
2.1.1 Por que ela precisa ser forte? - Imagens de controle e silenciamento do sujeito	59
2.1.2 Microagressões, trauma geracional e o “shifting” como ferramenta de (sobre)vivência	65
2.1.3 Subjetivação e Governamentalidade – Discurso de força como tática de controle	76
2.2 VULNERABILIDADE.....	91
2.2.1 – Linhas de fuga – o poder na expressão da vulnerabilidade	92
2.2.2 Vulnerabilidade estrutural – A quem interessa o apagamento da vulnerabilidade?.....	96
2.2.3 “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha” – Investir na linha de fuga	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Print da série no catálogo da Netflix.....	20
Figura 2- How to get away with murder e o conceito de vontades de verdade.....	25
Sequência Discursiva 1- tecnologias de si na constituição da mulher negra.....	49
Sequência Discursiva 2- tecnologias de si na constituição da mulher negra.....	51
Sequência Discursiva 3 - tecnologias de si na constituição da mulher negra.....	52
Sequência Discursiva 4 - tecnologias de si na constituição da mulher negra.....	55
Sequência Discursiva 5 - O imperativo de força na vivência da mulher negra.....	85
Sequência Discursiva 6 - o imperativo de força na vivência da mulher negra.....	88
Sequência Discursiva 7- o imperativo de força na vivência da mulher negra.....	88
Sequência Discursiva 8 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”	99
Sequência Discursiva 9 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”	100
Sequência Discursiva 10 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”	102

INTRODUÇÃO

Historicamente relegados a pequenos espaços, com representações caricatas que carregam significações muitas vezes negativas, sujeitos que se identificam em grupos de minorias sociais continuam sendo caracterizados como “o outro”, diferente e inferior (KILOMBA, 2019). A recorrência destes tipos de representação ultrapassa as barreiras dos textos, onde produz sentidos e se instaura no imaginário social, perpetuando, assim, uma leitura desfavorável do que significa ser negro, indígena, gay ou mulher, por exemplo.

A urgência da necessidade de diversificar as formas como são caracterizados esses sujeitos para as grandes massas vem se popularizando. Observamos, cada vez mais, as mídias televisivas adotarem narrativas ficcionais que ampliam os espaços que estes sujeitos ocupam, através da exposição de suas diferentes histórias e sua exibição como multidimensional. Tal caracterização multidimensional amplia o que define o sujeito, indo além das descrições unidimensionais encontradas e perpetuadas pelos estereótipos. A multidimensionalidade demonstra sua importância na forma que compõe os sujeitos como “plurais”, transitando entre os adjetivos que os definem. Desse modo, a “mulher” enquanto sujeito não é descrita apenas como “passional”, “delicada” e “fraca”, mas, ultrapassando essas vontades de verdade edificadas pelos estereótipos, ela pode ser “passional” e “racional”, a depender da situação.

O momento atual é solo fértil para emergência de discursos que contrariam o que é considerado “padrão”. A ideia de “universal” e “pertencente” tem seus significados consolidados em nossa sociedade em benefício de certos grupos, sustentados em relações de poder específicas e na manutenção de sistemas opressivos. A emergência dos discursos daqueles que são considerados como “diferentes” traz uma ruptura, uma transformação em alguns sentidos, e suas relações com a história e a língua.

A cultura audiovisual se mantém, até hoje, como uma das principais plataformas da nossa sociedade, seja como um dos principais meios de comunicação, aparelho de manipulação das massas, meio de lazer e/ou ferramenta de acesso à informação. Ela serve de mediadora para a propagação de diferentes vontades de verdade que afetam os sujeitos. Este tipo de mídia, que inclui filmes, séries, propagandas que são veiculados em canais abertos e pagos da televisão, redes sociais de compartilhamento de vídeos e serviços de *streaming*, por exemplo, tem grande influência social, pois traz discursos que auxiliam, por exemplo, na constituição do imaginário social sobre determinados tipos de conceitos.

A veiculação de narrativas audiovisuais fictícias, que outrora se concentrava nos canais de televisão aberta, também passa a integrar espaços da rede mundial de computadores (*word wide web*). Para aqueles que tem acesso à internet, o consumo de vídeos, séries, filmes nas plataformas digitais é cada vez mais habitual. Os serviços de *streaming*, para citarmos como exemplo: *Netflix*, *Hulu* e *Amazon prime*, apresentam grande acervo de filmes, séries e minisséries, não só brasileiras, mas também originárias da televisão aberta ou paga de outros países.

Muitos desses serviços de *streaming* inovam na forma como podem ser consumidos esses conteúdos, além da TV, pelo celular, notebook; tanto no sofá de casa, como em qualquer lugar que se tenha acesso a um dispositivo que permita *streaming*. Além disso, dispõem de narrativas já finalizadas, que podem ser concluídas em um curto período de tempo, e de narrativas ainda em produção, que convocam os espectadores a um acompanhamento fiel durante anos. Inovam-se também as histórias que são apresentadas, explorando, atualmente, narrativas com protagonistas que se identificam como parte de grupos de minorias sociais¹. A oferta de uma plataforma para popularização de uma diversidade de discursos legitima as histórias contadas por e para esses sujeitos, como constitutivas da nossa sociedade.

Situada nesta conjuntura histórica e social, a mulher negra, é um sujeito que se encontra ocupando, na maioria dos cenários², a posição social do sujeito oprimido, estrangeiro, dominado (RIBEIRO, 2018). Em retrospectiva, assistimos em narrativas audiovisuais, a divulgação de representações caricatas e unidimensionais deste sujeito, que tendem, de certo modo, a mantê-lo ocupando essas posições. Em filmes e (mini)séries, dispomos de exemplos em que a construção de mulheres negras, enquanto personagens, inclina-se à reprodução de tipos e caricaturas, que realçam suas características negativas.

Coleman (2019) explicita sobre essa reprodução caricata em seu estudo diacrônico sobre representação negra no cinema, desde 1890 até os tempos atuais, a tendência de

¹ Indicamos esta matéria que fala um pouco sobre o crescente protagonismo de minorias e diversidade em séries atuais: JAVADI, N. *15 TV Shows That Got Diversity *Mostly* Right*. 2019. Disponível em: <<https://thewhip.mommyish.com/entertainment/inclusive-tv-shows-diversity/17/>>. Acesso em: 5 jun. 2020.

² Frisamos aqui a ideia de “na maioria dos cenários”, pois sob a luz de Foucault (2010), o poder deve ser analisado como algo que circula, funciona em rede, onde os indivíduos circulam e estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também exercê-lo. Hall (2016), no campo dos estudos culturais, também corrobora dessa ideia ao dizer que a identificação de um sujeito sobre condição de “oprimido” ou “opressor” não é fixa. Assim, o sujeito mulher negra pode ocupar a posição de oprimido *na maioria dos cenários*, tendo em vista o contexto sócio-histórico que nos situamos, mas há a possibilidade de que quando situada em outros cenários, este mesmo sujeito ocupe a posição de “opressor”, em relação a outros sujeitos.

escrever este sujeito como hipersexualizado, animalesco, infantil e cômico. A autora mostra o início dessa cultura no cinema americano através de shows de menestréis na década de 1940, que depositava o alívio cômico das histórias contadas através de construções em que personagens negros eram desenvolvidos como covardes, atrapalhados ou ardilosos em suas ações para conseguir algo, reforçando dicotomias entre negro-branco. O ator Willie Best e seu personagem recorrente, nomeado “*Sleep 'n' eat*”, que poderia ser traduzido para o português como “dorme e come”, mostram a exibição de negros associados à preguiça e à irracionalidade.

Traçando um histórico até os dias atuais, podemos citar alguns filmes e séries, no âmbito nacional e internacional, que dão continuidade e reforçam o signo da negritude em associação aquilo que é negativo. O filme *Angel Heart* (Coração Satânico), de 1987, por exemplo, traz a personagem Epiphany, uma mulher negra, de forma hipersexualizada, principalmente ao protagonizar rituais de vudu, uma vez que, neste filme, o maligno é associado a religião negra. A personagem Adelaide, interpretada por Rodrigo Sant’anna, no programa *Zorra Total*, da TV Globo, é uma pedinte negra que tem o humor construído através do registro do português periférico, da preguiça atribuída a ação de pedir e da forma violenta com a qual trata os filhos. Estas são caricaturas de aspectos negativos que têm sido atribuídos à mulher negra ao longo da história (BRAGA, 2015) e reafirmados no universo cinematográfico.

Chamamos atenção para uma imagem específica atrelada ao sujeito mulher negra, denominada “*Strong Black Woman*”, em tradução livre para português “Mulher Negra Forte” (BEAUBOEUF-LAFONTANT, 2009). Personagens negras que se identificam como deste tipo têm destacado o controle emocional diante das adversidades. Mesmo frente às situações que vivem, exibem grande coragem e força para enfrentar tanto os problemas estruturais da sociedade, como os conflitos (sobre) naturais que a narrativa possa apresentar. Além disso, é comum que estas personagens se apresentem como figura maternal, disposta a solucionar os problemas das outras personagens da história.

Preciosa é um filme do gênero drama, lançado em 2009, que exemplifica esta vontade de verdade que propaga “ser forte apesar de tudo” como constitutivo da narrativa deste sujeito. O filme retrata a vida de Preciosa, uma mulher negra, periférica e analfabeta, que sofre abuso sexual e psicológico pelos seus pais, tem uma filha com síndrome de Down e é diagnosticada como HIV positivo. O desenvolver da história apresenta diferentes desafios para a vida dessa personagem, de modo que a dor negra passa a ser instrumentalizada para propagar mensagens de esperança ou resistência e o fardo que a

personagem carrega é percebido como algo natural, associado a negritude e a vivência negra.

Podemos traçar uma origem histórica do surgimento desta caricatura em esforços da própria comunidade negra. Braga (2015) nos fala que logo após a abolição da escravidão, grandes esforços partiam da comunidade negra para reformulação da imagem do negro no imaginário social, oferecendo assim cartilhas aos membros da comunidade de como se comportar nas atividades que realizavam. Estas prescrições de comportamento tinham, dentre suas orientações, a ideia de que a mulher negra devia demonstrar força, manter a postura e controlar suas emoções, diante das micro agressões vividas diariamente. O objetivo da restrição do comportamento dessas mulheres era inserir-se mais facilmente em espaços que então eram ocupados majoritariamente por pessoas brancas, como ambientes de trabalho, por exemplo.

Antecipando as ideias negativas que os opressores atrelavam a esses sujeitos, o comportamento prescrito foi disposto como um método de transformá-las. O perigo deste tipo de representação é a possibilidade de interpretação que retorna a desumanizar a mulher negra, pois a performance do *Strong Black Woman* impossibilita, sob certa perspectiva, que ela expresse seus sentimentos, por estar constantemente regulando como se porta para agradar e transformar o olhar do “opressor” (COLEMAN, 2019; KILOMBA, 2019; RIBEIRO, 2018)

Pensando nesta imagem e os sentidos que ela evoca, indagamos nessa pesquisa como os discursos de força e de vulnerabilidade constroem a imagem de controle *strong black woman* para o sujeito mulher negra na série *How to get away with murder*?

A caminho de responder essa problemática, traçamos como objetivo geral analisar os discursos de força e vulnerabilidade presentes em fragmentos de narrativas de personagens da série *How to get away with murder* para compreender a construção da imagem de controle *strong black woman*. Elaboramos, como objetivos específicos:

- Descrever a composição narrativa das personagens Ophelia e Annalise na referida série;
- Explicar como se constroem as vontades de verdade que alicerçam os discursos de vulnerabilidade;
- Buscar constituição histórica-social da relação antitética entre força e vulnerabilidade para o sujeito mulher negra

- Explorar as relações de poder e sua influência em práticas de silenciamento e na construção da imagem de controle *strong black woman*.

Compõem o *corpus* de nossa pesquisa, cenas das 4 temporadas da série *How to get away with murder* (2014-2020), analisadas em sequências discursivas. O material selecionado pode ser encontrado no serviço de *streaming* da *Netflix* e está disponível para *download* em alguns sites da internet. A escolha da série deve-se ao fato de elencar mulheres negras como protagonistas e aliar, ao desenvolvimento da história e das personagens em questão, discussões atuais relevantes para o sujeito mulher negra, alusivas às décadas 2010 e início da de 2020.

A triagem das sequências discursivas que foram analisadas centra-se na personagem Ophelia. Escolhemos centrar a análise e a constituição do *corpus* em recortes desta personagem pois levamos em conta a figura atribuída a velhice na sociedade ocidental. Mencionamos Debert (2012), que relata em seu estudo sobre a velhice o ponto de vista antropológico que evidencia, como o processo biológico é investido culturalmente e elaborado simbolicamente com rituais, marcando fronteiras entre as idades dos indivíduos. Bourdieu (1983 *apud* Debert 2012) afirma que a idade vista como categoria é uma criação arbitrária, muitas vezes disposta de modo a servir formas de organização social, como, por exemplo, a capacidade de imputabilidade penal, que por outro lado, também carrega um significado cultural.

A partir do estudo da autora, podemos refletir sobre a importância em observar a idade biológica junto a sua simbologia cultural e a assertiva de que a figura do idoso traz consigo, em algumas situações, um *status* de prestígio por ter uma simbologia de sabedoria associada à vivência. Bosi (1994) também associa a noção de memória ao idoso, e fez uma reflexão sobre como a vivência ou crença no caráter cumulativo do conhecimento é associada à figura do idoso em nossa sociedade. Justificamos a escolha de observar a personagem Ophelia, uma mulher negra mais velha, por ser vista em associação a simbologias de respeito e de sabedoria.

A fala dessa personagem, na posição de mulher negra idosa, reúne uma memória de acontecimentos passados, corroborando essa visão de “caráter cumulativo de conhecimento” que é associado ao idoso. Desse modo, justificamos os recortes mencionando a visão antropológica que alicerça a posição de sujeito mulher negra idosa, uma vez que observamos como a personagem é percebida por outros a partir do lugar de onde fala. A mulher negra idosa evoca uma personificação de sabedoria e partilha de ensinamentos que devem ser seguidos. Do mesmo modo, sua voz tem peso de verdade

para sua comunidade, interferindo na constituição de sujeitos e na estruturação de relações entre os sujeitos.

Além deste capítulo de introdução, o presente estudo está estruturado da seguinte forma: um capítulo que apresenta a metodologia, dois capítulos teórico-analíticos e uma parte final, com as considerações finais sobre a pesquisa realizada.

Os capítulos que abordam os pressupostos teóricos e a análise de dados estão organizados de modo que no primeiro capítulo, os pressupostos teóricos apresentam a fundamentação das principais noções a serem discutidas em nosso estudo, visando: a) contextualizar o leitor sobre o quadro da análise de discurso de linha foucaultiana, a noção de vontades de verdade e a manutenção de discursos verdadeiros; b) situar sobre o lugar ocupado pela mulher negra da diáspora, sua discursivização como “diferente” e a vivência em alteridade. No segundo capítulo, dividido em dois subcapítulos, traçamos um percurso que atribui a força como central para a mulher negra, objetivando: a) remontar a constituição sócio-político-histórica do sujeito mulher negra e as imagens de controle que regem essa constituição b) evidenciar o discurso de força como discurso verdadeiro e imperativo na relação deste sujeito consigo mesmo e em seus processos de subjetivação. Em seguida, dissertamos sobre a construção da vulnerabilidade para este sujeito, almejando a) indicar o discurso de vulnerabilidade como contra discurso que confere uma posição diferente para o sujeito mulher negra e; b) refletir sobre as implicações da expressão de vulnerabilidade pelo sujeito mulher negra.

Fundamentamos nossa pesquisa nos estudos desenvolvidos por Foucault (2010; 2014) a respeito dos conceitos de vontades de verdade, o discurso e seu funcionamento para o sujeito, discursos verdadeiros e seus efeitos na subjetivação do sujeito; considerações de Hall (2016) e Silva, Hall e Woodward (2014) sobre a construção cultural da identidade do sujeito “diferente” nos sistemas de representação; Braga (2015) e Kilomba (2019) em referência a representatividade da mulher negra no imaginário social e o percurso de vivência deste sujeito a caminho de ressignificar sua posição, centralizando-a, partindo de “outro” para “eu” e Jones e Shorter-Gooden (2015), Collins (2019) e Lorde (2020) sobre as relações da mulher negra com os conceitos de força, resistência e vulnerabilidade.

Nosso percurso metodológico explora a abordagem desta pesquisa como qualitativa, de cunho interpretativista e de tipologia documental. Pretendemos, em nossa análise, dispor uma possibilidade de interpretação que considere as vontades de verdade que regem os discursos e influem na constituição dos sujeitos. Nosso interesse em realizar

esta pesquisa é resultante da importância de relatar e investigar questões referentes às minorias sociais, reafirmando a possibilidade e necessidade de encontrar na Academia instrumentos e espaço para transformação da situação de opressão e do modo como são representadas, possibilitado aqui pelo viés dos estudos discursivos.

METODOLOGIA

Neste capítulo, explicaremos a natureza e a tipologia da pesquisa, o processo de geração dos dados, a descrição do *corpus* e os procedimentos de análise de dados.

Natureza e tipologia da pesquisa

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e se configurou como interpretativista e documental. Considerando os objetivos, a problemática e o procedimento da análise do *corpus*, optamos por realizar uma pesquisa de base qualitativa, pelo fato de considerar múltiplas construções da realidade, em detrimento do conceito de verdade absoluta, e fugir do escopo da suposta objetividade científica do paradigma tradicional de ciência. Ademais, a interpretação de fenômenos fundamenta-se a partir de vários ângulos, como esclarecem Motta-Roth e Hendges (2010), e está permeada por subjetividade, sem perder o rigor científico, possuindo implicações político-sociais.

Pesquisadoras como André (2013) e Bortoni-Ricardo (2008) exibem um breve traçado histórico sobre a abordagem qualitativa aplicada à pesquisa. Podemos entender, através das autoras, que tal abordagem aparece como opção ao paradigma quantitativo estabelecido anteriormente, que não era aplicável de modo a contemplar as necessidades das investigações no âmbito das ciências sociais. Essa metodologia, relativamente mais recente, aparece oferecendo uma alternativa aos pesquisadores, por tratar de fenômenos humanos e sociais que são muito complexos e dinâmicos. André elucida que a abordagem qualitativa é

abordagem ou paradigma de pesquisa, “chamada de ‘naturalística’ por alguns ou ‘qualitativa’ por outros. Naturalística porque não envolve manipulação de variáveis, nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), [...] leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2013, p.17).

Bortoni-Ricardo (2008) nos diz que a pesquisa qualitativa se constrói com base no interpretativismo. Assim, entendemos que a interpretação é também um dos fundamentos desta abordagem, pois, para entender o *corpus*, é necessário que o pesquisador interprete

os fenômenos envolvidos. O estudo dos componentes envolve diferentes pontos de vista, incluindo o do pesquisador como agente ativo. A pesquisa qualitativa interpretativista se volta para um microcosmo, um recorte de uma prática social permeada por significados, tentando responder na análise “como” e “por que”.

A pesquisa qualitativa não se propõe testar relações causa e consequência entre fenômenos, nem tampouco gerar leis causais que podem ter um alto grau de generalização. A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. [...] O pesquisador está interessado em um processo que ocorre em um determinado ambiente e quer saber como os atores sociais envolvidos nesse processo o percebem, ou seja: como o interpretam (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34).

Gil (1999) permite-nos definir o delineamento de nossa pesquisa como de tipo documental. Na pesquisa documental, a natureza das fontes advém de “materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 1999, p. 66). O desenvolvimento desta pesquisa segue passos como:

a exploração de fontes documentais [...]. Existem, por um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias [...]. De outro lado, existem os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresa, tabelas estatísticas etc. (GIL, 1999, p. 66).

Reafirmamos essa pesquisa como de tipo documental, visto que procuramos direcionar um olhar analítico a um *corpus* composto por sequências discursivas retiradas de uma série de TV. Entendemos que a série de TV, por sua vez, pode ser classificada como fonte documental de primeira mão, conforme classifica Gil (1999), por ainda não ter recebido tratamento analítico. Discutida a classificação da pesquisa, o tópico seguinte trata dos processos de triagem do *corpus*, quanto à seleção da série de TV e sequências discursivas analisadas.

O corpus da pesquisa - triagem do corpus e procedimentos de análise

A investigação, sob a luz dos estudos discursivos, das formas de representação do sujeito mulher negra nos discursos foi iniciada pela autora dessa dissertação durante a graduação no curso de Letras – Língua Inglesa. Nessa ocasião, através da pesquisa monográfica intitulada “Protagonismo da mulher negra em campanha publicitária contemporânea: uma análise das representações do sujeito”, buscamos analisar as formas de representação do sujeito mulher negra em uma peça publicitária de produtos de cabelo. Nesta pesquisa, de pós-graduação, damos continuidade à pesquisa anterior ao partir do

mesmo objeto de investigação, almejando ampliar as considerações sobre as vontades de verdade que constroem as representações da mulher negra em nossa sociedade.

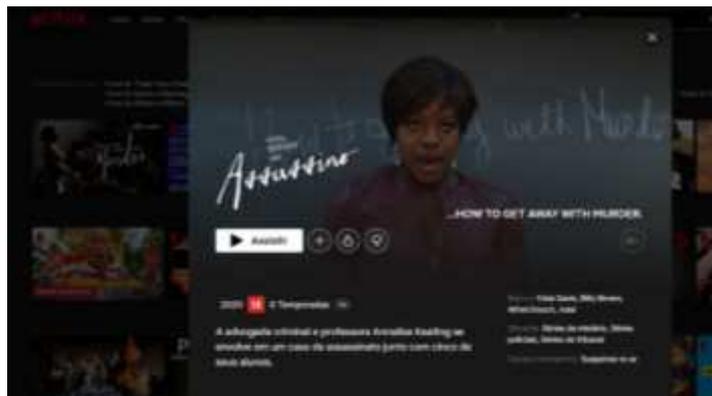
A partir das leituras dos autores que compõem a bibliografia que fundamenta esta dissertação, começamos a esboçar a definição da problemática a ser investigada e iniciamos a geração e síntese de dados. Para tais definições, foram centrais o conceito de Collins (2019) sobre as imagens de controle que regem a vivência do sujeito mulher negra e a observação de Braga (2015) sobre o processo de segunda abolição almejada pelos sujeitos negros em busca da libertação dos estereótipos atrelados a sua imagem social.

Chegamos ao termo central da pesquisa “*Strong Black Woman*” através de alguns vídeos e textos na internet que apresentavam essa figura, popularizando a problematização sobre a forma com a qual a sociedade e os meios de comunicação constroem e reforçam uma imagem que exige que a mulher negra seja sempre forte. A partir daí, buscamos uma materialidade discursiva que trouxesse a reprodução dessa representação da mulher negra. As séries veiculadas nos serviços de *streaming* apareceram como um suporte que atendia as expectativas, uma vez que encontramos várias que traziam a mulher negra como personagem central articulando tal imagem.

Mediante a essas séries selecionadas, dispomos um trabalho de restrição do material selecionado, tomando como critério para essa triagem: 1) o modo como a performance da força acontece de modo consciente e é usada como ferramenta de sobrevivência, como elucidam Jones e Shorter-Gooden (2004) e; 2) a ideia de ruptura e continuidade no discurso de Foucault (2020), lançando olhar sobre estes acontecimentos enunciativos em diferentes contextos situacionais e a forma como ele se altera, mas também se conecta com a memória discursiva. Sob a luz desses autores, foi feita a triagem das séries.

Finalmente, selecionamos a série estadunidense *How to get away with murder*, que recebeu o título em português brasileiro “Como defender um assassino”, produzida e distribuída pelo canal de TV ABC, entre os anos de 2014 e 2020. A série conta com 6 temporadas, cada uma com episódios de cerca de 45 minutos de duração. Distribuída atualmente pelo catálogo do serviço de *streaming Netflix*.

Figura 1- Print da série no catálogo da Netflix



Encontramos a série, integralmente, disponível no catálogo do serviço de *streaming* *Netflix*, onde podemos ler uma breve sinopse da série que assim descreve a trama: “A advogada criminal e professora Annalise Keating se envolve em um caso de assassinato junto com cinco de seus alunos³”. A referida sinopse traz Annalise Keating, mulher negra protagonista, como referência no campo de *expertise* do direito criminal. A apresentação inicial da personagem na série a constitui como sujeito que ocupa espaço de respeito perante seus alunos por ser estratégica e pragmática, características importantes para o exercício do direito criminal. Há uma associação da mulher negra ao campo do direito criminal onde “ser forte” e “não perder” são máximas necessárias para o exercício nesse campo. Desse modo, já vamos encaminhando a proposta da série à imagem de controle de nosso interesse analítico.

Ainda foi feita uma segunda seleção, onde escolhemos analisar recortes, figurando a personagem Ophelia Harkness, interpretada pela atriz Cicely Tyson, mãe da protagonista Annalise, que participa de 10 episódios ao longo das 6 temporadas da série. A personagem Ophelia Harkness, por sua vez, traz o peso da verdade em seus enunciados, por ocupar um espaço do sujeito idoso e percebemos, *a priori*, que sua associação com o discurso de força está associada a memória discursiva do sujeito mulher negra. Essa personagem propaga para as outras mulheres negras o imperativo “seja forte”, dando continuidade a um discurso fundamentado em vontades de verdades que são históricas. Nesse ponto, consideramos importante direcionar nosso olhar a esta personagem, uma vez que em suas falas encontramos como ensinamentos e reprimendas fragmentos da memória discursiva e suas (des)continuidades, alicerçados em vontades de verdade específicas.

³ Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=how%20to%20&jbv=80024057>. Acesso em 06 dez 2021

Ao passo que um dos nortes da pesquisa está na investigação do como discurso materializa os objetos de discurso “força” e “vulnerabilidade” para constituição do sujeito mulher negra, salientamos nosso interesse em questionar a relação antitética formada entre o discurso de força e o discurso de vulnerabilidade. No percurso dissertativo, investigamos, através materialismo histórico, o surgimento e a oferta desses objetos de discurso para o sujeito mulher negra. Ao passo que adotamos essa postura, podemos colocar em evidência causas, interesses e consequências imbricados nessa construção.

Acreditamos que a referida série confere os requisitos previamente discutidos no processo de triagem. A série trazia a mulher negra como protagonista central e vinculava a discussão sobre a figura da *strong black woman*. Além disso, através de recortes de sequências discursivas, centrados na personagem Ophelia, acreditamos que podemos identificar fragmentos da memória discursiva.

Vale mencionar a relevância social dessa série. *How to get away with a murder* ainda é uma das únicas séries de amplo alcance que traz mulheres negras em protagonismo. Sua relevância pode ser observada pela distribuição e pontos de audiência nos episódios finais das temporadas. Esse posicionamento demonstra o movimento de popularização de narrativas televisivas que veiculam minorias sociais em posição de protagonismo. Desse modo, consideramos importante dispor o questionamento sobre como está sendo construído o sujeito mulher negra em uma posição de protagonismo, visto que sua veiculação alcança tantos expectadores e também corrobora na composição de “quem é” a mulher negra no imaginário social.

Uma vez escolhido o *corpus*, demos continuidade a leitura e seleção da bibliografia pertinente a ser utilizada. A partir do objetivo geral traçado e ajustado, apresentamos os conceitos basilares mobilizados na elaboração dos objetivos específicos que encaminham a análise de dados: a) vontades de verdade que sustentam os discursos de força e vulnerabilidade; b) processos de subjetivação e objetivação do sujeito mulher negra; c) *strong black woman* como imagem de controle; d) o mecanismo de deslocamento d) silenciamento e performance da força para o sujeito mulher negra.

CAPÍTULO 1

O QUE SIGNIFICA SER MULHER NEGRA EM NOSSA SOCIEDADE

Os estudos discursivos nos proporcionam, entre outras coisas, uma possibilidade de traçar caminhos que conduzam ao entendimento das dinâmicas sociais. Mediante uma

materialidade linguística e considerando o eixo sócio-histórico-político-cultural, procuramos entender como são constituídos aspectos vinculados a nossa vivência, os espaços, as instituições, os sujeitos. Buscamos respostas para várias indagações, dentre elas: Como são definidos os espaços que os sujeitos devem e podem ocupar? Por que determinados comportamentos são validados e outros não? Por que podemos falar sobre certas coisas e outras não?

O olhar para o discurso, como um organismo ativo que rege as práticas discursivas e participa na validação de certos comportamentos, na constituição dos sujeitos e na manutenção das instituições, nos encaminha às respostas para essas perguntas. As desigualdades entre os sujeitos sociais são facilmente observáveis, os sujeitos são classificados de modo que alguns são postos às margens. A figura da mulher negra, central nesta pesquisa, é facilmente associável a certos conceitos no imaginário social, geralmente, de cunho negativo: devassa, arrogante, incivilizada, por exemplo; que a constituem como diferente. Diante disso, nos questionamos, “diferente em relação a que/quem?”; e “se o espaço ocupado pela mulher negra é a margem, quem fica no centro?”

Provocados por esses questionamentos, nesse primeiro capítulo, discutimos em três seções, pressupostos de autores que associam conceitos dos estudos discursivos e culturais e nos conduzem a entender a constituição do sujeito mulher negra. Ao final do capítulo, apresentamos uma quarta seção onde há análise de uma sequência discursiva da série, retomando os conceitos mobilizados.

Os conceitos discutidos nas três seções iniciais servirão de base teórico-analítica para seção final. Na primeira seção, Foucault (2014; 2020; 2021) nos ajuda a entender o que considerar em uma análise discursiva, o discurso como unidade, e como o poder está envolto na noção de verdade, discursos considerados verdadeiros que regem práticas discursivas e validam diferentes comportamentos. Na segunda seção, Foucault (2016) possibilita entender como os referidos discursos verdadeiros influem na construção da subjetividade dos sujeitos. Também nos valem de Silva, Hall e Woodward (2014) para traçar como tais discursos verdadeiros agem de modo a definir certos sujeitos e comportamentos, classificando alguns como normal/diferente, oposição criada sob a ideia de cultura. Na última seção, Collins (2019), Kilomba (2019) e Lorde (2020) apresentam o espaço ocupado pela mulher negra em nossa sociedade e como os discursos verdadeiros contribuem para sua classificação como minoria.

1.1 Enunciado, discurso e vontade de verdade

Michel Foucault foi um dos autores cujas proposições renovaram o modo de pensar os discursos que constroem a sociedade e suas relações com as instituições, os sujeitos e o poder. São características do pensamento foucaultiano desenvolvido ao longo das décadas de 1960 e 1980, a ruptura, a descontinuidade e a heterogeneidade. O autor instiga processos de desconstrução e questionamentos sobre conceitos que já pareciam estabelecidos. Os escritos do autor orientam o olhar crítico às dinâmicas sócio-históricas em acontecimento, mediadas pelo trabalho do discurso. A partir de Nietzsche, Foucault nos convida a ponderar, inclusive, sobre o conceito de verdade, questionando o estatuto de verdadeiro atribuído a certos discursos.

Uma proposta de análise discursiva arqueogenealógica une duas das três fases do pensamento Foucaultiano, a arqueológica e a genealógica. Seguindo a ordem cronológica popularizada, podemos falar da arqueologia, que seria a primeira fase, onde o autor (2020) estrutura um quadro que conecta unidades pertencentes aos domínios discursivo e não-discursivo, a exemplo do discurso, o sujeito, a história, o enunciado, as instituições etc.; e uma segunda fase, denominada genealogia, que concebe a constituição do sujeito, dos discursos, da verdade e as redes de poder que atravessam o corpo social e circulam entre os enunciados. Vinculados, os postulados de Foucault nessas duas fases oferecem uma possibilidade de analisar os discursos como algo histórico, envolvidos em uma trama que considera a singularidade dos enunciados e a possibilidade de transformação, ao mesmo tempo em que os conecta em um sistema de discursividade que reúne uma memória de coisas ditas pelos homens em diferentes momentos da história.

Em *A arqueologia do saber*, ao passo que Foucault (2020) vai compartilhando sua proposta para uma análise do discurso, também chamada de “descrição arqueológica” e “análise enunciativa”, vão sendo dispostas, como peças de um quebra cabeça, descrições do que entende por *enunciado*, *discurso* e *sujeito*, três das unidades elementares e interdependentes.

É importante, primeiramente, especificar a concepção de linguagem adotada por essa vertente. Aqui, a linguagem é considerada, existindo em um “dado enunciativo”, determinado e não infinito, o que permite que possamos decompô-la, descrevê-la e analisá-la (FOUCAULT, 2020). Logo nesta conceituação, vemos a noção de *enunciado*

ser referenciada. Foucault (2020) define o enunciado como sendo mais que um elemento, mais que uma estrutura, ele é uma função, passível de análise, que permite dizer algo,

é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, seguindo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação. (FOUCAULT, 2020, p. 105)

O enunciado e a enunciação realizam algo e fazem aparecer alguma coisa. Através do enunciado, podemos, por exemplo, dizer que algo é verdadeiro ou falso, em associação com algum outro enunciado, pois o enunciado pertence a uma rede e, sempre é considerado em relação a outros enunciados. É isso que nos permite dizer se a frase “nós corre” está correta ou incorreta, ou se “comer muito açúcar” é algo bom ou ruim. Essas construções são associadas ao campo adjacente de enunciações sobre a concordância em língua portuguesa, para o primeiro exemplo, e a alimentação saudável, para o segundo exemplo. Temos um enunciado à medida que ele está situado em um campo enunciativo que o rege e o relaciona com outros enunciados, com os quais concordará ou discordará.

A enunciação é descrita como “um acontecimento que não se repete, tem uma singularidade situada e datada que não se pode reduzir” (FOUCAULT, 2020, p.123). Assim, olhar para a singularidade do que constitui um enunciado será muito importante, pois um acontecimento enunciativo não se repete, mas se relaciona com enunciações passadas e futuras. A caminho de entender a singularidade do enunciado, Foucault (2020, p. 33) propõe que nos questionemos “Como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?”, complementamos “Por que este enunciado, e não outro em seu lugar?”.

A singularidade do enunciado, além de incluir as condições de existência que permitiram que aquele enunciado aparecesse, reporta que outras formas ele exclui, porque não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar (FOUCAULT, 2020).

Outras considerações podem ser feitas a respeito do que o autor entende por enunciado, destacamos algumas delas: 1. Ele é uma função que se apoia em conjuntos de signos, que requer para se realizar um referencial, um sujeito, um campo associado, uma materialidade; 2. Ele se delinea em um campo enunciativo, onde tem lugar e *status* que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual; 3. Ele deve ter existência material, o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data, esta materialidade o constitui e é parte de sua identidade; 4. Ele circula, serve,

se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema da apropriação ou de rivalidade.

Foucault define enunciado neste fragmento:

Chamaremos de *enunciado* a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras *performances* verbais, estar dotado, enfim de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2020, p. 130-131, grifos do autor).

Para o autor, enunciado pode ser entendido como uma função que, em ação, permite ao indivíduo assumir uma posição de sujeito, suscita o arquivo do discurso e coloca o que pode ser dito e o que não pode ser dito.

Um fragmento da série analisado a seguir pode nos ajudar a exemplificar como Foucault propõe que se trate o enunciado. No episódio 6, da primeira temporada da série *How to get away with murder*, a personagem Annalise, advogada criminal protagonista da referida série, tem a possibilidade de defender o caso de um homem negro que foi preso injustamente, ao ser acusado de matar sua namorada.

Figura 2- *How to get away with murder* e o conceito de vontades de verdade

<p>“How to get away with murder” – “Como defender um assassino” “Freakin’ Whack-a-Mole” – “Maldito esconde-esconde” 6º Episódio x 1ª Temporada 04’36”</p>	
<p><i>Annalise</i>: - Esse foi o primeiro caso que abriu meus olhos para o fato de que a justiça nem sempre premia quem diz a verdade, mas sim quem tem o poder de criar sua própria.</p>	
	

Neste enunciado, onde a personagem constata as injustiças no sistema jurídico, observamos como o enunciado se situa em uma trilha que o conecta a uma memória discursiva que possibilita que a personagem, através de uma referida posição de sujeito, fale sobre isso. O fato de que o caso em julgamento é de um homem negro que foi preso injustamente, ao ser acusado de matar sua namorada branca, suscita acontecimentos

discursivos em uma memória enunciativa onde é recorrente, na história afroamericana, a condenação injusta de homens negros e o alto encarceramento desse grupo demográfico.⁴

O enunciado de Annalise: “a justiça nem sempre premia quem diz a verdade, mas sim quem tem o poder de criar sua própria”, está alicerçado nesses fatos históricos. O sujeito negro e, principalmente, como a série escolhe evidenciar nesse episódio, os homens negros sofrem as consequências por não terem a possibilidade de criar sua própria verdade ou terem suas verdades validadas pelo sistema jurídico. Ao invés disso, são comumente punidos sob a verdade de outros que os atribuem como criminosos. Ademais, designa-se a essa personagem o poder de falar isso, pois Annalise ocupa nesse discurso uma posição sujeito de advogada que tem conhecimento sobre o funcionamento do sistema jurídico.

Seguindo a proposta do autor, a análise enunciativa pretende permanecer no próprio nível do enunciado. A ideia de que há algo “oculto”, “escondido” em um “nível mais profundo” é criticada por Foucault (2020), pois, para ele, deve-se questionar o próprio enunciado, buscando entender o que tornou possível o aparecimento daquele enunciado, olhando para os outros enunciados que dialogam com ele,

às coisas ditas, não pergunta o que esconde, o que nelas estava dito e não dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido, nenhuma outra em seu lugar. (FOUCAULT, 2020, p. 133)

Conceber o enunciado desta forma nos permite entender que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer época. Existem relações que “são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais, formas de comportamentos, sistemas de normas, técnicas, tipos de classificação, modos de caracterização” (FOUCAULT, 2020, p. 55) que permitem que uma determinada posição de sujeito diga algo. No quadro da análise do discurso, o enunciado é referenciado como um átomo do discurso.

Passamos agora a falar sobre o discurso, outra das unidades basilares para esta proposta de análise. Definir o discurso é uma tarefa difícil, uma vez que o discurso é algo

⁴ Dados estatísticos corroboram a informação da disparidade na proporção do sistema carcerário, enquanto quantitativo de brancos no sistema decresce, o de negros aumenta. De acordo com levantamento do 14º Anuário de Segurança Pública, em 2019, no Brasil, a cada três presos, dois são negros. Nos Estados Unidos, 1 a cada 81 adultos negros estão encarcerados, sendo a proporção em prisões estaduais de negros cinco vezes mais que a de brancos. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2021/10/13/politics/black-latinx-incarcerated-more/index.html>> e <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>> .

que não podemos apreender com facilidade, está em constante transformação, não tem uma materialidade fixa, ademais, variadas são as definições do termo nos estudos linguísticos. Maingueneau (2015) disserta sobre essa dificuldade ao mencionar a instabilidade na própria noção de discurso, uma noção que atravessa múltiplos campos do saber. No entanto, podemos começar dizendo que este é constituído por um conjunto de enunciados. Foucault (2020, p. 131) define: “o termo discurso poderá ser fixado: conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação; é assim que poderei falar do discurso clínico, o discurso econômico, do discurso da história natural, do discurso psiquiátrico”.

A unidade do discurso, o discurso sobre um determinado objeto, é constituído por um jogo de regras que “tornam possível, durante um dado período, o aparecimento dos objetos” (FOUCAULT, 2020, p.40). Para melhor entender o funcionamento do discurso, vamos ilustrar essa dinâmica com um exemplo do discurso do movimento negro. Existia uma continuidade em relação às instituições que mantinham o sujeito negro em uma posição marginalizada (a exemplo da baixa escolaridade, encarceramento em massa, violência policial e médica etc.). À medida que o discurso dos direitos humanos foi sendo popularizado, temos enunciações e reflexões sobre (des) igualdade na memória das vivências dos sujeitos e lutas sociais e conferência do direito de escuta para o que o sujeito negro tem a dizer. Esses movimentos forjam uma ruptura que propicia o surgimento de um novo objeto de discurso, “o discurso do movimento negro”.

Por sua vez, a prática discursiva, como “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica, ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2020, p. 144), é o “lugar onde se forma ou se deforma, onde aparece e se apaga uma pluralidade emaranhada – ao mesmo tempo superposta e lacunar – de objetos” (FOUCAULT, 2020, p. 59).

De modo circular, as práticas discursivas do discurso do movimento negro obedecem às regras formuladas por este discurso, mas também poderão formular descontinuidades para este discurso. O autor elucidada que o estudo dos discursos está no olhar para a ruptura que se associa ao surgimento de novos objetos de discurso:

A unidade dos discursos sobre a loucura não estaria fundada na existência do objeto "loucura", ou na constituição de um único horizonte de objetividade; seria esse o jogo das regras que tornam possível, durante um período dado, o aparecimento dos objetos: objetos que são recortados por medidas de discriminação e de repressão, objetos que diferenciam na prática cotidiana, [...] Além disso, a unidade dos discursos sobre a loucura seria o jogo as regras que

definem as transformações desses diferentes objetos, sua não identidade através do tempo, a ruptura que neles produz, a descontinuidade interna que suspende sua permanência. De modo paradoxal, definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, aprender todos os interstícios que os separam, medir as distâncias que reinam entre eles - em outras palavras, formular sua lei de repartição (FOUCAULT, 2020, p. 40-41).

Quando um objeto surge para um discurso, temos uma delimitação daquele discurso. Observar o acontecimento do discurso, o discurso em sua instância, nos possibilita entender onde surgiram os objetos para aquele discurso, onde, por exemplo, o discurso delimita seu domínio, define aquilo de que fala, especifica e diferencia este objeto de outros.

O discurso também contém um domínio de memória, onde estão reunidos enunciados passados que, mesmo com sua singularidade enunciativa, ligam-se a enunciados atuais e enunciados futuros. A partir do que está acumulado na memória discursiva, podemos dizer algo, concordando ou discordando do que foi dito. O discurso não é estanque, é ativo, e a prática discursiva sempre se associa a algo que está na memória discursiva, o que caracteriza entre os enunciados de um discurso “laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (FOUCAULT, 2020, p. 69).

Além disso, Foucault (2020) estabelece certos tipos de elementos que se relacionam ao discurso, a exemplo do *status* do discurso e de quem fala, lugar institucional onde este discurso circula, como o discurso enquanto prática estabelece certos tipos de relações. Desse modo, podemos entender como o trabalho do discurso influi no domínio não-discursivo. A prática discursiva segue uma determinada ordem que mantém certos tipos de relações entre os sujeitos, atribui a cada sujeito um lugar, dependendo de qual lugar ele assume naquele discurso, reforça certas ideias,

Os discursos estão em relação entre si. Esse campo onde eles se relacionam, a formação discursiva, permite que um conjunto de discursos sigam uma “lei”. Para Foucault (2020), dentro da formação discursiva, existe um jogo de relações que constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um dado discurso, um certo número de enunciados, há sistematizações conceituais, encadeamentos enunciativos, grupos e organizações de objetos que teriam sido possíveis, mas que são excluídos.

A forma que o discurso se relaciona com o sujeito deve ser frisada, o sujeito não é independente do discurso, consciente do trabalho do discurso sobre ele, capaz de se

apropriar do discurso. Para o autor, no discurso, o sujeito está disperso, descontínuo, e a posição que um indivíduo ocupa de um enunciado a outro, pode não ser a mesma.

Foucault explica a função sujeito:

na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e, na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 2020, p. 113)

Sempre que temos um enunciado, podemos assinalar uma posição de sujeito a quem fala sob aquele enunciado, uma vez que o sujeito “aceita o enunciado como sua própria lei” (p. 115). Para enunciar algo, o indivíduo deve entrar na ordem do discurso, ocupando uma determinada posição. Assim, Foucault (2020, p. 116) determina que cabe a quem analisa questionar, “qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo” para ser sujeito daquele enunciado?

Foucault (2014) discorre sobre a produção do discurso e os procedimentos que conjuram os poderes e perigos do discurso e dominam seu acontecimento. Dentre esses procedimentos, responsáveis por controlar, selecionar e organizar o discurso, o autor cita a oposição do verdadeiro e do falso, que será um dos pontos que situa a noção de vontades de verdade.

Segundo o autor, a oposição entre verdadeiro e falso é parte da produção do discurso e é historicamente construída. É importante entender o valor da noção de verdade, o discurso verdadeiro é aquele pelo qual temos respeito e a constituição de um discurso como verdadeiro garante certo poder a quem o profere, destinamos a escuta para quem pronuncia a verdade. Foucault (2014) diz que o discurso verdadeiro é aquele ao qual é preciso submeter-se, ele pronuncia a justiça e atribui a cada qual sua parte.

É a partir de Nietzsche que Foucault traz a reflexão sobre a oposição “verdadeiro x falso” para a análise do discurso. Nietzsche (2007) propõe, inicialmente, alguns questionamentos sobre verdade e mentira e como essas marcas são necessárias para a existência humana. O autor discorre sobre a arbitrariedade das designações, inclusive nas nomeações das coisas. Por exemplo, quando nomeamos algo, há a crença de uma essência intrínseca àquilo que permitiu essa nomeação. Mediante essa premissa, o autor coloca o conceito de “metáforas”, elucidando que as essencialidades que o homem atribui na conceituação das coisas em sua volta não passam de criações do homem, “metáforas” nesse sentido.

“Acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neve e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das coisas, que não correspondem, em absoluto, às essencialidades originais.” (NIETZSCHE, 2007, p. 33-34). As verdades vão sendo estabelecidas sob a ideia daquilo que é essencial, e trabalhando de modo a estabelecerem conceitos que, uma vez aceitos amplamente, aprisionam em uma única metáfora.

Nietzsche (2007, p. 31) passa a explicar a verdade através da linguagem, “a ‘coisa em si’ (ela seria precisamente a pura verdade sem quaisquer consequências) também é, para o criador da linguagem, algo totalmente inapreensível e pelo qual nem de longe vale a pena esforçar-se”. Para ele, a verdade, assumindo a ideia de algo próprio, essencial, uma vez descoberto, inquestionável, é construída pelo homem e, por esse motivo, inapreensível, passa assim a ser questionável, pois a construção humana das “verdades” é motivada por alguma razão.

Para o autor, a natureza, em si, desconhece quaisquer tipos de conceituações, as verdades são criadas na mente humana por meio das quais o pesquisador, o filósofo trabalha e edifica suas ciências. Poderíamos, assim, dizer que a “verdade” serve para aprisionar, dominar o que há na natureza para que o homem possa ter alguma forma de controle.

Além disso, “todo conceito surge pela igualação do não-igual” (NIETZSCHE, 2007, p. 35). Desse modo, temos “a mentira”, “o falso”. O filósofo comenta sobre a arbitrariedade da criação do verdadeiro/falso:

O conceito de folha é formado por uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo, que fosse ‘folha’, tal como uma forma primordial de acordo com a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, contornadas, coloridas, [...] como cópia autêntica da forma primordial (NIETZSCHE, 2007, p.35-36).

Mediante o que o homem estabelece como “verdade”, temos o contraponto “falso”, visto que em tais designações já se estabelece um parâmetro de comparação, por meio do qual podemos dizer o que é verdadeiro e o que é mentira. Assim, conforme o autor, igualamos por omissão do desigual e passamos a designar as coisas.

Ao refletir sobre o discurso verdadeiro, podemos rapidamente associar a verdade ao poder. Para Foucault (2014, p. 14), o discurso verdadeiro é “o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para sua realização, provocava a decisão dos homens e tramava assim com o destino”. A noção de

verdade influi na ação dos homens, é parte das dinâmicas de poder, pois a cisão entre o que é verdadeiro e o que é falso é vista como um procedimento de exclusão que deixa o falso fora da ordem do discurso.

Nietzsche (2007, p. 37) também já falava sobre o “impulso à verdade”, da “obrigação de ser veraz”, visto que “a sociedade, para existir, institui, isto é, de utilizar metáforas habituais; portanto, dito moralmente da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório”. “Mentir” aqui, aparece no sentido de “reproduzir verdade”, conforme o que é estabelecido como aceito por todos em uma determinada instância.

Pensando na instituição acadêmica, podemos entender melhor esse procedimento de exclusão, analisando como as dinâmicas de poder estão envolvidas na ideia de verdade e na obrigação de ser veraz. Podemos citar como o discurso médico já enunciou o negro como uma raça inferior e a mulher como sexo frágil. Essas enunciações foram consideradas verdade por um tempo e ao passo que atribuímos ao discurso médico um saber-poder, somos capazes de entender como essas afirmativas são validadas, deixando de fora esses sujeitos que passam a ser vistos como “anormais” e marcando discursos que se opunham a essas ideias, como falsos.

Foucault menciona que a divisão entre verdadeiro e o falso dá forma a vontade de saber, pois a verdade

apoia-se sobre um suporte institucional. [...] ela é reconduzida, mais profundamente, sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. [...] Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional, tende a exercer sobre os outros discursos - estou sempre falando de nossa sociedade - uma espécie de pressão e como que um poder de coerção (FOUCAULT, 2014, p.16-17).

Os saberes que circulam em nossa sociedade são moldados pela dinâmica verdadeiro/falso e essa moldagem ressoa, significativamente, no imaginário social e nas instituições. Mediante ao *status* de verdade atribuído a cada um desses saberes, acontece uma ordenação daquilo que está dentro/fora. As vontades de verdade servem como parâmetro para classificar os sujeitos em nossa sociedade, autorizando a fala de uns e restringindo a de outros. A verdade se configura como instrumento de manipulação, conformidade e silenciamento em nossa sociedade.

Ponderando sobre esse procedimento de exclusão efetuado pela verdade, Foucault fala sobre “vontades de verdade”, ao invés de “verdade”:

Como se para nós a vontade de verdade e suas peripécias fossem mascaradas pela própria verdade em seu desenrolar necessário. [...], na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo se não o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la. Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, [...] (FOUCAULT, 2014, p. 19-20).

Ruiz (2004) define que a constituição histórica da verdade é atravessada pelos interesses de quem a formula. Além de constituir a verdade, são constituídos mecanismos para que esta seja validada como algo incontestável. Para ilustrar isso, evocamos novamente os fios históricos do discurso racista. A vontade de verdade que classificou o sujeito negro como inferior, que dispôs como um dos mecanismos de validação a medida dos corpos do homem, diferentes tamanhos de crânios do sujeito negro e do sujeito branco, por exemplo, serviu para legitimar aquele discurso.

Nietzsche também dirá que o impulso à verdade é natural para o homem enquanto sujeito criador. “Como um meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se” (NIETZSCHE, 2007, p.27). Vendo por esta ótica, podemos entender que a vivência humana é líquida, insegura e a criação das verdades e viver através delas, alicerçariam a incerteza que permeia a vida humana, pois, “não se pode renunciar nem por um instante, já que, com isso, renunciar-se-ia ao próprio homem” (NIETZSCHE, 2007, p.46).

O que Nietzsche denomina “impulso à verdade” e Foucault, “vontades de verdade”, ainda que surjam do intelecto humano sob a dissimulação de algo que seria “natural”, têm a função de preservar indivíduos contra “outros”, criam a ideia de rebanho e sociedade, pois os homens que produzem a mesma verdade, unem-se. As ilusões e metáforas, segundo o autor, passam por um processo de esquecimento que fazem com que se estabeleçam como verdade.

Nietzsche (2007, p. 30) disserta que “o homem também quer apenas a verdade. Ele quer as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida [...] frente às verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras ele se indispõe com hostilidade, inclusive”. A vivência desenvolve em torno daquela verdade que o tornará “parte de algo”, que efetua uma separação entre ele e as incertezas, entre ele o que está do lado de

fora. Essa sensação de pertencimento, moldada pela produção da verdade, é de suma importância, uma vez que também abre possibilidade para organização das coisas do mundo.

O discurso do racismo biológico tratou-se então de uma vontade de verdade que, ao exercer seu poder, exigia que as instituições reproduzissem tal discurso verdadeiro, que naturalizava a classificação de certas raças como inferiores e a submissão de diversos grupos étnico-raciais a um processo de genocídio, escravidão e marginalização. Vestígios históricos dos efeitos do poder exercidos por essa vontade de verdade afetam sujeitos pertencentes a grupos minoritários ainda hoje. Desse modo, cabe questionar como as vontades de verdade silenciam certos sujeitos?

Observemos que a referida proposta foucaultiana sobre vontades de verdade é fundamental em nossa contemporaneidade. Ela já se configura como caminho para transformação e deslocamento desse lugar de conformidade sob discursos verdadeiros que excluem. Mudanças na nossa sociedade, impulsionadas pelas práticas discursivas dos sujeitos, podem configurar modificações nos princípios de exclusão nos discursos, que fazem aparecer novas possibilidades para as formações discursivas.

As vontades de verdade que circulam em nossa sociedade atribuem, através do discurso, um espaço que ordena e comanda os indivíduos. Assim, para entrar na ordem do discurso, o indivíduo deve seguir o que é estabelecido por aquela vontade de verdade. Por exemplo, à medida que o discurso capitalista veicula uma vontade de verdade tal qual a meritocracia, o indivíduo que quer entrar na ordem deste discurso, deve acreditar e enunciar esta verdade.

Para ser sujeito de um discurso, deve-se produzir a vontade de verdade estabelecida por ele. Ruiz (2004) nos fala sobre “sintonia”, um mecanismo no qual o sujeito procura sintonizar com aquilo que está definido como verdadeiro, procura se inserir nos modos produtivos do poder, para poder acender as vantagens oferecidas pelo poder vigente.

Deste modo, temos um processo em que o discurso convoca os indivíduos a produzir sua vontade de verdade. Ao sintonizar com aquele discurso e seguir o que é estabelecido por ele como verdadeiro, as próprias práticas discursivas do sujeito, em referência àquilo que ele enuncia filiado a certos discursos hegemônicos, vão mantendo as vontades de verdade. O autor também chama atenção para a consciência do indivíduo. Ele sabe que a verdade está envolta nas redes de poder e à medida em que sintoniza com aquela verdade, entrará na ordem daquele discurso, podendo progredir na estrutura.

Esse olhar para o discurso, que orienta a análise do *corpus* desta pesquisa, reúne esses conceitos e propõe-se a olhar para a materialidade discursiva no que a torna singular, em conexão com o que é histórico para aquele discurso, os movimentos de retorno e atualizações dos discursos envolvidos, as posições de sujeito e como os indivíduos se modulam para entrar em determinada ordem do discurso, as vontades de verdades ali vinculadas e as dinâmicas de poder que influem os discursos.

Na seção seguinte, damos continuidade a essa discussão, procurando entender como os efeitos das vontades de verdade na constituição dos sujeitos e como os discursos verdadeiros influem na relação dos sujeitos consigo mesmo e com os outros. Observaremos como os discursos considerados verdadeiros tem o poder para criar a oposição natural x diferente, especialmente na classificação do sujeito mulher negra.

1.2 O peso da verdade – As tecnologias de si na constituição do sujeito mulher negra

O conceito de verdade é muito valioso em nossa sociedade, influi diretamente nas constituições de tudo aquilo que nos cerca. Quando um discurso é classificado como verdadeiro, essa verdade que o fundamenta rege a forma que os sujeitos se relacionam. Podemos dizer que, em nossa sociedade, existem batalhas pelo estatuto da verdade que são motivadas pelos poderes atribuídos aos discursos verdadeiros, que, também, compõem as lentes pelas quais os sujeitos percebem a si mesmos, os outros, o mundo em sua volta.

Foucault (2016) discute as noções de verdade e discursos verdadeiros e como esses influem na constituição dos sujeitos, suas relações e na subjetividade. Para o autor, verdade e sujeito são interdependentes, o conceito de verdade só existe mediante um sujeito que possa acreditar nela. Por outro lado, a verdade é propagada pelos discursos que auxiliam na constituição dos sujeitos.

Em nossa sociedade, existe uma economia dos discursos que circulam que garante que alguns sejam considerados como discursos verdadeiros. Esses discursos são reconhecidos como verdadeiros pelos sujeitos. Essa relação verdade-sujeito acontece de forma cíclica, pois ao passo que reconhecemos discursos como verdadeiros, corroboramos com o peso dessa verdade. Podemos citar, a título de exemplo, o discurso do evolucionismo que afirma a existência de um processo evolutivo, onde os seres humanos são resultado de melhoramentos progressivos e contínuos. Esse discurso detém

certa estabilidade em nossa sociedade, uma vez que grande parte dos sujeitos aceitam e reconhecem esse discurso como verdadeiro.

Diante disso, Foucault questiona:

Que experiência fazemos de nós mesmos a partir do momento em que esses discursos existem? E em que a experiência que temos de nós mesmos se vê formada ou transformada pelo fato de haver, em algum lugar de nossa sociedade, discursos que são considerados como verdadeiros, que circulam como verdadeiros e que são impostos como verdadeiros, a partir de nós mesmos enquanto sujeitos? (FOUCAULT, 2016, p. 12)

Esses discursos que carregam o peso da verdade podem ter função coerciva ou libertadora, pois produzem “no sujeito o reconhecimento do fato de haver sobre ele uma verdade a ser dita, uma verdade a ser buscada, ou uma verdade dita, uma verdade imposta” (FOUCAULT, 2016, p. 12). Foucault cita vínculos de obrigação que nos conectam a esses discursos de verdade, ou seja, devemos sempre responder uma demanda que nos obriga a reproduzir a vontade de verdade estabelecida, muitas vezes, vontades de verdade sobre nós mesmos.

O olhar como esses discursos verdadeiros influem sobre o sujeito e sua percepção de si mesmo revela a relação subjetividade-verdade. A partir disso, o autor adota uma perspectiva histórico-filosófica que indaga: quais efeitos tem sobre essa subjetividade e a existência de um discurso que pretende dizer a verdade a respeito dela? Uma vez que temos em mente os vínculos de obrigação com os discursos verdadeiros que nos acompanham, podemos pensar sobre como o sujeito percebe a si mesmo e os outros, uma vez que sua percepção do mundo está alicerçada por discursos verdadeiros.

Foucault (2016) chama atenção para os efeitos dos discursos verdadeiros na subjetividade, na relação do sujeito consigo mesmo, na forma como age e o que deve fazer ou não, mas também em sua relação com outros sujeitos, que também é estruturada pela existência dos discursos verdadeiros. Podemos pensar sobre como certas vontades de verdade que circulam em nossa cultura, que marginalizam e excluem certos sujeitos, estruturam a relação que estes têm consigo mesmos e como os percebemos, na maioria das vezes, como aqueles que não são pertencentes, não podem falar, não merecem ter sua voz escutada.

Mediante isso, Foucault disserta sobre a subjetividade:

A subjetividade não é concebida a partir de uma teoria prévia e universal do sujeito, não é relacionada com uma experiência originária ou fundadora, não é relacionada com uma antropologia que tenha um valor universal. A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação

que ela tem com sua própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade (FOUCAULT, 2016, p. 13).

Para o autor, subjetividade e verdade estão em uma relação dicotômica, que também inclui o trabalho discursivo. Uma vez que é o discurso que constitui o sujeito, mediando a posição que este ocupa, o que pode dizer ou não, também é o discurso que efetiva os sistemas de obrigações que exigem a enunciação da verdade. Foucault defende que a verdade atua como obrigação e cabe ao sujeito produzi-la, aceitá-la ou submeter-se a ela.

Segundo Fernandes (2014), a concepção foucaultiana de sujeito se associa às contestações de Marx e Nietzsche e suas propostas que causam uma ruptura com o ideal do sujeito originário, racional, autônomo. A partir da problematização desses filósofos, o sujeito passa a ser definido por algo exterior a si, e não como originário de sua interioridade (FERNANDES, 2014).

O trabalho do discurso envolve a constituição de táticas e instrumentos que produzem a subjetividade dos sujeitos.

As reflexões arroladas por Foucault mostram que o sujeito é produzido, subjetivado, em cada época, pelos discursos e dispositivos do momento, em relação com a descontinuidade própria da história. [...] Os preceitos da moral, assim como as construções da verdade, da qual o sujeito intenta apoderar-se, são discursivamente mobilizados, e os discursos, em suas formas práticas, recrutam os sujeitos possibilitando-lhes sua constituição e a produção da subjetividade. [...] A maneira de ser de um sujeito, ou seja, seu *ethos* é produzido e modificado por movimentos exteriores a ele, por discursos que o capturam (FERNANDES, 2014, p. 116-118, grifos do autor).

A subjetividade dos sujeitos é um efeito de poder promovido pelo discurso. Uma vez que um sujeito é convocado a ocupar sua posição por um discurso, ele não só é movido a reproduzir as vontades de verdade daquele discurso como sua lei, mas passa a ser constituído por aquele discurso, o que lhe confere um *status* específico, uma posição, que lhe garante ou lhe nega poderes para falar de algo.

Os objetos dos discursos estabelecem com os sujeitos relações de rejeição ou aceitação, ou jogos complexos de recusa e aceitação, valorização e desvalorização. Foucault (2016) situa esse ponto através de seus objetos de interesse: sexualidade, criminalidade e loucura. Para ele, estabelecemos relações de rejeição com a criminalidade e loucura, pois os discursos verdadeiros os propagam como algo negativo, mas a sexualidade tem uma relação mais complexa de recusa e aceitação. Enquanto o essencial do discurso verdadeiro sobre a criminalidade e a loucura são feitos por um sujeito do exterior, outro que tinha o poder de julgar alguém como louco ou criminoso, a sexualidade

estabelece uma relação na qual o sujeito fala sobre si mesmo. O discurso é institucionalizado pela confissão.

O autor estabelece que:

Nos casos já citados (loucura, doença, morte, crime etc.) o problema era: qual experiência podemos fazer de nós mesmos e dos outros, a partir do momento em que há alguém que tem o direito de dizer: ‘Este aqui é louco, você está doente, fulano é um criminoso’? Com a sexualidade, o problema que quero colocar é o seguinte: qual experiência podemos fazer de nós mesmos, que tipo de subjetividade está ligado ao fato de termos sempre a possibilidade e o direito de dizer ‘Sim, é verdade, eu desejo’?. [...] nas sociedades que nos dizem respeito e as quais estamos ligados por laços de parentesco cuja solidez será preciso examinar, de que maneira o sujeito foi chamado a manifestar-se e a reconhecer a si mesmo, em seu próprio discurso, como sendo em verdade sujeito de desejo (FOUCAULT, 2016, p. 15).

Diante do estabelecido pelo autor, conduzimos a discussão para a posição do sujeito mulher negra. Podemos ponderar a respeito de que obrigações ela deve aos discursos verdadeiros que circulam e como isso afeta sua subjetividade. O essencial do discurso verdadeiro sobre a mulher negra é feito por um sujeito do exterior que a define, muitas vezes, sob significações negativas. Nesse âmbito, a força, o ser forte, figura como algo essencial desse sujeito, mas além disso, algo desejável em sua relação consigo mesmo e com os outros. Esse sujeito faz uma experiência de si na qual se reproduz como forte, ao passo que os outros esperam que ela seja forte.

Temos assim, os processos de objetivação e subjetivação da mulher negra em nossa sociedade. Foucault estabelece a objetivação, como tecnologia de si, mediante seus objetos de interesse, o desejo e a sexualidade. De acordo com o filósofo:

o desejo que incessantemente faz com que eu, como sujeito da atividade sexual, seja tentado, levado, impelido a fazer minha atividade sexual extravasar para meu status de indivíduo dotado de um sexo [...] É esse desejo, [...] que devo controlar e dominar, que devo observar e levar em conta [...]. O desejo é isolado como elemento que vai ancorar a subjetivação [...]: é em forma de desejo que vou estabelecer minha relação permanente que tenho com meu próprio sexo. E é em forma de desejo, [...] que vai ser objetivado em mim o que pede para ser controlado, dominado e conhecido. (FOUCAULT, 2016, p. 258-259)

A objetivação aparece como controle de si, na relação de si consigo mesmo. Em relação à sexualidade, um de seus objetos de interesse, o autor disserta sobre a existência de um sujeito que precisa ser dominado, ao passo que temos um elemento que precisa ser controlado:

É preciso uma consideração permanente de si por si, é preciso que o indivíduo constitua no interior de si a atividade sexual, ou melhor, o princípio, a raiz mesma da atividade sexual como objeto de um controle, [...] não está em causa o indivíduo medir ele mesmo sua própria atividade, e sim operar em si mesmo,

tornar-se objeto para si mesmo, de maneira a garantir cuidadosamente essa separação e esse controle. Temos aí o princípio que poderíamos chamar de objetivação. (FOUCAULT, 2016, p. 259)

Esse controle mediado pela objetivação na relação de si consigo mesmo é mediado pelos discursos verdadeiros. No caso da sexualidade, são priorizados discursos que impelem as tecnologias de si a controlarem certos tipos de atividades sexuais e censurarem o elemento do desejo. Situando essa discussão sobre a objetivação, como tecnologia de si, em torno de nosso objeto de interesse, o sujeito mulher negra, refletimos mediante Foucault (2016): “Qual o elemento necessário a ser controlado?” e “Qual é o sujeito, o princípio de atividade que é preciso dominar e o elemento que é preciso conhecer como objeto?”. Na relação força/vulnerabilidade, a vulnerabilidade aparece como elemento que é necessário ser controlado, os discursos verdadeiros impelem esse sujeito a reprimir qualquer expressão de fraqueza.

Podemos indagar, como sugere Foucault (2016), “em torno de que esse discurso verdadeiro sobre a mulher negra se organizou?” e “de que maneira o sujeito foi chamado a manifestar-se e a reconhecer a si mesmo como sendo em verdade sujeito deste discurso?”. A mulher negra forte como discurso verdadeiro foi algo construído historicamente e institucionalizado como tal. No segundo capítulo da dissertação, trazemos uma discussão mais ampla sobre os fios históricos que constroem o como e porquê da mulher negra forte. Nessa sessão, nos valem da discursivização desta força para a mulher negra e dos discursos verdadeiros que auxiliam na subjetivação desse sujeito.

Citamos alguns autores dos estudos culturais que dizem que atribuir certos tipos de práticas à cultura é um movimento que valida certas questões que constituem vontades de verdade. Isso pode ser embasado em relações de poder, pois um seletivo grupo de pessoas têm poder para incluir o que pode ser considerado parte da cultura de um povo e/ou o que não pertence aquela cultura. Eagleton (2005, p. 58) nos diz que “a cultura significa o domínio da subjetividade social”. Acreditamos que deter esse domínio nas mãos pode ser visto como movimento de coerção social, ao passo que estabelece quais práticas, interpretações do mundo, modos de viver receberão a alcunha de “natural” ou “comum” atrelados a subjetividade da sociedade. É o mesmo movimento que coloca a força como algo natural para a mulher negra.

Hall (2014) contribui com essa discussão de como os construtos atrelados aquilo que é cultural constituem as identidades, as vontades de verdade sobre as identidades de

modo a organizá-las. Partindo de uma definição do que seria representação, chegamos à necessidade da diferença para a identidade dos sujeitos, sua definição e classificação entre aqueles que estão de dentro e os que estão do lado de fora.

A diferença é um aspecto que está inserido nas representações, algo estabelecido e atribuído de forma arbitrária para a identificação dos sujeitos. A construção das identidades dos sujeitos é efetuada levando em consideração a construção da diferença. Embora as diferenças atribuídas as identidades dos sujeitos também sejam arbitrárias, são constituídas pelo trabalho discursivo e associam-se a um discurso da cultura que atribui uma essência a cada identidade.

Encontramos em Hall (2014, p. 106) um esclarecimento do que é identidade e identificação: “a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos de pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”. O autor traz a concepção de jogo da diferença para explicar como a identidade funciona: “ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui”.

Silva (2014) afirma que identidade e diferença são resultados de atos da criação linguística, não são elementos da natureza, têm que ser ativamente produzidas, nomeadas por alguém. E é justamente neste processo de nomeação de identidades, dentro da cultura, que entendemos a sua relação com a representação. A criação de uma identidade envolve a inclusão de características desejáveis, o que é positivo, bonito. Envoltas nesse processo de criação da identidade, justamente vemos as relações de poder agirem, definindo quem será classificado como diferente dentro daquele sistema de representação.

Woodward (2014) nos esclarece justamente esse ponto relacional entre cultura e representação para a criação das identidades. Segundo a autora,

[...] as culturas fornecem sistemas classificatórios, estabelecendo fronteiras simbólicas entre o que está incluído e o que está excluído, definindo, assim, o que é uma prática culturalmente aceita ou não. Essa classificação ocorre, por meio da marcação da *diferença* entre categorias. (WOODWARD, 2014, p. 55)

Entendemos que a identidade é relacional, ela depende, para existir, de algo fora dela: outra identidade, de uma identidade que ela não é. Entretanto, frisamos aqui, que a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. Para explicar o “social”, recorreremos a Silva (2014), que nos diz que identidade e diferença são resultados de atos

da criação linguística, não são elementos da natureza, têm que ser ativamente produzidas, nomeadas por alguém.

Ao lançar um olhar para as identidades criadas em nossa sociedade, prontamente, nos deparamos com dualismos, dicotomias, oposições binárias. Tais oposições são culturalmente criadas, com claros objetivos de representar, atribuir imagens negativas a dados grupos, “[...] os termos que formam esses dualismos recebem pesos desiguais, estando estreitamente vinculados a relações de poder” (WOODWARD, 2014, p.55).

O que Hall (2016, p. 41) faz questão de elucidar é que “o sentido *não* está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos *na* palavra. Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável”. Aqui, podemos marcar um ponto de encontro entre o que Hall diz sobre representação e o que Eagleton (2005) frisa sobre a noção de ‘cultura’, discutida na seção anterior.

A noção de “natural” é colocada sobre a forma como representamos as identidades em nossa sociedade e sobre o que é validado em uma cultura, para mascarar a ação das relações de poder. Quando dizemos que é natural agir de certo modo em uma cultura ou que é natural que o sujeito “negro” seja visto como diferente, por exemplo, são apagadas as ações em prol de um grupo que detém o poder. Os autores nos ajudam a entender que, em relação à cultura e à representação, há o trabalho de alguém com poder que organiza, fixa o caráter de “natural” a esses elementos, para manter certos tipos de *status* e paradigmas.

Vai se definindo, por meio da instauração de uma vontade de verdade, o que é a essência de determinada cultura, além disso, qual a essência das identidades dos sujeitos. Podemos associar a isso as correntes de pensamento essencialistas sobre as quais nos falam Silva, Hall, Woodward (2014). Tais correntes propagam a ideia de que as características associadas as identidades são parte de sua “essência”. A ideia de “essência” aparece aqui como a verdade intrínseca, natural, prévia, aquela identidade. Vão sendo assim, fixadas certas características a certos sujeitos. Uma vontade de verdade que diz que a mulher é sentimental é validada por um mecanismo que propaga a ideia do que é essencial àquela identidade.

Através de Silva, Hall, Woodward (2014), situamos o local ocupado pelo sujeito mulher negra em nossa sociedade. De acordo com os sistemas de representação, esse sujeito, por ser classificado como diferente, é colocado “fora” pelos efeitos de fronteira. Em comparação com outros sujeitos “homem branco”, “mulher branca”, “homem negro”,

a mulher negra é vista como aquela que carrega um “duplo fardo”, de raça e gênero, que a marca como diferente, conforme disserta Kilomba (2019):

"raça" e gênero são inseparáveis. "Raça" não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da "raça". A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de "raça" e na experiência do racismo. [...] as mulheres *negras* habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da "raça" e do gênero, o chamado "terceiro espaço" (KILOMBA, 2019, p. 94- 97).

Podemos ponderar sobre a posição daquele sujeito que é marcado como diferente em nossa sociedade, questionando “como este é visto?”; “o que é permitido que ele fale ou faça?”; “em que locais ele será aceito?”. A criação da diferença dentro dos sistemas de representação segue determinadas relações de poder⁵. Assim, muitas vezes, as mulheres negras têm sua presença rejeitada, sua voz silenciada, por carregar consigo o *status* do que é diferente. Na seção seguinte, especificaremos esse debate sobre o *status* da mulher negra nos discursos que circulam em nossa sociedade e como o poder influencia as vontades de verdade que definem a mulher negra como diferente.

O essencial do discurso verdadeiro para a mulher negra é que ela seja forte, por estar em oposição binária com a mulher branca, aquela que ocupa uma posição de fragilidade. Essa afirmativa, amplamente propagada pelo discurso, constitui a forma como esse sujeito se relaciona consigo mesmo, ou seja, sua subjetividade. A mulher negra é constituída por esse discurso e tem a obrigação de reproduzir essa verdade sobre si mesma, dispor e construir ferramentas que coadunem como mulher forte. Do mesmo modo, isso afeta sua relação com os outros, que a veem como forte e esperam que ela seja forte. A obrigação de reprodução dessa verdade aparece como algo natural, o movimento discursivo de apagamento do seu trabalho coercivo, sob a vontade de verdade daquilo que é cultural.

1.3 A vivência em alteridade – A discursivização da mulher negra

Através dos fios históricos, resgatamos que a criação da diferença foi usada para justificar tipos de opressão contra os sujeitos pertencentes a grupos minoritários, ou seja, foi usada para conceber o próprio surgimento da ideia de minoria social. Nesta seção, direcionaremos nossa atenção ao sujeito mulher negra, como em sua trajetória a implementação da escravidão, seguida de processos como a marginalização e o

⁵ Traremos uma discussão mais ampla sobre o poder e seu funcionamento no discurso na seção 1.3, do capítulo 2

silenciamento se dão sob o modelo capitalista e também se desenvolvem sob as vontades de verdade atreladas ao discurso desse objeto. Vemos em uso o discurso da diferença, que dispõe um jogo que coloca o sujeito mulher negra sempre do lado de fora.

Linguagem e ciência trabalham na construção de conceitos e verdades que organizam as coisas do mundo, permitem sua compreensão, servem de mediação para que se entenda as coisas. Sobre isso, Nietzsche diz que

opera a ciência irrefreadamente sobre aquele enorme columbário de conceitos, cemitério das instituições, sempre construindo novos e mais elevados pavimentos, escorando, limpando e renovando os antigos favos, esforçando-se, sobretudo, para preencher essa estrutura colossalmente armada em forma de torre e ordenar em seu interior o mundo empírico inteiro. (NIETZSCHE, 2007, p. 46)

Visto que as vontades de verdade são criadas de encontro aos interesses de instituições e sujeitos específicos, em ação, estas trabalham a seu serviço para ordenar as coisas “em seu lugar”, conforme observa Nietzsche (2007) As definições de “diferente”, “estrangeiro” e “outro” são imperativas para este tipo de organização e classificação dos sujeitos em sociedade. Notamos que o sujeito negro é discursivizado sob essas alcunhas que determinam seu *status* nos discursos, que posições pode ocupar, o que pode falar.

A definição deste como “diferente”, sob sinônimos como: estrangeiro, o outro, tem poder na organização, classificação, determinação dos papéis dos indivíduos em sociedade. O lugar essencial ao sujeito negro é o do espaço de “fora”. As mulheres negras vivem sob uma especificidade em que “habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da ‘raça’ e do gênero, o chamado terceiro espaço” (KILOMBA, 2019, p. 97). O sujeito mulher negra têm em sua construção duas determinantes marcações, referentes a gênero “mulher” e raça “negra”, que lhe conferem uma “dupla marcação”, daquele que “está de fora”.

Conforme encaminhamo-nos na discursivização da mulher negra, é imperativo afirmar que a identidade deste sujeito é constituída sob uma intersecção de marcas que devem ser consideradas em conjunto. Kilomba declara que

raça e gênero são inseparáveis. “Raça” não pode ser separada do gênero nem gênero pode ser separado de “raça”. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de “raça” e na experiência do racismo. (KILOMBA, 2019, p. 94)

A mulher negra compartilha das opressões vivenciadas por grupos como a mulher branca, referente à opressão de gênero, bem como o homem negro, referente à opressão de raça. No entanto, Kilomba (2019) argumenta que, embora esses grupos se assemelhem nesses aspectos, não compartilham da mesma experiência que a mulher negra. Uma vez

que a mulher branca usufrui do poder de ser “branca”, assim como o homem negro usufrui do poder de ser “homem”, em uma sociedade em que essas duas marcas identitárias concedem certo privilégio aos sujeitos.

Lorde (2020) discute sobre o silenciamento das demandas de mulheres negras pelas mulheres brancas dentro do movimento feminista unificado e Collins (2019) expõe como os homens negros esperam subserviência das mulheres negras dentro da comunidade negra. Nas dinâmicas de poder, a mulher negra ocupa, na maioria dos cenários, um espaço em que, em função de uma solidariedade racial ou de gênero com outros grupos, tem sua voz invisibilizada.

Collins explica que

as realidades das mulheres negras são negadas por todos os pressupostos nos quais se baseia pertencimento pleno a um grupo: a branquitude [...], a masculinidade [...], a combinação de ambas. [...] as mulheres negras permaneceram em uma situação de outsiders internas (COLLINS, 2019, p. 48).

Ribeiro (2018, p. 45) afirma que “a universalização da categoria ‘mulheres’ tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média”. Olhar para o sujeito mulher negra é considerar a formação de sua identidade em conjunto, referente a gênero, classe, raça, sexualidade, e como isso contribui para seu posicionamento em sociedade. Confirmando isso, Lorde, pensadora norte-americana, mulher negra e lésbica, compartilha sua experiência e discorre sobre a tendência de ignorar a intersecção de identidades. Conforme a autora,

Eu acho que sou constantemente encorajada a retirar um aspecto de mim e apresentar isso como o inteiro significativo, eclipsando ou negando as outras partes do meu ser. Mas isso é uma forma de viver destrutiva e fragmentaria. Minha maior concentração de energia está disponível para mim quando integro todas as partes de quem eu sou, abertamente, permitindo que o poder das fontes particulares da minha vivência flua em movimento livremente pelos meus diferentes seres, sem restrições de definições impostas externamente. Só assim eu posso trazer eu mesma e minhas energias como um todo a serviço daquelas lutas que compreendem parte de minha vida. (LORDE, 2020, p. 11, tradução nossa)

Utilizamos então do termo “interseccionalidade” para explicar como é posicionada a mulher negra neste meio. Para explicar este termo, trazemos essa citação de Collins:

a ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. (COLLINS, 2019, p. 57)

A vivência em interseccionalidade confere ao cotidiano da mulher negra experiências nas quais a opressão é uma realidade, muitas vezes, justificada pelas características atribuídas a sua identidade. Silva, Hall e Woodward (2014). Possibilitam entender essas questões identitárias. Os autores falam sobre como o discurso do essencialismo constrói o diferente na sociedade, atribuindo aquilo que seria “a essência” de cada identidade que compõe o corpo social. É válido ponderar o que é constituído como sendo a essência, o verdadeiro sobre a mulher negra nos discursos que circulam em sociedade.

O verdadeiro sobre este sujeito, sua essência, pode ser construída de modo a lhe incluir ou lhe excluir de determinados espaços na sociedade. Utilizando as dinâmicas raciais, podemos entender como isso acontece. Kilomba (2019) afirma que a branquitude é construída como ponto de referência. Sob este significante temos significados positivos. O sujeito branco, frequentemente, é visto como “bom”, “belo”, “civilizado”.

Mediante ao que é dito do sujeito branco, temos o que fica de fora deste referencial. O que sobra, os significados negativos, “ruim”, “feio”, “selvagem” são atribuídos a outras identidades. No jogo da diferença, os signos são organizados em oposição como forma de diferenciar um signo do outro, a criação do referencial e daquilo que se diferencia dele estão, inseparavelmente, ligados a valores hierárquicos (KILOMBA, 2019).

Kilomba explica que compor o sujeito negro como diferente em nossa sociedade é um trabalho que envolve repressão, projeção por parte do sujeito branco. Para a autora, a outridade é a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca.

Estou sendo forçada a me tornar a personificação daquilo com o que o *sujeito branco* não quer ser reconhecido. Eu me torno a/o “Outra/o” da branquitude, não o eu – e, portanto, a mim é negado o direito de existir como igual. [...] No racismo cotidiano, a pessoa *negra* é usada como tela para projeções do que a sociedade *branca* tonou tabu. Tornamo-nos um depósito para medos e fantasias *brancas* no domínio da agressão ou da sexualidade (KILOMBA, 2019, p. 78)

Essa projeção envolve uma desumanização do sujeito mulher negra, pois para ela não é permitida esta identificação do eu. As mulheres negras são apresentadas para a sociedade e assimilam para si mesmas que sua essência é o de ser aquilo com o qual a sociedade não quer se associar.

Kilomba (2019) diz que o sujeito negro é percebido como outro através de infantilização, primitivização, incivilização, animalização, erotização. São expressivos no imaginário social discursos que diminuem a identidade da mulher negra. Coleman

(2011) nos mostra, em seu estudo diacrônico sobre representação negra no cinema, desde 1890 até os tempos atuais, a tendência de escrever este sujeito como hipersexualizado, animalesco, infantil, cômico. Estas são caricaturas de aspectos negativos que têm sido atribuídos à mulher negra ao longo da história (BRAGA, 2015) e reafirmados também no universo cinematográfico.

Braga cita a figura da Vênus Hotentote, como indispensável para entender a discursivização da mulher negra. A figura desta mulher, retirada da África para ser exposta como atração em circos na Europa, traça um histórico de desumanização da mulher negra. De acordo com a autora,

O tamanho das nádegas, bem como seus ornamentos, a pintura em seu rosto e, certo aspecto selvagem que paira sobre a caricatura, estão em consonância com um discurso segundo o qual os africanos representariam a ponte de ligação entre o mundo animal e o humano” (BRAGA, 2015 p. 47).

Esse olhar para o corpo da mulher negra é instrumento que a coloca como aberração. Várias autoras observam que as formas com as quais se faz referência ao corpo da mulher negra constituem uma imagem de sexualidade excessiva, atribuída a uma conduta desviante (BRAGA, 2015; COLLINS, 2019; RIBEIRO, 2018 e COLEMAN, 2019). Esta é uma das formas que o discurso biológico modula o sujeito mulher negra, a partir de seu corpo, como próximo daquilo que é animalesco, ela se torna aquele que é diferente e cuja conduta deve ser evitada.

Coleman investiga a transposição deste discurso para indústria cinematográfica. Segundo a autora,

Raramente elas conseguiam ser centrais e *femininas*. Mulheres negras não são elegíveis para o pedestal simbólico onde as mulheres brancas são colocadas pelos homens, para serem romantizadas, olhadas com admiração, e terem seus corpos, suas emoções e sua beleza protegidos (COLEMAN, 2019, p. 144).

A referência que o discurso biológico faz entre a figura da mulher negra e o animal faz parte de um processo de desumanização estratégica. Segundo Collins (2019), este tipo de analogia facilita a exploração do corpo da mulher negra pelo mercado capitalista. Para elucidar o trabalho desse discurso, a autora revisita o período escravocrata, no qual, na posição de escravizadas, as mulheres negras eram forçadas a engravidar contra sua vontade, pois seus filhos serviriam de mão-de-obra escrava. Esse uso estratégico dos corpos negros para reprodução à serviço do mercado ilustra o processo de desumanização, semelhante ao modo que o discurso coloca a exploração de animais para benefício do mercado.

Nos dias atuais, naturaliza-se a visão da mulher negra como adequada para ocupar a posição de serviçal e se justifica o assédio, estupro e a negligência médica contra mulheres negras etc. A autora disserta sobre a retirada da humanidade da mulher negra, tendo em vista sua exploração:

O trabalho, a sexualidade e a fecundidade das mulheres negras são explorados por meio de mecanismos como a discriminação do mercado de trabalho, a perpetuação da imagem das mulheres negras como mulas ou objetos de prazer, e o estímulo ou desestímulo estatal a reprodução de mulheres negras. [...] O interesse de longa data da ciência ocidental pela genitália das mulheres negras parece se adequar a isso, na medida em que reduzir essas mulheres a uma genitália mercadorizada e tratá-las como prostitutas e potencial. (COLLINS, 2019, p. 231)

Uma das características mais básicas da discursivização do sujeito negro é a oposição ao “homem branco civilizado”. Os africanos e africanas e seus descendentes da diáspora ⁶são lidos como aqueles mais próximos do natural, a não-civilização associada à natureza, “ao selvagem” e todas as coisas negativas associadas a esse estigma. Kilomba esmiuça esse processo associativo:

o racismo funciona através do discurso. O racismo é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se torna equivalentes: africano – África – selva – selvagem – primitivo – inferior – animal – macaco (KILOMBA, 2019, p. 130).

São percepções construídas historicamente de modo a facilitar a exploração capitalista, uma vez que aquele que é visto como não-civilizado deve ser “ajudado” pela compaixão do sujeito branco que o encaminharia à civilização. Achebe disserta sobre essa construção:

Foi, em geral, uma *invenção* intencional planejada para facilitar dois eventos históricos gigantes: o tráfico de escravos no Atlântico e a colonização da África pela Europa, o segundo evento seguindo de perto o primeiro, e os dois juntos se estendendo através de quase meio milênio. (ACHEBE, 2009, p. 18, tradução nossa)

Coleman (2019), em seu estudo sobre a representação negra em filmes, considera que a única diferença entre a constituição de personagens negros por autores brancos antigamente e a constituição de personagens negros nos dias atuais é a de que, antes, os

⁶ Collins (2019, p. 73) explica “o termo diáspora expressa as experiências de pessoas que, em razão da escravidão do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçadas a deixar sua terra natal.” Esse termo é usado em referência a dispersão dos negros africanos e seus descendentes em função do tráfico de escravizados.

antigos africanos estavam em selvas usando lanças e, hoje, os negros norte-americanos aparecem um pouco mais vestidos portando pistolas. A forma com a qual esse discurso trabalha até hoje é o de colocar o negro como fardo, sempre em associação ao retrocesso. Essas narrativas são compostas de modo a justificar a posição de falta de oportunidades na qual o negro se encontra, ou os porquês desse grupo não ocupar espaços de poder.

O discurso racista em associação com o discurso biológico compôs vontades de verdade que objetivam justificar a inferioridade da mulher negra. Há um apagamento histórico das vozes das mulheres negras e prevalecem as vontades de verdade constituídas pelo sujeito branco.

Achebe (2009) expressa que as imagens derogatórias da África, usadas para defender a escravidão e colonização, deram ao mundo um modo particular de olhar para a África e os africanos. São estereótipos degradantes que foram herdados nos âmbitos do cinema, jornalismo, variedades de antropologia, até mesmo em trabalhos humanitários e missionários. O autor expressa que obras literárias inventaram uma África onde nada de bom acontece, um lugar que espera a visita de um europeu que irá explorá-la, explicá-la e arrumá-la. Na contemporaneidade, esse fragmento da memória discursiva ajuda a organizar e influi na percepção do sujeito negro da diáspora.

Esses discursos estão materializados em novelas, séries, filmes, anúncios publicitários, enfim, textos de ampla circulação pública e que agem na construção dos referenciais sobre as identidades dos sujeitos. Desse modo, acabam por reforçar essas caricaturas em referência à mulher negra, quem ela é e o lugar que deve ocupar. “A forma como são contadas essas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder. Poder é a habilidade não só de contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (RIBEIRO, 2018, p. 18). Assim, a mulher negra passa a ser fixada em uma categoria em que é definida pelo outro, dentro de uma dinâmica de poder que dificilmente oferece possibilidades de mudança.

Segundo Ribeiro (2018), o racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele. Em associação, enunciações dos discursos biológico e capitalista oferecem ferramentas que ajudam a justificar esse sistema de opressão.

O modo como essas identidades são constituídas nos discursos irrompe a vivência desses sujeitos. Kilomba (2019) diz que o trabalho do discurso faz com que o racismo seja um fenômeno institucionalizado e o tratamento desigual para estes sujeitos é um padrão cotidiano. A vivência daquele que está do lado de fora é um trabalho

contracorrente, a existência das mulheres negras em sociedade pode ser descrita por palavras que designam ações contínuas como “resistência” e “sobrevivência”.

Há uma vontade de verdade que afirma que a opressão contra este grupo teve fim com a abolição da escravatura e o racismo é visto como algo do passado (KILOMBA, 2019), mas isso também funciona como dispositivo de dissimulação da realidade com uma finalidade específica. Ao afirmar que estes problemas foram superados, também se silencia. Por exemplo, as mulheres negras que ainda convivem diariamente com as cicatrizes da opressão interseccional. Collins (2019) afirma que as opressões interseccionais adquirem formas historicamente específicas, que se transformam em resposta às ações humanas, a segregação racial persiste, mas não sob as formas que tinha em momentos históricos anteriores.

Existem estratégias específicas que trabalham para distanciar esses problemas da realidade imediata, que impedem diálogos que promovam espaços de escuta às mulheres negras e reparação destes problemas. A mulher negra ⁷ainda é visível através do olhar e do vocabulário do sujeito branco. Como reafirma Kilomba (2019), esse é o perigo do discurso. Hoje, persiste a marginalização da mulher negra que ainda tem a sua identidade associada como aquilo que é negativo, descartável, nocivo a nossa sociedade.

Os discursos se atualizam de modo a fazer surgir novos enunciados que, conectando-se com aquilo que está na memória discursiva, persistem em manter esse sujeito do lado de fora. Como discutido anteriormente, a construção das vontades de verdade e conceitos pelos discursos está ligada ao poder e, conforme Kilomba (2019) amplia a autoridade racial.

Retornando a ordem do discurso de que nos fala Foucault (2014), cabe a reflexão sobre o que, por viver sob esses significantes, a mulher negra foi/é impedida de falar e de fazer ou em que espaços foi/ é impedida de entrar. Encaminhamo-nos diante disso para uma linha na qual o empoderamento é uma palavra capaz de promover uma ruptura neste paradigma. Kilomba fala sobre essa atividade:

trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos da mudança. Como diz bell hooks, o empoderamento diz respeito a mudanças sociais numa perspectiva antirracista, antielitista e antissexista, por meio das mudanças das instituições sociais e das consciências individuais (KILOMBA, 2019, p. 135).

⁷ Elucidamos que a discursivização que corrobora com a opressão e marginalização também afeta o homem negro, como sujeito visível através do olhar do sujeito branco (FANON, 2001; COLEMAN, 2019). Destacamos os efeitos dessa discursivização para o sujeito mulher negra em função dos objetivos desta pesquisa.

No item a seguir, dispomos a primeira parte da análise do *corpus*, através das falas da personagem Ophelia e suas interações com Annalise. Procuramos esmiuçar e identificar os conceitos discutidos nas seções anteriores, evidenciando a forma com a qual a mulher negra constrói sua relação consigo mesma e com os outros, através das tecnologias de subjetivação e objetivação e como ela é obrigada a reproduzir os discursos verdadeiros que atribuem um papel específico para sua posição de sujeito.

1.4 “Você vai se acostumar” - A mulher negra e o exercício do cuidado com o outro

Primeiramente, situamos o enredo da história em que se encaixam as sequências discursivas (SD) a serem analisadas. No décimo quarto episódio da segunda temporada da série, o enredo constrói a sobrecarga emocional da protagonista Annalise, seguindo um ataque físico que sofre de um suspeito, enquanto trabalhava, buscando evidências para a defesa de um de seus clientes. Além disso, duas memórias traumáticas de seu passado são constantemente evocadas, sendo a primeira, um acidente que ocasionou a morte de seu filho durante o parto, e a segunda, ter presenciado o suicídio de uma mulher.

A personagem, que tem histórico de alcoolismo, recorre à bebida para apaziguar a situação e continuar seguindo. No entanto, suas falas declaram a culpa que sente pelas situações que ocorreram. Após ser culpada por crimes cometidos por outras pessoas, Annalise parte para a casa de sua mãe.

O primeiro enunciado analisado é o dito pela personagem Ophelia, mãe de Annalise, assim que ela abre a porta de sua casa e a recebe. O movimento feito por Annalise seguindo a sobrecarga emocional do trabalho é ir à casa da mãe. A partir da fala de Ophelia: “ela veio para casa”, encontramos “casa” associada a figura maternal da mulher negra, que a recebe de braços abertos. Da mesma forma, o retorno a casa é um refúgio, igualmente associado à figura da matriarca negra que executa uma função de acolher e reparar a filha diante de qualquer situação.

Sequência Discursiva 1- tecnologias de si na constituição da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Anna Mae” – “Anna Mae”
 14º Episódio x 2ª Temporada
 42’10”

Ophelia: - **Anna Mae**, este é **meu bebê!** Ela veio para casa!



No mesmo enunciado de Ophelia, destacamos “meu bebê”, que faz referência à Annalise. Nessa referência, podemos traçar a oposição entre a figura de mulher forte que Annalise representa enquanto advogada criminalista, capaz de solucionar os mais diversos crimes e a posição que assume perante outra mulher negra mais velha. O que se sobressai é o papel de cuidado desempenhado pela mulher negra e como esse é alicerçado sobre o imperativo de força e a rejeição da vulnerabilidade, ainda que as circunstâncias de exercício de maternidade para a mulher negra sejam adversas.

Diante de Ophelia, além de ser um “bebê”, Annalise é chamada pelo seu nome de batismo “Anna Mae”, despindo-se da máscara que construiu para se apresentar aos outros na cidade grande, onde atua como professora universitária e advogada criminalista.

Os discursos verdadeiros que circulam e subjetivam a mulher negra como forte, privando-a da demonstração de dor e vulnerabilidade, podem ser apontados na subjetivação da protagonista Annalise. A forma com a qual ela se apresenta para os outros no exercício da advocacia e da docência é a de uma mulher firme e austera, disposta e capaz de solucionar todos os problemas. Esta é a imagem que a personagem faz de si em sua relação consigo mesmo e com os outros, o lugar a partir do qual ela fala coaduna com o discurso de força para a mulher negra, o que é esperado desta posição de sujeito obedecendo tal ordem discursiva.

O que Foucault (2016) denomina “tecnologias de si”, que subjetivam a mulher negra e objetivam o discurso, de modo a controlar sua vulnerabilidade, tem sua descontinuidade quando Annalise encontra sua mãe, outra mulher negra. Agora, é Ophelia que assume a posição de sujeito da mulher negra forte, que oferecerá cuidado a Annalise. Diante de outra mulher negra mais velha, Annalise sente-se confortável para demonstrar vulnerabilidade e permitir que o outro cuide dela.

Dando continuidade ao fragmento de análise anterior, apresentamos essa segunda sequência discursiva, na qual temos um diálogo entre Annalise e seu pai biológico, Mac Harkness. A aparição de Mac durante esse episódio e as falas dos personagens nos revelam um histórico de pai ausente, que abandonou a mulher e os três filhos, ainda pequenos, encarregando Ophelia de assumir papel de mãe solo. Anos depois, Mac retorna à casa de Ophelia, que o perdoa e o acolhe em sua casa. Annalise demonstra indignação com o retorno do pai ao convívio da família e queixa-se da atitude da mãe em perdoá-lo.

Sequência Discursiva 2- tecnologias de si na constituição da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Anna Mae” – “Anna Mae”
 15º Episódio x 2ª Temporada
 28’48”

Mac: - Desculpe por ter te machucado, Anna Mae. Por favor, saiba disso.

Annalise: - Por que você voltou?

Mac: - Eu a amo

Annalise: **Não está aqui por ela. Está aqui por você.**

Mac: - **Claro que estou. Assim como você. Eu me perdi lá fora.** Foi o que fugir fez comigo. Mas, **sua mãe, ela me lembra quem eu sou.** Acho que você, de todas as pessoas, deveria entender como é isso.

Annalise: - Você não se cansa disso? Voltar aqui, desculpar-se, só para ir embora de novo? Vá embora.



Destacamos, na SD2, a representação que Mac e Annalise fazem de Ophelia, que ocupa a posição de sujeito mulher negra e os significados atribuídos a ela. O enunciado de Mac dispõe a construção da mulher negra para o homem negro, como aquela que exerce a função de acolhê-lo. Em: “sua mãe, ela me lembra quem eu sou” sinaliza que, para ele, a existência da mulher negra é disposta em função dele, ou seja, ele recorre a mulher negra para o seu bem-estar. Importante destacar que Mac retorna ao lar de Ophelia e pede conciliação da família na fase idosa, quanto é visto, inclusive precisando de auxílio de uma muleta para andar.

Ao responder a pergunta de Annalise, “Por que você voltou?”, Mac menciona a si mesmo: “Eu me perdi lá fora”, não deixando transparecer arrependimento por ter abandonado o cargo de criação dos filhos à Ophelia. Ele se põe como prioridade da atitude de voltar a casa de Ophelia, como se ela se ocupasse de sua reabilitação por ter se perdido. Isso nos revela a invisibilização da dor da mulher negra, ela é discursivizada de tal forma que se espera que ela assuma a família como mãe solo, cumprindo com o papel de paterno e materno, perdoe e acolha o pai ausente em seu retorno.

Estatísticas mencionadas por Jones e Shorter-Gooden (2004) revelam grande números de lares onde as mulheres negras são mães solo por abandono paterno. Podemos ponderar sobre a relação entre essas estatísticas e a forma com a qual a mulher negra é

discursivizada. Foucault (2016) afirma que na sociedade ocidental existem discursos hegemônicos, podemos mencionar os discursos racista e machista. Estão cristalizados nesses discursos constituições dos sujeitos mulher negra, homem negro, mulher branca, homem branco, por exemplo. Esses discursos atribuem a essas posições de sujeito o que pode ou não ser feito e, do mesmo modo, o que pode ou não ser dito por cada um a partir da posição que ocupa.

A mulher negra, enquanto sujeito constituído por esses discursos hegemônicos, recebe informações de que a responsabilidade pela família como mãe solo, seguida da ausência do pai estão dentro daquilo que é normal. Outros sujeitos também atribuem a mulher negra como uma figura associada à servidão e ao acolhimento. Diante disso, ecoamos aqui a pergunta “se a mulher negra ajuda a todos, quem ajuda a mulher negra?”.

Embora ambos, mulher negra e homem negro vejam em sua vivência os efeitos de poder dos aspectos negativos atribuídos aos sujeitos negros pelo discurso racista, hegemônico em nossa sociedade, a discursivização da mulher negra carrega uma dupla marcação relativa a raça e gênero que a marginaliza de forma a comportar as opressões do homem branco, da mulher branca e do homem negro.

Em SD3, temos um diálogo entre Ophelia e Annalise, no qual Annalise confronta a mãe sobre ter perdoado e aceitado o pai de volta em sua casa, anos depois de ele ter abandonado a família. Ophelia defende sua atitude diante dos questionamentos de Annalise. A partir dos enunciados das personagens, conseguimos traçar a construção da figura *Strong Black Woman*.

Sequência Discursiva 3 - tecnologias de si na constituição da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Anna Mae” – “Anna Mae”
 15º Episódio x 2ª Temporada
 9’34”

Annalise: - Depois de tudo que ele fez...

Ophelia: - Age como se ele me batesse. A pior coisa que ele fez foi mudar para o outro lado da cidade.

Annalise: - Como sabe que ele não vai embora de novo?

Ophelia: - Eu não sei! Mas você viverá tanto quanto **eu e você vai ver se não cai de boca se tiver a oportunidade**. É um pouco fora do normal, mas **você vai se acostumar**.



Annalise relembra a mãe o ato de abandono do pai: “depois de tudo que ele fez”, numa tentativa de evidenciar a difícil trajetória da família na ausência do pai, principalmente do papel executado por Ophelia, que teve de dar continuidade à criação dos três filhos sozinha. Essa evocação de um acontecimento do passado no enunciado da personagem ocorre sob um efeito de memória discursiva, a referência a um acontecimento passado sugere a repetição do mesmo evento, “se o pai teria as abandonado uma vez, provavelmente as abandonaria novamente”. A resposta de Ophelia: “age como se ele me batesse”, demonstra uma tentativa de amenizar a atitude de abandono do pai. A personagem contrapõe a situação do abandono parental à violência física.

Essa contraposição feita pela personagem mostra que, para ela, a violência física seria um extremo inaceitável diante do que ela passou. No entanto, apontamos que o ato de abandono da família constitui uma violência psicológica e emocional, que, no enredo das personagens na série, afetou a família, ocasionando problemas de alcoolismo e dificuldade de comprometimento nos filhos e submetendo a mãe o árduo dever de proteger seus filhos. As implicações dessa violência são desprezadas, esse apagamento que destacamos na fala da personagem é fundado por uma vontade de verdade que diminui o peso da violência psicológica e emocional quando equiparada a violência física, por exemplo.

Em nossa sociedade, força e produtividade são valorizadas por um discurso capitalista hegemônico, que propaga sempre a necessidade de persistir e se erguer diante das situações adversas em prol da produtividade de capital. A violência e a dor, nesse espectro, devem ser suprimidas. Não à toa, o bem-estar, a boa forma e a vida saudável e feliz são sempre evidenciadas como importantes e discursivizadas como próximas a perfeição nos mais diversos textos que circulam em nossa sociedade, principalmente no discurso publicitário. No discurso, os aspectos que são objetivados de modo a serem controlados pelos sujeitos em sua relação consigo mesmo e com os outros são a dor, o sofrimento, a frustração.

Esses traços do discurso capitalista se comunicam com os discursos que constituem o sujeito mulher negra e a força como imperativo de sua vivência. É essa constituição que impele Ophelia de apagar os efeitos do abandono de seu marido, por exemplo. Em: “A pior coisa que ele fez foi mudar para outra cidade”, ela desconsidera as implicações que essa mudança teve em sua família, inclusive suavizando a atitude de seu parceiro, que configura um “abandono”, uma “fuga” com uma nomenclatura diferente: “mudança”.

Quando questionada por Annalise o que faria se o pai a abandonasse novamente, Ophelia indica que vê a volta de seu marido como uma “oportunidade”. Ela se coloca em uma posição de desvantagem, a partir da qual recebe a oferta de um parceiro que lhe causou mal no passado. A presença de seu marido não constitui algo ideal, visto o histórico mencionado, mas, para ela, diante da posição de desvantagem que ocupa, representa algo positivo. Esse enunciado, que constrói a “aceitação da mulher daquilo que é oferecido pelo homem”, parte do discurso machista, por exemplo, que constrói para o feminino uma posição passiva em relação ao masculino e comunica a mulher uma vontade de verdade na qual sua posição é de aceitação e não contestação.

Por fim, Ophelia comunica a Annalise uma fala em tom de ensinamento sobre a situação: “você vai se acostumar”. Essa fala da personagem infere uma aceitação de uma situação que é comum, uma referência ao ato de acostumar-se ao tipo de relação que a mulher negra estabelece com outros. Esse “costume” se conecta com outros enunciados nas redes do interdiscurso, no sentido de que é algo habitual, ou seja, vem acontecendo antes com outras mulheres e preza-se pela sua continuidade, a partir do momento em que Ophelia repassa à Annalise que ela deve assimilar essa posição ocupada pela mulher negra.⁸

Enquanto a fala de Annalise remonta uma indignação e frustração pela mãe ter aceitado o pai de volta, a fala de Ophelia combate essa reação da filha, restituindo o discurso de força para a mulher negra. Podemos dizer que o “sofrimento” e a “indignação”, objetos do discurso associados ao sujeito mulher negra, são controlados e suprimidos pelos processos de objetivação. Annalise, por ser parte de uma nova geração, tem sua constituição enquanto sujeito afetada por outros discursos, o que permite um deslocamento em relação ao histórico da mulher negra. Nessa sequência discursiva, sua indignação diante da situação vivenciada pela mãe e o confronto perante ao pai

⁸ Destacamos aqui que o exercício solo da maternidade pode ser notado na vivência de ambas, mulheres brancas e mulheres negras, no entanto, tendo em vista nossos objetivos de pesquisa, destacamos as condições heterogêneas que caracterizam a maternidade negra. Levantamentos demográficos do IBGE revelam que a ocorrência da maternidade solo para as mulheres negras é maior, esse grupo constitui 61% das mães solo do Brasil. Além disso, de acordo com a ONU, frequentemente, mães negras se encontram em cenários onde há carência e insegurança de alimentos. Desse modo, não descartamos encontrar mulheres brancas nessas situações, mas podemos ver que dados empíricos confirmam nossa tese de abandono e marginalização do sujeito mulher negra, onde os discursos exercem trabalho disciplinatório ao justificar e silenciar esses sujeitos mediante a subjetivação dessas mulheres como fortes e resilientes. Os dados podem ser encontrados em: <<https://www.baobabe.com.br/blog/a-solidao-da-mae-preta/>> e <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/25/mulheres-negras-estao-a-deriva-diz-diretora-de-ong-6-a-cada-10-lares-chefiados-por-pretos-ou-pardos-enfrentam-inseguranca-alimentar.ghtml>>.

revelam uma descontinuidade do discurso que subjetiva a mulher negra como exibindo força a todo momento.

Sequência Discursiva 4 - tecnologias de si na constituição da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
“Anna Mae” – “Anna Mae”
 15º Episódio x 2ª Temporada
 19’50”

Ophelia: - Anna Mae! Talvez esse seja o motivo pelo qual você e aquele seu marido nunca tiveram nenhum filho. Talvez porque você nunca aprendeu a parar de agir como um bebê. Você ainda é muito egoísta. Só pensa em você. Só liga para o que você quer.



Chegamos a quarta sequência discursiva, que se passa no mesmo décimo quinto episódio. Neste fragmento, destacamos o tom de repreensão que carrega um ensinamento naquilo que é enunciado por Ophelia em seu diálogo com Annalise. Importante lembrar, como destacado anteriormente na seção introdutória, que o lugar a partir do qual Ophelia fala, sua posição de sujeito, é de uma mulher negra mais velha e, por isso, o discurso constrói a escuta de sua fala pelos outros sujeitos, como revestida de respeito pela relação comumente feita entre a vivência cumulativa, memória, sabedoria e o sujeito mais velho em nossa sociedade.

Na cena dessa sequência discursiva, a família está reunida na mesa para um almoço. Nesse cenário, várias conversas se desenrolam em tom de humor e uma delas relativa a parentalidade e ao fato de nenhum dos três filhos de Ophelia terem lhe dado netos, não dando continuidade à família. Mac Harkness, o pai, fala sobre a desafios da criação dos filhos. A essa fala Annalise responde com escárnio, visto o histórico de abandono parental do personagem: “como ele poderia saber sobre a dificuldade de criar filhos, se ele abandonou os seus ainda pequenos?”. A atitude de escárnio de Annalise é advertida pela mãe que se coloca em defesa do pai.

Enquanto Ophelia a repreende, Annalise olha para baixo, esse tipo de linguagem corporal da personagem comunica sua aceitação e submissão em relação ao que é dito pela mãe. A posição de sujeito que o discurso disponibiliza para Annalise é a de filha, em

relação a sua mãe Ophelia, uma figura mais velha que tem sua fala revestida de verdade e respeito.

Ophelia evidencia para a Annalise o histórico de seu casamento: “Talvez esse seja o motivo pelo qual você e aquele seu marido nunca tiveram nenhum filho”. O escárnio de Annalise diante da figura do pai é visto como algo negativo, pois diante dele, a filha deveria assumir uma posição de submissão. O enunciado de Annalise provoca o pai, solicitando uma explicação pelos erros cometidos no passado, ainda assim, esse ato de confrontar a figura paterna representa uma subversão nos papéis atribuídos pelo discurso ao pai-homem e a filha-mulher. Essa subversão dos papéis que deveriam ser cumpridos pelos sujeitos é repreendida por Ophelia, que é subjetivada pelo discurso a monitorar os sujeitos e mantê-los em suas posições de fato, conforme as vontades de verdade prescrevem.

Para Ophelia, um tipo de relação submissa da mulher em relação ao homem deveria ser replicada por Annalise tanto em sua relação com o pai, como em sua relação com seu marido. O não cumprimento dessa submissão, ou seja, o fato de Annalise não cumprir com o papel que o discurso verdadeiro constrói para o sujeito mulher negra seria a causa do fracasso de seu casamento, incluindo o fato de não terem filhos. Ophelia escolhe o pronome “aquele” para fazer referência ao marido de Annalise, essa escolha linguística pode indicar um distanciamento ou desprezo em relação a ele. Desaprovação em relação ao casamento de Annalise e “aquele” marido que, conforme interpretado por Ophelia, não teve sucesso por não ter seguido o padrão esperado.

O discurso hegemônico coloca a mulher numa posição de sujeito onde a submissão é inerente aquele sujeito. Esse enunciado do discurso machista ainda tem continuidade nos dias de hoje e comunica que o papel da mulher é estar disposta a servir o homem, para satisfazê-lo. A partir disso, o abandono da figura masculina no lar é diretamente associado a um fracasso da mulher, uma falha na execução do papel destinado a ela pelo discurso, o que suscita questionamentos sobre o que há de errado com ela, o que ela poderia ter feito que motivou seu o abandono? Esses enunciados são tanto propagados pelo coletivo e apropriado pelas mulheres, ainda que a coloque em situação de desvantagem.

O discurso traz uma objetivação da vulnerabilidade ao sugerir no enunciado de Ophelia o controle da infantilidade apresentada por Annalise: “talvez porque você nunca aprendeu a parar de agir como um bebê”. Ainda que a relação entre Mac-Annalise seja uma relação pai-filha, onde Annalise teria espaço para agir como criança, o discurso a

relembra de sua posição de sujeito mulher negra, na qual a subjetivação dessa, tanto em sua relação consigo, como em sua relação com os outros, a colocaria numa posição que apaga qualquer expressão de vulnerabilidade, vide seu “agir como bebê”, que é monitorado e repreendido por Ophelia.

A mulher negra, construída pelos discursos, não pode demonstrar infantilidade relacionada à vulnerabilidade, deve sempre demonstrar equilíbrio e maturidade, relativos à força. A repreensão de Ophelia à Annalise representa uma ação de monitoramento do discurso que preza por mantê-la na posição de *Strong Black Woman*.

Ophelia confirma o que é esperado da mulher negra na fala: “Você ainda é muito egoísta. Só pensa em você. Só liga para o que você quer”. Para a personagem, subjetivada pelo discurso de força, a mulher negra deve colocar a si mesma em segundo plano. O ato de pensar primeiro nos outros e no bem-estar do outro, omitindo o seu bem-estar é uma forma de se modificar, tendo em mente uma acomodação do outro.⁹

Ao questionar o pai, Annalise teria o colocado em uma situação desconfortável de confronto e, possivelmente, reconhecimento dos erros cometidos por ele que afetaram toda a família. Essa situação desconfortável não poderia ser disposta em relação ao outro, pois o discurso comunica a mulher negra que ela deve se colocar em uma posição desconfortável para preservar o outro. O discurso a constrói e subjetiva de modo que ela seria mais apta a lidar com as situações de dor e desconforto do que qualquer outro sujeito, uma vez que a força é algo “natural” de seu ser.

A tentativa de Annalise de confrontar o pai e obter respostas para uma resolutiva perante a família é vista como “egoísmo”. Esse traço negativo é atribuído a mulher negra à medida que esboça uma tentativa de priorizar o seu bem-estar, colocando a si mesma em primeiro lugar. A atitude correta mediante dessa situação seria a de “enterrar” o passado, ignorar o erro do outro (do homem), mesmo que tenha lhe afetado de forma significativa. Essas represálias que compõem a fala de Ophelia para Annalise evidenciam as tentativas de silenciamento da mulher negra. Silenciar a voz da mulher negra mesmo diante da dor e atribuir a culpa a ela são traços constitutivos da figura *Strong Black Woman*.

As tecnologias de si no discurso, os processos de subjetivação e objetivação para a mulher negra constroem para ela um espaço muito específico que censura a expressão

⁹ A seção 2.2 do segundo capítulo trará uma discussão mais ampla sobre a frequência e as implicações desse ato de modificação feita pela mulher negra em função de acomodar o outro, através do conceito denominado *shifting* pelas autoras Jones e Shorter-Gooden (2004).

de dor e vulnerabilidade, repreende a possibilidade de erro e expõe o fracasso como consequência de suas próprias ações. A partir disso, o discurso constrói a mulher negra como um sujeito que deve aceitar o ato de acolher e perdoar como verdade. Observamos nas sequências discursivas analisadas que isso se constitui como parâmetro para suas práticas discursivas e não-discursivas: o ato de Ophelia de acolher e perdoar seu companheiro mesmo diante do histórico de abandono.

O discurso também age de modo a induzir que os sujeitos se monitorem no cumprimento dos papéis atribuídos a cada um. Observamos isso na forma com a qual Ophelia repreende Annalise, quando ela demonstra uma descontinuidade nos limites atribuídos a mulher negra pelas vontades de verdade que regem o discurso.

CAPÍTULO 2

A RELAÇÃO DICOTÔMICA ENTRE FORÇA E VULNERABILIDADE NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO MULHER NEGRA

Conforme desenvolvido no capítulo anterior, a mulher negra é colocada em uma posição de alteridade pelo discurso, esse é um aspecto determinante de sua vivência que é mantido pelo trabalho do discurso. As vontades de verdade hegemônicas propagam ideias essencialistas sobre os sujeitos, desse modo, controlando as relações entre os sujeitos, no caso da mulher negra, a manutenção de um espaço marginalizado e a relação de subordinação com os outros.

A discursivização de certos sujeitos em nossa sociedade como pertencentes ao lado de fora e sua classificação como *outro* é feita em função da inclusão de outros sujeitos que são classificados como outros. A vivência dos “outros” de nossa sociedade revela uma posição conflituosa, enquanto têm dificuldade de se associar a uma identidade atrelada ao negativo, são constituídos desse modo para que se garanta o conforto de sujeitos que estão no centro.

Neste segundo capítulo, continuamos traçando a construção da mulher negra como “diferente”, em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo, “construindo a *strong black woman*”, remontamos a forma com a qual a mulher negra é confrontada com diversas imagens de controle sobre sua identidade, construídas de modo a justificar as opressões interseccionais de raça, gênero e classe social direcionadas a esses sujeitos. No segundo subcapítulo, “vulnerabilidade”, analisamos o poder investido na expressão da

vulnerabilidade pela mulher negra e como caracterizar esse sujeito como vulnerável representa uma descontinuidade do discurso hegemônico.

2.1. CONSTRUINDO A *STRONG BLACK WOMAN*

Na busca em se dissociar de características negativas, as mulheres negras desenvolvem e se valem de diferentes ferramentas que possam lhes conferir uma liberdade em relação aos estereótipos positivos, uma demonstração da evolução de sua raça, diante das imagens que repousam no imaginário social. Desse modo, nesse subcapítulo, discutimos na primeira seção, como tais imagens de controle são características estereotipadas sobre o sujeito mulher negra e lançam expectativas sobre quem é esse sujeito e como ela deve agir. Constituídas nos discursos como vontades de verdade, o poder dessas imagens é de subjetivação, ao passo que faz mulheres negras reproduzirem essa verdade e passarem a crer que a essência de sua identidade é sempre relativa a características contrárias à moralidade socialmente aceita.

Na segunda seção, trazemos como discurso de força e a constituição da *strong black woman* (mulher negra forte) constituem uma alternativa, inicialmente, valiosa que confere característica de teor positivo à mulher negra, a força, a capacidade de resistência, a fortaleza da família e da comunidade negra. No entanto, refletimos “a que custo a mulher negra deve dispor essa performance de força?”, “que troca é efetuada quando a mulher negra suprime seus sentimentos em função dessa força?” e “em função de quem a força é elevada como uma característica essencial à mulher negra?”.

Na terceira e última seção deste capítulo, perpassamos uma apresentação do olhar foucaultiano para o poder, as redes de poder, o poder do discurso verdadeiro, como o poder é tido como algo que circula, que produz, como pode ser instrumentalizado pelas minorias e como o saber-poder se relaciona com a definição, organização e exclusão de sujeitos em nossa sociedade. Essas diretrizes vão nos encaminhando a uma possível forma de como analisar o poder nas relações entre os sujeitos e no olhar para o discurso.

2.1.1 *Por que ela precisa ser forte? - Imagens de controle e silenciamento do sujeito*

Todos os sujeitos são construídos e convocados pelo discurso a ocupar um lugar a partir do qual podem falar. Do mesmo modo, a mulher negra, como sujeito do discurso, tem a sua figura atribuída um *status* específico que, conforme desenvolvido no capítulo anterior, geralmente, é permeado por vontades de verdade que, estrategicamente, a

posicionam em um local periférico, muitas vezes, restringindo sua fala e monitorando sua identidade no imaginário social.

Conforme explica Collins (2019), a relação entre negro x branco é simbiótica, uma identidade necessita dos aspectos da outra que a diferenciam e a identificam. Tiburi (2019) discorre sobre as imagens impostas às mulheres pelo discurso machista, a mulher como sinônimo de docilidade, fragilidade, bondade. Mais uma vez, entra o jogo da diferença, tal construção é edificada em oposição a figura do “homem”, aquele que tem em sua essência aspectos de virilidade, força, racionalidade. Sobrepondo este tipo de construção sobre a mulher negra, podemos entender a diferenciação que se faz entre os papéis ocupados pela mulher branca e pela mulher negra. As performances referentes à frágil, dócil e bela não são atribuídas a feminilidade negra, para esta, são reservados outros sinônimos.

Comumente quando se atribui papéis de gêneros aos sujeitos, o discurso relega à mulher uma posição passional e frágil, que depende da força e ajuda da figura masculina. A intersecção de marcas identitárias confere, também, uma intersecção de opressões que este sujeito sofre. Sob a forma de “*outsider*”, aquela que está do lado de fora, vale questionar sobre “o que é esperado da mulher negra?”. Neste sentido, podemos ponderar sobre que papéis se espera que este sujeito, enquanto mulher e negra, represente em nossa sociedade. Collins (2019) cita a ativista negra estadunidense Sojourner Truth, que já no período abolicionista refletia sobre a diferença de papéis desempenhados entre a mulher branca x mulher negra:

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e ser carregadas quando há valas na passagem, e ter o melhor lugar onde quer que estejam. A mim, porém, ninguém nunca ajuda a subir em carruagens, a pular poças de lama, nem cede o melhor lugar! E por acaso não sou mulher? Olhem para mim! Olhem meu braço! Já arei, plantei, trabalhei em estábulos, e homem nenhum se saía melhor do que eu! E por caso não sou mulher? Eu era capaz de trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando havia comida -, além de aguentar chicotada! E por acaso não sou mulher? Pari treze filhos e um por um foram vendidos como escravos. Quando chorei minha dor de mãe, ninguém me ouviu, só Jesus! E por acaso não sou mulher? (TRUTH, 1851 *apud* COLLINS, 2019, p. 51-52).

Esse fragmento do famoso discurso de Truth, intitulado “*Ain't I a woman?*”, pergunta que autora faz repetidas vezes: “E por acaso não sou mulher?”, encaminha-nos ao entendimento de que o papel de gênero “mulher” não pode ser unificado, pois aquilo que é atribuído a mulher, que também é negra, é distinto.

Collins (2019) explica as figuras atribuídas a mulher negra. Segundo a autora, existem algumas personagens ideais que são construídas para a identidade da mulher

negra, são elas: a *mammy*, matriarca, mãe dependente do estado e a Jezebel. Fazemos um apanhado sobre o que autora diz a respeito de cada uma dessas figuras: 1. *Mammy*: a mulher negra serviçal e obediente, figura materna calorosa e carinhosa que tem a sexualidade e feminilidade apagadas; 2. Matriarca: simboliza a mãe negra má, aquela que não supervisiona os filhos, é agressiva e não feminina; 3. *Weelfare Queen* ou Mãe dependente do Estado: que aceitam dinheiro suado dos cidadãos que pagam impostos, mesmo sem merecer, são sustentadas pelo Estado; 4. *Hoochie* ou Jezebel: mulheres sexualmente agressivas, retratadas como detentoras de um apetite sexual excessivo, sempre disponíveis.

A autora usa estas figuras para descrever a mulher negra nos Estados Unidos, mas podemos encontrar pontos de convergência entre estas e a forma como são discursivizadas as figuras da mulher negra brasileira¹⁰. Sob uma perspectiva transnacional, encontramos consonâncias entre: 1. “*mammy*”, que tem seu equivalente na “tia Anastácia”, a mulher negra em posição de serviçal, dessexualizada e disposta a cuidar da família branca; 2. “*wellfare queen*” ou “mãe dependente do estado”, semelhante as mulheres negras vilanizadas por necessitarem dos auxílios de programas políticos do governo, como bolsa família, por exemplo; e 3. “Jezebel”, correspondente a “mulata brasileira”, figura da mulher negra lasciva, com sexualidade exacerbada.

Espera-se que a mulher negra se adeque a algum destes estereótipos, que Collins (2019) denomina de imagens de controle. São imagens estereotipadas da condição de mulher negra que assumem um significado especial, ao passo que são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis a vida cotidiana. Segundo a autora, tais imagens de controle são formuladas como aquilo que seria a contradição aos valores sociais, também definidos por grupos de elite no exercício do poder.

Essas imagens de controle são figuras amplamente divulgadas, expõem vontades de verdade que são assimiladas pelo público e que têm por objetivo vilanizar, objetificar ou adequar as mulheres negras diante das estruturas sociais.

¹⁰ Para discutir sobre a condição feminina negra, fundamentamos nossa pesquisa através de pressupostos de autoras negras de diferentes nacionalidades: (estadunidenses), como Collins (2019), portuguesa, Kilomba (2019) e brasileira, Ribeiro (2018). É válido mencionar que entendemos as especificidades da vivência feminina negra nos diferentes países, mas valemo-nos de uma perspectiva transnacional. Collins (2019) coaduna desta visão. Segundo a autora, as mulheres negras em diferentes nações compartilham de padrões de experiência, em que são confrontadas com práticas sociais que restringem a possibilidades inferiores de moradia, vizinhança, escola, trabalho e tratamento na esfera pública, além de julgamentos diferenciados com uma série de crenças comuns sobre sua inteligência, hábitos de trabalho e sexualidade.

Ao passo que tais imagens são assimiladas pelo senso comum sobre as mulheres negras, temos uma vontade de verdade que é fixada em função daquilo que coloca algum grupo em uma posição confortável. Kilomba diz que

a imagem inconsciente de mulheres negras como mães *ideais* [...] É uma imagem controladora que confina mulheres negras à função de serventes maternas, justificando sua subordinação e exploração econômica. A ‘mãe *negra*’ representa a relação ideal de mulheres *negras* com a branquitude (KILOMBA, 2019, p. 142, grifos da autora)

Observamos também os interesses imbricados na construção desses discursos, à medida que, com o passar do tempo, há rupturas e descontinuidades nas vontades de verdade que sustentam esses discursos, com o intuito de se adequar aos objetivos daqueles que têm o poder de (re)formulá-los. A título de exemplo, o discurso anterior considerava que a fecundidade das mulheres negras era necessária, pois seus filhos seriam negros escravizados que serviriam de mão de obra. Constatamos uma descontinuidade na ordem deste discurso que constrói a figura da mulher negra, à medida que, atualmente, instrumentaliza-se a figura da mãe dependente do Estado, que tem seus filhos como um fardo para o país, uma vez que é concebida sob uma vontade de verdade, onde sua figura é dependente de políticas públicas, que são causa da deterioração da economia do Estado.

Collins (2019) constata que tais políticas públicas foram criadas para ajuste estrutural, como reparação a desigualdade causada pela escravização dos negros. No entanto, são difundidos discursos que ilustram imagens de controle da mulher negra como vilã, inclusive na mídia de amplo alcance, com o intuito de mascarar as decisões de membros de grupos no poder que, conforme consta no histórico do país, foram responsáveis por criar tal situação. A autora discorre sobre esse movimento:

Uma dessas imagens retratava a pobreza das mulheres negras de modo fatalista, sugerindo que o problema era tão grande que muito pouco podia ser feito para remediá-lo. [...] Essa imagem constrói as mulheres africanas como se estivessem em uma situação tão grave que nem valesse mais a pena ajudá-las, ou como receptoras passivas de doações do governo (COLLINS, 2019, p. 387-388).

Nesta discursivização, apaga-se o fio histórico que propiciou e ainda mantém as mulheres negras em situação de marginalização. Há uma inversão, onde a mulher negra passa a ser o problema e a causa de seu problema, além disso, deposita-se sob sua figura a obrigação de encontrar meios que solucionem seu problema. Kilomba (2019, p. 138) coaduna desta visão: “como o racismo não é visto como um fenômeno social, aquelas/es que o enfrentam são sempre confrontadas/os com a mensagem de que suas experiências

são decorrentes de sua própria sensibilidade excessiva e, portanto, são de sua própria responsabilidade”.

Estas imagens de controle são estabelecidas no imaginário social, de tal modo que passam a ser a verdade sobre o que significa ser mulher negra. Dificulta-se a multiplicidade para a identidade deste sujeito, além disso, efetua-se um silenciamento sobre as vozes das mulheres negras e a possibilidade de que estas possam definir, elas mesmas, quem são a partir de suas experiências. O cenário construído pelo discurso causa sempre uma antecipação de que o sujeito mulher negra se adeque a tais estereótipos.

Podemos dizer que as imagens de controle são parte das vontades de verdade de discursos que encaminham os processos de subjetivação dos sujeitos, conforme discutido no capítulo anterior. Em associação, retomamos Foucault (2021, p. 13): “A subjetividade é concebida como o que se constitui e se transforma na relação que ela tem com a própria verdade. Não há teoria do sujeito independente da relação com a verdade”.

Tais definições sobre os sujeitos em nossa sociedade são construídas em meio as redes de poder, para que se organize os sujeitos, para que os sujeitos desempenhem papéis conforme estabelecido para que aqueles que detém poder, possam manter sua posição. A mulher negra que ousa ir além dos limites fixados pelas imagens de controle contradiz a ordem do discurso vigente. Collins fala sobre o estabelecimento dessas imagens de controle como vontades de verdade. Para a autora,

As ideologias racista e sexista permeiam a estrutura social a tal ponto que se tornam hegemônicas, ou seja, são vistas como naturais, normais e inevitáveis. Nesse contexto, certas qualidades supostamente relacionadas às mulheres negras são usadas para justificar a opressão. (COLLINS, 2019, p. 35)

Para Lorde (2020), tais imagens já foram assimiladas pelo sujeito mulher negra, a tal ponto que existe um medo de que não se possa crescer além de tais distorções, as mantendo dóceis, leais e obedientes. Essas definições são externas e encaminham a aceitação das muitas facetas da opressão. Esses discursos não só constroem um espaço no qual o sujeito deve se adequar e representar o papel atribuído a sua identidade, mas também técnicas que dissimulam esse trabalho discursivo, mascarando o teor opressivo de tais imagens.

Olhando para a linguagem como um dos fios que organiza as coisas em sociedade, a validação do que é enunciado pelo sujeito é de suma importância. Entretanto, para Foucault (2014), efetuam-se no discurso sob o princípio de exclusão, uma separação e

uma rejeição para a palavra proferida por aqueles que assumem posição de homens infames (FOUCAULT, 2006).

O autor faz análise de alguns documentos jurídicos da época monárquica que indicam como vieram a surgir os homens infames, concluindo que é mediante a palavra de outros sujeitos, que a partir de seus valores, constroem uma separação que condena e coloca sujeitos “outros” à margem. Importante observar como os sujeitos e o que enunciam são capazes de exercer poder nas redes, discursivizando, atribuindo a certos homens, características e condutas, o título de “impróprio”. Olhamos também para os resultados empíricos disto, pois, uma vez que um sujeito é inscrito no discurso pela palavra de outro como infame, passa a ser preterido pela sociedade.

Foucault (2014) fala sobre como o louco, na posição de sujeito infame da sociedade, tem seu discurso impedido de circular como o dos outros, sua palavra considerada como nula, rejeitada, não verdadeira, palavra não ouvida. Para Collins (2019), a opressão descreve uma situação injusta, na qual sistemas convergem para negar a um grupo de pessoas acesso a recursos da sociedade. Assim, nega-se a mulher negra o direito de ter sua voz escutada, seu dito validado.

Foucault (2014) ainda constata que a escuta da palavra do louco é exercida sempre na manutenção da censura. De maneira semelhante, a palavra da mulher negra, quando escutada, é censurada ou desvalidada. Tendo como parâmetro o prescrito pelas imagens de controle, é comum justificar o estupro de mulheres negras com a imagem de controle *Jezebel*. Sob esse exemplo, podemos ver como o corpo da mulher negra é construído como disponível e como a mulher negra é privada de uma liberdade da posse de seu corpo ou de enunciar palavras que permitam fazer sua vontade de verdade ser aceita¹¹. Nesse sentido, há uma manutenção da censura da escuta, mediante a vontade de verdade hegemônica sob sua identidade e sua conduta.

Convocada a ocupar este espaço no discurso, a mulher negra tenta se adequar a sua posição, mas também é consciente sobre como é percebida pelo imaginário social. A

¹¹ Dados estatísticos revelam a “cor da dor” (LEAL *et.al.*, 2017), quanto à forma como a mulher negra reside no imaginário social, principalmente em relação às vontades de verdade sobre seu corpo. Temos uma constituição discursiva que atrela a mulher negra ao sexo, onde ela é constantemente discursivizada como lasciva, isso se associa aos dados do Fórum Nacional da Segurança Pública sobre vítimas de estupro, das quais, 52,2% são mulheres negras. Por outro lado, a vontade de verdade que associa a mulher negra à força propaga que essas mulheres são mais resistentes à dor e também pode ser associada ao dado de um estudo da Fundação Oswaldo Cruz que indica que as chances das mulheres negras não receberem anestesia é 50% maior. Disponível em: <abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/> e <<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/brasil-tem-sete-estupros-por-hora-mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas>>.

partir disso, exerce seu poder mediante algumas ferramentas compartilhadas pelo grupo. Na próxima seção, discutimos a consciência da mulher negra sobre seu *status* no discurso e como esse sujeito instrumentaliza isso como defesa.

2.1.2 Microagressões, trauma geracional e o “shifting” como ferramenta de (sobre)vivência

As vontades de verdade sobre o que significa ser uma mulher negra em nossa sociedade influem não só na percepção de como outros grupos a veem, mas também na forma com que a mulher negra vê a si mesma. O olhar daquele que é classificado como *outro* para si mesmo é uma posição conflitante. A mulher negra também assimila para si mesma essa imagem que é construída para sua identidade. Kilomba (2019, p. 39) explica que “no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter”.

O conceito foucaultiano de subjetivação também elucidada sobre esse olhar da mulher negra para si. Foucault afirma que:

De fato, nessas artes da vida o problema ‘subjetividade e verdade’ é um problema absolutamente central. Como procurei mostrar-lhes, por arte de vida se entende uma técnica pela qual o indivíduo, não sem relação com outrem, mas no fim das contas por si mesmo, tenta adquirir determinada qualidade de ser, determinado status ontológico, determinada modalidade de experiência. Essa aquisição de uma modalidade de experiência não pode ser feita sem uma ação de si sobre si, uma relação com o outro e uma relação com a verdade. (FOUCAULT, 2021 [1981], p.34)

Kilomba (2019) e Collins (2019) complementam o que Foucault nomeia subjetivação, ao trazer a especificidade desse processo para a mulher negra. As autoras ajudam a entender como esse processo de subjetivação para o sujeito mulher negra constrói algo conflitante, uma vez que o discurso é regido por vontades de verdade que a colocam em associação com signos negativos.

Ser tela de projeção daquilo que é negativo traz um sentimento de vergonha que coloca em questão “nossas percepções sobre nós mesmas/os e nos obriga a nos vermos através dos olhos de ‘outras/os’” (KILOMBA, 2019, p. 42). Collins (2019) diz que algumas mulheres negras internalizam as imagens de controle e passam a acreditar que elas correspondem aos estereótipos.

Jones e Shorter-Gooden também reconhecem que

Estereótipos baseados em raça, gênero e classe social tornam difícil que confie em si mesmo e que confie em outros que se parecem ou se comportam como

você. Eles estabelecem parâmetros confusos sobre quem você pensa que é e o que você acredita que deveria ser ou pode se tornar. Eles geralmente ditam o que você espera, o que parece real, e o que parece possível (JONES; SHORTER-GOODEN, 2004, p. 4, tradução nossa).

A discursivização que coloca um sujeito em uma posição do lado de fora é complexa e, segundo Collins (2019), coloca em evidência o significado de pertencimento. A autora desenvolve que isso é parte da objetificação dos “outros” da sociedade. A construção destes como ameaças a ordem moral e social evidencia os limites que são traçados entre os sujeitos e o pertencimento de outros grupos, “fazer as mulheres negras trabalharem como se fossem ‘mulas do mundo’ é uma forma de objetificação” (COLLINS, 2019, p. 138).

Pensar na figura da mulher negra nos remete a este sentimento de não pertencimento, a vivência da *outsider*, do lado de fora, que as redes de poder conjuram sobre este sujeito mediante, principalmente, ao *status* que ela é convocada a ocupar no discurso. Procuramos entender sobre como o sujeito mulher negra tenta dispor de esforços e ferramentas que possam incluí-la nos espaços que as vontades de verdade estabelecem como não sendo adequados a ela.

Procurando traçar este caminho, resgatamos um processo enfrentado pelos negros brasileiros, que Braga (2015) chama de “segunda abolição”. Segundo a autora, no período pós abolição da escravidão, os negros refletiram sobre a forma como eram percebidos pela sociedade: ocupando a posição de alteridade e em associação a imagens de controle que sugeriam que fossem perigos a sociedade. Como, por causa desses estigmas eram tratados de forma diferente, impedidos de ocupar certos espaços, incluindo, por exemplo, mercado de trabalho, que exigia “boa aparência”, não associada a figura do negro, as comunidades negras passaram a esforçar-se para modificar a percepção da sociedade, em geral, em relação ao negro. A autora afirma que:

Nesse ensejo, é possível ouvir a voz do negro endereçada ao negro: nela, uma preocupação política, mas também educativa e estética. Era preciso ‘reeducar a raça’, subtrair-lhe os estereótipos consagrados ao negro pelos séculos anteriores: a preguiça, a deseducação, o ‘vício da cachaça’. (BRAGA, 2015, p. 85)

A autora, em sua pesquisa, discorre que tal “reeducação da raça” estava focada na desconstrução de imagens associadas ao negro em sua condição de escravizado, a inferioridade atribuída a sua essência. Neste momento de tomada de consciência e ação, o negro se endereça ao negro para reformulação de sua condição. Registros mostram que os círculos sociais negros e a imprensa negra lançavam concursos de beleza, como pontua

Braga, nos quais o conceito de beleza para a comunidade negra estava ligado a ditames da moral e dos bons costumes, em contraposição a uma beleza objeto, que poderia facilmente ser associada a fetiches sexuais.

A valorização de virtudes morais em detrimento de atributos físicos traduzia a resposta dos negros às imagens de controle associadas ao grupo que os vilanizavam, principalmente, através da alusão aos atributos físicos, por exemplo, a mulata promíscua, a Jezebel, o mandigo. Configura-se assim, uma estratégia para dissociar-se dessas figuras, que surge da própria comunidade negra, seria destacar os valores da raça.

A *Frente Negra Brasileira* e o jornal *A Voz da Raça* surgem na época como importantes ferramentas para a unificação da comunidade negra, divulgação e conscientização de notícias de interesse do grupo. Tendo em vista a reformulação da imagem do negro, buscavam, através da educação, ajustar a apresentação do negro em sociedade, em relação, inclusive, a como se comportar e como se vestir.

Braga (2015) esclarece que *A voz da raça* convocava as mulheres negras a incorporarem as propostas relacionadas aos valores da moral, da civilidade e do patriotismo. De acordo com a autora,

A Voz da Raça veiculava tantas e tantas premissas que visavam enquadrar o comportamento da mulher negra, principalmente no que se refere a sua conduta sexual aliada à busca pelo matrimônio. [...] É uma concepção – da qual somos, de algum modo, herdeiros – que deposita na mulher a responsabilidade pelo casamento: cabia a ela um comportamento resguardado, digno da constituição de uma família. (BRAGA, 2015, p. 116, grifos da autora)

Frisamos aqui, como estes concursos e os propostos pela comunidade negra oferecem prescrições de comportamento que recaem sobre a mulher negra, orientando-a a “trajar-se bem”, “ter moralidade”, “representar a raça”. O objetivo da restrição do comportamento dessas mulheres era além de inserir-se mais facilmente em espaços, que então eram ocupados majoritariamente por pessoas brancas, como ambientes de trabalho, garantir a constituição e manutenção da família negra, que pudesse equiparar-se aos valores e bons costumes da família branca.

A garantia da constituição da família negra é um trabalho que recai sobre a mulher negra não só no Brasil. Collins (2019), Jones e Shorter-Gooden (2004) e Winters (2020) também registram como a figura da mulher negra estadunidense é tida como central para a resistência do grupo, comprovando similaridades nas experiências deste sujeito em diferentes países. Collins esclarece sobre o papel da mulher negra:

Como mães, mães de criação, professoras e religiosas, em comunidades rurais e bairros urbanos basicamente negros, as estadunidenses negras participaram da construção e reconstrução de saberes de resistência. Por meio das experiências vividas em sua família estendida e em sua comunidade, elas deram forma a ideias próprias sobre o significado de sua condição de mulher negra. Quando essas ideias encontraram expressão coletiva, as autodefinições das mulheres negras permitiram que elas reformulassem as concepções de matriz africana do eu e da comunidade. Essas autodefinições da condição de mulher negra foram pensadas para resistir às imagens de controle negativas da condição de mulher negra promovidas pelos brancos e às práticas sociais discriminatórias que essas imagens de controle sustentavam. (COLLINS, 2019, p. 45)

Há, a partir disso, a construção de uma nova imagem para a mulher negra. Uma imagem associada à força, à resistência e à sobrevivência de seu grupo. Collins (2019) diz que essa ênfase na força das mulheres negras está relacionada à ideia de que as afro-americanas desempenham papel crucial na união das famílias negras e no apoio aos homens negros, e essa perspectiva tem sua importância, visto que foi chave para impedir a potencial aniquilação das pessoas afro-americanas como raça. A autora explica:

As organizações comunitárias negras podem se opor à opressão racial e ainda assim perpetuar a opressão de gênero [...]. Essas mesmas instituições também podem ser, no entanto, lugares em que nós, mulheres negras, aprendemos a subordinar nossos interesses como mulheres ao bem supostamente maior da comunidade afro-americana como um todo (COLLINS, 2019, p. 162).

É posto sobre a mulher negra esta figura de “fortaleza”, ou como coloca Grant (1982, *apud* COLLINS, 2019), “espinha dorsal” do grupo. Nela, se depositam responsabilidades que objetivam a continuidade e elevação da raça. Através desta vontade de verdade, ela assume um compromisso de, por exemplo, 1) cuidar das crianças, não só seus filhos biológicos, mas, comumente, filhos da comunidade; 2) manter o casamento, ainda que seja vítima de violência doméstica; 3) inserir-se no mercado de trabalho e enfrentar as microagressões diárias destinadas a ela, que é tida como sujeito inferior.

“Neste país, mulheres negras tradicionalmente têm tido compaixão por todos exceto nós mesmas. [...] Muito comumente, espera-se que nós sejamos todas as coisas para todas as pessoas e falar por todos, menos por nós mesmas.” (LORDE, 2020, p. 51, tradução nossa). Submissão e diligência são priorizadas mesmo diante das adversidades, em contextos onde “dor, violência e morte formam o conteúdo essencial da vida dessas mulheres. Elas estão suspensas no tempo e no espaço; suas escolhas de vida são tão severamente limitadas que muitas vezes as próprias mulheres são destruídas” (COLLINS, 2019, p. 173).

A mulher negra deve desempenhar tal papel não só no ambiente familiar e da comunidade negra, mas também, espera-se que ela atue de forma semelhante no ambiente de trabalho. “Por razões de sobrevivência econômica, as mulheres negras estadunidenses podem desempenhar o papel de *mammy* em ambientes de trabalho remunerado” (COLLINS, 2019, p.143).

Citando Omolade, Collins (2019) fala sobre um processo de “mamificação” no ambiente de trabalho, nomeado assim em referência a imagem de controle da *mammie*, no qual espera-se que as profissionais negras solucionem problemas em sistemas que estão em crise por falta de financiamento, deterioração da infraestrutura e desmoralização dos funcionários.

Podemos resgatar registros na memória desse discurso, através de enunciados em obras ficcionais e biográficas de autoras negras, das quais transcrevemos alguns exemplos:

A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade, foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. **Não sei ainda como resisti** - [...] **E eu sofri com resignação** todos os tratos que se davam a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. [...], **e eu suportei em silêncio** o peso do seu rigor (REIS, 2019 [1859]. p. 116-117, grifos nossos).

Deixavam o trabalho às onze da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem: - **Meu Deus! Estou tão cansada!** [...] Quando vencia o mês e a cozinheira recebia, ela tinha a impressão de **ser uma heroína**. Enaltecia a si mesma dizendo: - **Eu sou forte!** (JESUS, 2014, [1992] p. 37, grifos nossos).

Era terrível ser negra e **não ter nenhum controle sobre minha vida**. Era brutal ser jovem e **já treinada a sentar quietamente** e escutar as acusações trazidas contra minha cor **sem chance de defesa**. (ANGELOU, 2007, [1969] p. 197, grifos nossos).

Trazemos fragmentos da obra ficcional *Úrsula*, da autora brasileira Maria Firmina dos Reis, e das obras autobiográficas *Diário de Bitita*, da também brasileira Carolina Maria de Jesus e *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola*, da estadunidense Maya Angelou, respectivamente. Em destaque, nesses enunciados das autoras negras, notamos pontos de convergência entre o que é dito, frisamos que são retratadas nas obras diferentes períodos históricos. Enquanto Reis (2018 [1859]) representa o ponto de vista de uma negra escravizada no período imperial do Brasil, Jesus (2014 [1992]) registra sua infância como criança negra no início da república no Brasil e Angelou (2007 [1969]) rememora sua infância no sul dos Estados Unidos, no contexto de segregação racial.

A memória discursiva ecoa uma continuidade sobre a forma com a qual o discurso convoca as mulheres negras para falarem sobre o papel que devem desempenhar. Grifamos as partes que remetem a tal resistência e diligência. Susana, a personagem negra escravizada, retratada no romance de Maria Firmina dos Reis, traz em sua fala: “sofri com resignação” e “suportei em silêncio”, em relação aos castigos sofridos nas mãos do senhor. Já Carolina Maria de Jesus ilustra a imagem das mulheres negras presentes em sua infância que trabalhavam, em sua maioria, como empregadas e cozinheiras, descritas como “heroínas”, que quando exaustas do trabalho, reafirmam para si mesmas: “Eu sou forte!”. O fragmento da obra de Maya Angelou coaduna com as prescrições de comportamento discutidas por Braga (2015), onde a mulher negra adequa sua forma de agir em função de que conquiste seu espaço em alguns lugares, e, quando agredida, a melhor opção parece ser ficar em silêncio. Esses são traços constitutivos do ¹²imperativo de “ser forte”, que permeia a vivência deste sujeito.

A medida em que o “sentir” conflita com “resistir” e “sobreviver”, torna-se uma impossibilidade para este sujeito, Lorde (2020, p. 165, tradução nossa) reflete sobre um ditado popular reproduzido pela comunidade negra: “pessoas brancas sentem, pessoas negras fazem”. A maneira que o “sentir” está em antagonismo com aquilo que é associado à figura do negro, inclusive quando popularizado por enunciados, podemos traçar no discurso uma desumanização deste sujeito. São continuidades no discurso, ao passo que através de resgates na memória discursiva, podemos constatar, que no período da escravidão, os negros eram tidos como animais, sem sentimentos. A autora discorre:

Porque dentro das estruturas vivas definidas pelo lucro, pelo poder linear, pela desumanização institucionalizada, nossos sentimentos não foram feitos para sobreviver [...] espera-se que os sentimentos se ajoelhem para o pensamento como espera-se que mulheres ajoelhem se para os homens. [...] **Quais foram as tiranias que você engoliu dia após dia e tentou fazê-las suas, até que fique doente por elas e morra ainda em silêncio?** (LORDE, 2020, p. 29, tradução nossa, grifos nossos).

É válido mencionar que, de certa forma esta imagem da mulher negra forte é também uma imagem de controle. Constrói-se a representatividade de papel para esse sujeito, onde ela deve: 1) desempenhar uma relação maternal e de cuidado para com os

¹² O estudo de Leal et al., (2017), que faz uma pesquisa sobre a experiência de mulheres nos períodos de pré-natal e parto, é bastante revelador quanto ao tratamento destinado às mulheres negras no período da gestação nos hospitais. Através de entrevistas e análises de prontuários, os autores encontraram grandes disparidades que indicam pré-natal inadequado, ausência de acompanhante e menos anestesia. Os dados encontrados e discutidos pelos pesquisadores corroboram quanto ao que traçamos em nossa pesquisa, quanto a crença solidificada no imaginário social sobre enunciados que constituem a mulher negra como um “ser forte e resiliente” e capaz de “aguentar a dor” em relação aos outros sujeitos.

outros, sejam seus filhos, colegas de trabalho, companheiros, patrões; e 2) resistir, com resiliência, apesar das opressões sistemáticas diárias que a afetam.

Diante disso, podemos nos questionar “se a mulher negra cuida de todos, quem cuida dela?”. Ainda dispomos de outras perguntas de Lorde (2020, p. 143-144, tradução nossa): “que outra criatura no mundo, além das mulheres negras, teve que construir conhecimento a partir de tanto ódio em sua sobrevivência e continuar seguindo?” e “que outro ser humano absorve tanto hostilidade e ainda funciona?” e Winters (2020, p. 161, tradução nossa): “o desconforto de quem está na linha para garantir que eles estejam confortáveis?”. Essa problematização é fundamental para entendimento da figura da *strong black woman* (mulher negra forte).

Beauboeuf-Lafontant (2005; 2007) se dedica a investigar esta figura denominada “*strong black woman*”. A autora fala sobre como existem expectativas direcionadas a mulher, sobre o que significa ser uma “boa mulher”. Cumprir essas expectativas pode aumentar bastante a angústia dessas mulheres. A autora alia essas às estatísticas de depressão e discute que “ser forte” é uma expectativa cultural, colocada para as mulheres negras, que encoraja a adoção e reprodução de certas atitudes e comportamentos entre as mulheres negras. Trazendo os conceitos de “feminilidade normativa” e “auto-silenciamento”, a autora passa a construir como esse sujeito tenta, em troca de seus próprios desejos, objetivos e sentimentos, corresponder às expectativas dessas imagens culturais. O ponto para o qual chama atenção é o de que o discurso de força para a mulher negra tem alto *status* dentro da comunidade negra e na sociedade em geral, conforme descreve:

a ideia de força é tipicamente vista como uma alternativa honorável dentre os estereótipos negativos gerados pela sociedade maior. Sendo primeiro plano para a sobrevivência das mulheres negras a escravidão e contínua marginalização socioeconômica, o discurso de força traz sua autoridade não através de investigação empírica, mas do contraste entre mulheres negras e mulheres brancas femininas e normativas. [...] o construto de força é baseado em um grupo de premissas problemáticas: que mulheres negras fortes são o oposto rígido e desviante de mulheres brancas femininas apropriadas e fracas [...] questionar a força como um construto social é investigar os interesses de quem serve perguntar quais outras qualidades coexistem com isso. (BEAUBOEUF-LAFONTANT, p. 31, 2007, tradução nossa).

Jones e Shorter-Gooden (2004) falam sobre o mito de que mulheres negras não são vulneráveis e incansáveis, que elas sempre perseveraram e suportam, mesmo diante de situações difíceis, sem serem afetadas negativamente. As autoras destacam que esse é um mito que muitas mulheres negras adotam e, a partir disso, assumem papéis diferentes e se

encarregam de tarefas diferentes, ignorando o esforço físico e emocional. Winters (2020, p. 113, tradução nossa) diz que mulheres negras são raramente caracterizadas como necessitando de proteção, espera-se que sejam fortes e não emotivas, “muitas de nós acreditamos que é nosso propósito servir aqueles em necessidade, dar de volta, compartilhar, sacrificar, cuidar tanto dos outros como cuidar de nós, tudo sem reclamar, e o melhor possível, sem deixar a fadiga nos pôr em risco”.

A partir dos pressupostos de Nietzsche e Foucault, discutidos na seção anterior, podemos dizer que essas são vontades de verdade, que permitem a criação da imagem da *Strong Black Woman* para esse sujeito, que tendo objetivos específicos dissimulam sua criação ao ponto de que até mesmo as mulheres negras adotam para si, não questionando o desgaste físico e emocional que isto pode causar.

Jones e Shorter-Gooden (2004) desenvolveram uma pesquisa na qual buscaram explorar o impacto do racismo e sexismo em mulheres negras nos Estados Unidos. As autoras fizeram entrevistas em que analisaram as falas de mulheres negras sobre suas experiências e foram traçando como mulheres negras mudam, como se comportam para se opor aos mitos e lidar com atos de discriminação. A partir disso, as pesquisadoras apresentaram um conceito que chamam *Shifting*, que traduzimos como deslocamento, as entrevistadas da pesquisa também trazem termos como “máscara” ou “efeito camaleão”.

13

Deslocamento é uma ferramenta que foi aperfeiçoada pelas mulheres negras em resposta a opressão que sofrem diariamente, um tipo de subterfúgio que os afroamericanos vêm praticando a muito tempo para garantir sua sobrevivência em nossa sociedade

Talvez mais do que qualquer outro grupo, mulheres negras são incansavelmente forçadas a servir e satisfazer outros e pressionadas a esconder seus verdadeiros eus para apaziguar colegas de trabalho brancos, homens negros, e outros segmentos da comunidade. Elas deslocam para acomodar as diferenças de classe, bem como de gênero e etnia. De um momento ao outro, elas mudam seu comportamento externo, atitude, ou tom de voz, deslocando para ‘branco’, depois “negro” novamente, deslocando “corporativo”, deslocando “calma”. (JONES, SHORTER-GOODEN, 2004, p. 6-7, tradução nossa)

¹³ De acordo com o dicionário Michaelis (2003), o termo *shift* traz algumas possíveis traduções para o português, “1. mudar, deslocar” (MICHAELIS, 2003, p. 317). Justificamos nossa escolha em traduzir o termo como “deslocamento” para evidenciar como o movimento realizado pelas pessoas negras as retira de sua posição de origem, algo que pode ser visto como confortável, para assumir uma outra posição e como essa ação é feita visando acomodar outros.

O deslocamento pode ser descrito como uma performance que é disposta pelas mulheres negras em diferentes momentos de seu dia a dia, para se incluir nos diferentes espaços que pretende ocupar. Conforme as autoras, todos os sujeitos têm a capacidade de “se deslocar” diante de diferentes contextos situacionais, mas para a mulher negra isso não só é feito com mais frequência, como também utilizado como uma ferramenta de sobrevivência. Trazemos esse fragmento de Lorde que ratifica esse pensamento:

Quando pessoas dividem uma opressão em comum, certos tipos de habilidades e defesas em comum são desenvolvidos. E se você sobrevive, você sobrevive porque essas habilidades e defesas têm funcionado. [...] Tradicionalmente, na sociedade americana, espera-se que os membros dos oprimidos, grupos objetificados estendam-se e formem uma ponte no espaço entre as realidades de nossas vidas e a consciência do opressor. Para sobreviver, aqueles de nós para os quais a opressão é tão americana quanto a torta de maçã, tivemos sempre que ser observadores, para nos tornarmos familiares com a linguagem e maneiras do opressor, às vezes até as adotando por alguma ilusão de proteção (LORDE, 2020, p. 89-104, tradução nossa).

Esse trabalho de observação, assimilação e uso de ferramentas como o deslocamento é crucial para a sobrevivência da mulher negra. Lorde (2020) ainda fala que a habilidade mais básica de sobrevivência do negro é a habilidade de mudar, metabolizar experiência boas ou ruins em algo útil e efetivo. Em um momento, a mulher negra pode lançar uma performance atuando como maternal e submissa, em um ambiente de trabalho, por exemplo, onde seus colegas brancos desejam que atue desta forma, no ambiente de casa, esse sujeito pode lançar do deslocamento e agir com autoridade para falar com seus filhos.

Os objetivos de se valer do deslocamento podem ser constatados por Collins (2019, p. 117): “As mulheres submissas ou que representavam bem o papel de serviçais obedientes eram valorizadas por seus empregadores, independentemente da qualidade de seu trabalho”.

O deslocamento também assume outras formas se destacarmos a consciência do negro sobre como é referenciado nos discursos que circulam em sociedade, mas também a internalização deste sobre esses estigmas e ao exercício de sua parcela de poder na tentativa de contradizê-las. A mulher negra antecipa que sua identidade é facilmente associada à figura negativa no imaginário social, assim usa o deslocamento para contradizer isso. Quando é vista como “barraqueira”, traz uma performance que muda seu tom de voz, mantendo-se em silêncio. As autoras comentam:

Se manter em silêncio quando um colega de trabalho branco a assedia sexualmente, por medo de que não seja acreditada; agir com entusiasmo, mas

não de forma agressiva no trabalho para que não se indisponha com o chefe branco; e depois se deslocando novamente em casa para satisfazer um homem negro que também tem que viver com a dor e injustiça do ódio e preconceitos da sociedade. (JONES; SHORTER-GOODEN, 2004, p. 7, tradução nossa)

O deslocamento é, sobretudo, o impacto das imagens de controle na percepção do sujeito mulher negra e um sintoma de sua busca para se dissociar das mesmas. Ele responde à pergunta de Winters (2020, p. 133, tradução nossa): “o que fazemos para sobreviver e prosperar em um mundo que frequentemente nos diminui?”. Collins (2019) afirma que para as mulheres negras fazer algo que não se espera delas é uma forma de resistência. “Elas ajustam a forma com que agem de um contexto ao outro. Elas tentam mascarar sua inteligência com um grupo de amigos e fazer tudo o possível para prová-la com outro. Elas negam sua tristeza e solidão.” (JONES; SHORTER-GOODEN, 2004, p. 61, tradução nossa).

A figura da *strong black woman* dispõe dessas ferramentas no objetivo não só de sobreviver, mas também de comprovar uma nova faceta sobre a mulher negra, almejando uma descontinuidade na ordem do discurso, que a coloca em associação aquilo que contradiz os valores da moral social.

Entretanto, Collins (2019) diz que as mulheres negras são, muitas vezes, silenciadas pela imagem da mulher negra superforte e que a maternidade negra, concebida sobre imagens de controle, valoriza a capacidade de mães negras de lidar com as opressões interseccionais e divulga a ideia de que essas mulheres são capazes de transcender as injustiças que caracterizam essas opressões, constituindo assim altos custos pessoais para essa mulher negra. A autora fala sobre as implicações dessa imagem de controle:

A imagem de controle da “mãe negra superforte” é um elogio à resiliência das mulheres negras em uma sociedade que frequentemente as retrata como mães ruins; [...] Essas mães negras superfortes devem colocar as necessidades dos outros, especialmente dos filhos e das filhas, acima das suas. Até mesmo a teoria social crítica de matriz nacionalista negra encontra dificuldades para superar a imagem da mãe negra forte que trabalha por uma nova nação negra. [...] as filhas negras aprendem que devem trabalhar, lutar para estudar e se sustentar, e carregar fardos pesados dentro da família e da comunidade, pois essa capacidade será fundamental para sua própria sobrevivência e para sobrevivência daqueles que estarão sobre sua responsabilidade. (COLLINS, 2019, p. 293-306)

Lorde (2020) fala sobre como muitas mulheres negras problematizam o choro, e acreditam que a suavidade, no sentido de demonstrar sentimentos, tem que ser uma moeda de troca para conseguir poder. A autora também discute que em um lugar onde simplesmente ser é uma ameaça, desde a infância, as crianças negras na América devem

ser criadas para serem guerreiras, para sobreviverem. Nesse âmbito, a autora fala sobre como o corpo da mulher negra pode encarar resiliência e remorso, supressão de traumas e sobrevivência, e discorre sobre o conceito de força: “O que eles estavam dizendo em voz alta era, ‘precisamos de pessoas negras fortes’, mas o que eles também estavam dizendo era que as ideias sobre o que forte significava tinha que vir dos nossos opressores.” (LORDE, 2020, p. 80)

Jones e Shorter-Gooden (2004) dissertam sobre os problemas do deslocamento:

O shifting pode ser profundamente autodestrutivo para uma mulher negra. Frequentemente ela parte de estar em contato com sua experiência interior autêntica para colocar toda sua atenção em criar uma fachada exterior aceitável. Ao invés de manter uma consideração saudável dos outros, ela permite a tirania de seus preconceitos, necessidades e expectativas. Ela se sente frustrada, solitária e inadequada. Ou como ela é pressionada a pular entre identidades divergentes – uma “negra”, uma “branca” – vivencia o que chamamos de paradoxo ioiô.¹⁴[...] Ela pode ficar psicologicamente ou até fisicamente doente do estresse de ser todas as coisas para todas as pessoas e nada para si mesma. (JONES; SHORTER-GOODEN, 2004, p. 64, tradução nossa)

As autoras atentam sobre as consequências desse tipo de atitude para a mulher negra, a sobrecarga faz com que se desenvolvam sentimento de baixa autoestima, problemas psicológicos como a depressão, alcoolismo e vício em drogas. A supressão desses sentimentos faz com que se ignore, por hora, os impactos causados pela opressão que têm de enfrentar diariamente. Jones e Shorter-Gooden (2004, p. 210, tradução nossa) comentam sobre os resultados na saúde física causados por esse tipo de atitude. “O silenciamento do eu, [...] pode levar a depressão. E submissão pode colocar mulheres negras em risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, como AIDS. A diminuição do eu, falta de assertividade – em outras palavras, muito *shifting* - pode matar”.

Winters (2020) considera a fadiga causada por essa supressão de sentimentos e a internalização de estereótipos negativos sobre a identidade do sujeito negro. A autora (2020, p. 2, tradução nossa) define fadiga negra como “variações repetidas de estresse que resulta em exaustão extrema e causam males mentais, físicos e espirituais que são passados de geração por geração”. Reforçamos o ponto trazido pela autora do “trauma geracional” atrelado a essa fadiga, como o uso dessas ferramentas de sobrevivência negra

¹⁴ As autoras fazem uma alusão ao brinquedo infantil “ioiô” para ampliar a percepção da prática de *deslocamento* empregada pelas mulheres negras. Como o movimento do brinquedo, que vai e volta, as mulheres negras se deslocam de um lado para o outro, adaptando e readaptando seu modo de ser, de acordo com a situação para acomodar o outro.

é passado de geração em geração, o silenciamento e as consequências dele. As mulheres negras e suas filhas são convocadas pelo discurso a desempenhar esse papel, que exige força à medida que vai se naturalizando e, até mesmo, sendo visto como positiva a supressão dos sentimentos da mulher negra pelo bem dos outros.

Beauboeuf-Lafontant (2007, p. 30) conclui que “saúde mental e bem estar então dependem da percepção das mulheres de que a representação discursiva sociocultural de sua feminilidade falha em incorporar sua realidade.”

Percebemos como as vontades de verdade nos discursos sugerem os papéis que devem ser desempenhados pelas mulheres negras. Uma possível resposta à pergunta que intitula a seção, “por que ela tem que ser forte?”, pode ser formulada a partir das expectativas que são lançadas sobre o sujeito mulher negra, muitas vezes, internalizadas pela mesma e o intuito que parte da própria comunidade negra na busca da segunda abolição, que ao objetivar a libertação dos estereótipos negativos, acarreta em uma nova imagem de controle a *strong black woman*. Essa imagem traz imperativos relativos a uma performance de ser forte, que são uma continuidade a discursos de imagens de controle, anteriores na memória discursiva. Essa mulher negra se dispõe como forte e protetora de todos, colocando-os em uma posição de conforto, enquanto sua vivência é permeada pela fadiga e silenciamento.

Os pontos discutidos aqui encaminham ao pensamento sobre o poder dos discursos verdadeiros, tanto no sentido da possibilidade de agência do sujeito mulher negra, em sua tentativa de reformular sua imagem perante a sociedade, como no poder disposto pelas vontades de verdade no cerne dos discursos de organizar, excluir, até mesmo, “fazer viver e deixar morrer” (FOUCAULT, 2010). Uma discussão relativa a redes de poder, saber-poder é apresentada na próxima seção.

2.1.3 Subjetivação e Governamentalidade – Discurso de força como tática de controle

Collins (2019) fala sobre a dialética entre opressão e ativismo que constitui o pensamento feminista negro. Se observarmos essa dinâmica e olharmos para as possibilidades de resposta, desenvolvimento e uso de ferramentas pelos sujeitos negros, que constituem seu ativismo, podemos começar a entender melhor a visão do poder conforme é abordada por Foucault (2010; 2021). Para os sujeitos oprimidos, a simples possibilidade de refletir e enunciar sobre sua experiência e vivência passa a constituir o exercício de sua parcela do poder, mediante as técnicas de resistência, por exemplo.

Na “fase genealógica” de suas obras, Foucault dedica-se a olhar para o funcionamento das redes de poder, as possibilidades de ruptura nessas técnicas e táticas lançadas para sua manutenção, e a relação saber-poder. O autor (2021, p. 43) propõe a análise genealógica como “uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isso que eu chamaria de genealogia, isso é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc.”. Essas discussões são de suma importância para que possamos entender como o discurso de força e vulnerabilidade se relaciona para o sujeito mulher negra, constituindo a *strong black woman*.

Foucault (2006) fala sobre uma energia que age em conformidade

para que alguma coisa chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder (FOUCAULT, 2006, p. 207).

A partir dessa primeira definição sobre o que seria o poder para o autor, passamos a entender esse conceito. Caracterizado como feixe de luz que vem de outro lugar, capaz de chegar até nós e arrancar algo da noite, o poder é tido como algo vivo, uma energia capaz de produzir. O poder é algo que circula e afeta todos através de suas redes, sendo reconhecido como aquilo pelo qual se luta e permite que todos os sujeitos, afetados por ele, possam se utilizar de sua parcela de poder de algum modo.

Foucault (2010) discorre sobre como acredita que deve se estudar o “como do poder”, o autor coloca algumas instruções para que se entenda o poder. Mediante isso, resumimos algumas dessas precauções de método:

- 1) Não se trata de analisar as formas regulamentadas e legítimas do poder em seu centro, ao contrário, trata-se de apreender o poder em suas extremidades, onde ele se torna capilar, em suas instituições mais regionais, mais locais;
- 2) Não o considerar do lado de dentro, não formular a questão “quem tem o poder afinal?”, mas sim, de estudar o poder do lado de sua face externa, no ponto em que ele está em relação direta e imediata com o que se pode denominar seu objeto, seu alvo, seu campo de aplicação.
- 3) Em vez de se perguntar como o soberano aparece no alto, procurar saber como se constituíram pouco a pouco, progressivamente, os súditos, a partir da

multiplicidade dos corpos, das forças, das energias, das matérias, dos desejos, dos pensamentos, etc.;

4) O poder deve ser analisado como coisa que circula, que só funciona em cadeia, o poder se exerce em rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de serem submetidos a esse poder e também de exercê-lo;

5) deve-se investir em uma análise ascendente do poder, procurando os agentes reais que podem estar no círculo imediato: a família, os pais, os médicos, o escalão mais baixo da polícia;

6) O poder, quando se exerce em seus mecanismos mais finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber, aparelhos de saber.

A ideia de que o poder oprime pode ser reformulada, ao passo que para Foucault, enquanto força que produz e circula, o poder tem uma ação diferente. “Como o poder seria leve e fácil, sem dúvida, de dismantelar, se ele não fizesse senão vigiar, espreitar, surpreender, interditar e punir; mas ele incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” (FOUCAULT, 2006, p. 219-220)

O autor insiste no caráter positivo desempenhado pelo poder, uma vez que

o que faz com que poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz a prazeres, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2021, p. 45)

O poder influi às vidas de todos, não é propriedade exclusiva de grupos hegemônicos como o senso comum pode pensar, o poder influi, inclusive, às vidas daqueles que são marginalizados, considerados homens menores, minorias sociais. Para Foucault, só podemos falar sobre esses porque suas vidas são cruzadas pelo poder. A própria existência das minorias provoca o poder e luta com ou contra ele. Nas redes de poder, os sujeitos não são inertes, deixando-se coagir e levar por aquilo que o poder estabelece, os sujeitos são atuantes, há a possibilidade de fuga, de fala, de resistência e isso representa como são afetados pelo poder, representa a tomada de poder pelas minorias. O autor disserta sobre os efeitos do poder:

O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso

nos restam; seja por se ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer se nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. [...] impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser “em estado livre”; só podemos balizá-las [...] nos jogos de poder e nas relações com ele. [...] o ponto mais intenso das vidas, [...] é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar de suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhe foi concedido, é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós (FOUCAULT, 2006, p. 207 -208).

Sobre isso, Deleuze reforça que:

Um exercício de poder aparece como um afeto, já que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças (com as quais ela está em relação) e de ser afetada por outras forças. Incitar, suscitar, produzir (ou todos os termos de listas análogas) constituem afetos ativos, e ser incitador, suscitado, determinado a produzir, ter um efeito ‘útil’, afetos reativos (DELEUZE, 2019, p. 74)

A discussão sobre o poder circular pode ser entendida quando Foucault (2006) analisa as súplicas de homens ordinários ao rei, a crença comum diria que o poder estaria concentrado na mão do rei e governantes, para comprovar o caráter circular do poder, Foucault (2006) analisa os enunciados dos súditos que iam ao rei pedir punição para alguns de seus familiares que estavam incomodando, ou que não agiam conforme as leis estabelecidas. As denúncias desses súditos ao rei recaiam sobre sujeitos que seriam denominados por Foucault como “homens infames”, criados através da enunciação de outros homens como tais, por não seguirem a normalidade da época. Quando os pedidos eram acatados e os homens infames sufocados, é possível comprovar como o poder é atribuído a todos em nossa sociedade em algumas circunstâncias, e como os súditos através de sua fala e súplicas ao rei são capazes de tomar o poder para si e agir sobre os outros. O autor reflete sobre as tomadas de poder:

Nas redes de poder, ao longo de circuitos bastante complexos, vêm prender-se as disputas de vizinhança, as brigas dos pais e seus filhos, os desentendimentos dos casais, os excessos do vinho e do sexo, as disputas públicas e muitas paixões secretas. Houve, ali, um imenso e onipresente apelo para se pôr em discurso todas essas agitações e cada um dos pequenos sofrimentos. Um murmúrio que não cessara começa a se elevar: aquela através do qual **as variações individuais de conduta, as vergonhas e os segredos são oferecidos pelo discurso para as tomadas de poder.** [...] a vida comum, podem e devem ser ditas, ou melhor, escritas. Elas se tornaram descritíveis e passíveis de transcrição na própria medida em que foram atravessadas pelos mecanismos de um poder político. (FOUCAULT, 2006, p. 216, grifos nossos).

O processo de criação da diferença e eliminação dos diferentes efetuado pelo discurso, cria uma necessidade para que os próprios diferentes tentem se dissociar do

grupo ao qual são associados. A marcação da diferença não é somente utilizada por aqueles que são considerados “universal” em relação “marginal”, mas também é instrumentalizada pelas minorias, onde passa a ser parâmetro para escapar das violências sofridas. Foucault (2006) desenvolve o uso da diferença como ferramenta de proteção pelos grupos minoritários ao falar sobre a assimilação de valores morais pelos operários que se revoltaram:

Os movimentos operários e seus cabeças foram coagidos - a fim de escaparem da repressão policial, sob sua forma mais violenta e mais selvagem – **a marcar sua diferença do conjunto da população criminosa**. Havia todo um empenho em se apresentar esses movimentos como organizações de assassinos, de matadores contratados, de ladrões, de alcóolatrás. Portanto, **era necessário que eles abrigassem essas acusações e escapassem dos castigos que disso resultava**. Vem daí, também, a obrigação que sentiram, como se ela fosse sua, de assumir a responsabilidade de todo um sistema de moralidade saído, de fato, da classe dirigente, e de aceitar, no fim das contas, a distinção burguesa entre virtude e vício, e de respeito pela propriedade do outro. **Eles foram coagidos a recriar para eles próprios uma espécie de puritanismo moral que representava, ao mesmo tempo, uma condição necessária à sua sobrevivência e um instrumento útil em sua luta**. (FOUCAULT, 2006, p. 141, grifos nossos)

Foucault (2006) analisa a relação entre burguesia e proletariado e como se dá a manutenção de poder pela burguesia. Segundo o autor, a ideia de moralidade familiar foi um conceito imposto pela burguesia e adotado pelo proletariado. O discurso da moralidade familiar estabelecia atitudes, costumes através da diferença “bom x mal”. O proletariado, que buscava escapar da eliminação e coação violentas, tenta se destacar como diferente, dissociando-se da população agitada, e para isso, adota essa vontade de verdade, seguindo o que a moralidade familiar exigia. Seguindo, assim, a ordem do discurso da burguesia.

A moralidade familiar [...] tornou-se, no início do século XIX, um dos meios usados pelo proletariado para, de algum modo, admitir sua respeitabilidade. A virtude popular, o bom operário, o bom pai, o bom marido, respeitosos da ordem jurídica: tal era a imagem que, a partir do século XVIII, a burguesia deixava transparecer e impunha ao proletariado, a fim de desviá-lo de toda forma de agitação ou de insurreição violentas, de toda tentativa de usurpação do poder e de suas regras. Essa imagem, de fato, o proletariado fez sua e a utilizou de uma maneira que, com muita frequência, serviu às suas lutas. (FOUCAULT, 2006, p. 143)

São colocados em evidência a dissimulação no trabalho discursivo e a constituição de uma vontade de verdade, são apagados os interesses da burguesia na constituição e incentivo da ideia de moralidade familiar. O controle exercido sobre o proletariado parte do movimento que faz com que esse grupo adote para si tais prescrições comportamentais do que constitui um “bom homem”. A vontade de verdade que estabelece a “boa

conduta”, propagada pela burguesia e adotada pelo proletariado, é contrária a expressões de revolta diante das injustiças e desigualdades. Assim, a forma que o discurso se constitui auxilia na manutenção de poder da burguesia e no controle do proletariado.

De maneira semelhante, o discurso de força vai sendo naturalizado e adotado pela mulher negra, ela passa a suportar as opressões sistemáticas em silêncio. Passamos a ignorar questionamentos sobre “quem impõe esse discurso?” e “aos interesses de quem esse discurso serve?”.

Como discutido na seção 1.1, do capítulo 1, os discursos que circulam são validados pelas vontades de verdade que os sustentam e tais discursos considerados verdadeiros, têm poder de definir, classificar e estabelecer as coisas de modo que organizam o mundo. Foucault (2021) argumenta que a verdade é produzida nesse mundo graças as múltiplas coerções e produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade através do qual normatiza os sujeitos, por exemplo, dividindo-os entre aqueles que estarão no centro e os que devem ficar do lado de fora. Assim, o estatuto da verdade desempenha um papel econômico-político, conforme Foucault explica:

Numa sociedade como a nossa – mas, afinal, de contas, em qualquer sociedade – múltiplas relações de poder perpassam, caracterizam, constituem o corpo social; elas não podem dissociar-se, nem se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há no exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade. (FOUCAULT, 2010, p. 22)

No âmbito das ciências e proposições científicas, os discursos considerados verdadeiros constituem um saber-poder que rege a forma correta de agir, validados pela ciência, amplamente aceita por sua capacidade de ser verificável por procedimentos científicos. Os saberes-poder do discurso científico mantém vontades de verdade tidas, muitas vezes, como absolutas e inquestionáveis. Diante disso, Foucault (2021, p. 39) se questiona “que efeitos de poder circulam entre os enunciados científicos; qual é seu regime interior de poder; como e porque em certos momentos ele se modifica de forma global”.

Para isso, o autor propõe que sejam analisadas a genealogia das relações de força, de desenvolvimento estratégicos e de táticas. Conceito interessante que corrobora com essa discussão é o de biopolítica, desenvolvido por Foucault (2010). Para o autor, um dos fenômenos fundamentais no século XIX foi a tomada de poder sobre o homem enquanto

ser vivo, uma espécie de estatização do biológico, movimentos centrais que caracterizam o nascimento do biopoder, da biopolítica.

Anteriormente, para a arte de governar, influía sobre “fazer morrer e deixar viver”, onde a vida e a morte dos súditos só se tornavam direitos pela vontade soberana, a morte era priorizada estando nas mãos do rei. Durante os séculos XVII e XVIII técnicas e tecnologias de poder centradas no corpo individual, sua organização, alinhamento e colocação em série para a vigilância (FOUCAULT, 2010). Temos o que o autor denomina “poder disciplinar”, que se ocupa da regulação dos comportamentos, da vigilância, da punição. Disciplinar o corpo era importante. O autor (2021) sugere algumas instituições centradas na disciplinarização dos corpos, que materializam o poder disciplinar: as prisões, manicômios, escolas. Sobre o poder disciplinar, ele afirma: “a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que deem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos” (FOUCAULT, 2010, p. 204).

Há, em certo momento do século XIX, uma inversão dessa máxima¹⁵, o poder passa a ter como lema “fazer viver e deixar morrer”. A vida e a proteção da vida passam a ser problematizadas no campo do poder político. Dirigindo-se ao homem enquanto ser vivo, o conhecimento biológico, estabelecido pelas vontades de verdade das pesquisas no discurso biológico será utilizado para o melhor governo dos seres, pensando no conjunto dos seres, tendo em vista sua evolução, sua melhoria de vida, seu prevaecimento enquanto raça. Quando pensamos na biopolítica, podemos dispor perguntas como “o que pode ser feito para que os homens vivam melhor e por mais tempo?”.

O autor afirma diz que esse poder sobre os corpos tem uma visão massificante, direcionando-se ao homem-espécie,

trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos [...] , constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 2010, p. 204).

¹⁵ Frisamos que o surgimento da biopolítica não exclui o poder disciplinar, conforme desenvolve Foucault (2010, p. 203), a biopolítica consiste em “uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia”.

De certo modo, a biopolítica é um poder que se vale das descobertas científicas associadas às análises estatísticas para organizar os seres humanos. Importantes medidas foram tomadas a partir do proposto pelo biopoder no controle de doenças, epidemias, pandemias. Através de suas contribuições, houve uma ruptura em como os sujeitos encaravam a morte, pois enquanto são dispostos métodos para preservação da vida, a morte passa a ser algo evitável.

Outra faceta do exercício do biopoder que vale menção é o porquê de “fazer viver e deixar morrer”, “quais interesses estão envolvidos na proteção da vida?”. O uso de táticas biopolíticas na gestão da população tem seus interesses e já foram desenvolvidos e utilizados instrumentos que tem sua filiação com o discurso biopolítico que objetivaram o “deixar morrer”. “A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (FOUCAULT, 2010, p. 206). O teor político que envolve os interesses do biopoder é de extrema importância para que se entenda como essa forma de governo continua a exploração, exclusão e marginalização dos homens.

O biopoder também se utiliza da ideia de “norma” para controle da população, para melhor entender podemos nos valer da associação que Foucault (2010) faz entre racismo e biopoder, em que condições o biopoder pede para matar, manda matar, expõe a morte seus cidadãos, contradizendo seu lema de proteção a vida. Para o autor, o racismo foi inserido nos mecanismos de Estado pelo biopoder, ao passo que o racismo é definido como a introdução no domínio da vida de que o poder se incumbiu como um corte entre o que deve viver e o que deve morrer. O racismo estabelece entre a minha vida e a morte do outro uma relação de tipo biológico, onde, para que eu viva, o outro deve morrer (FOUCAULT, 2010).

O racismo biológico, concebido pelo biopoder, utiliza-se da ideia de norma e diferença. Aquele que é caracterizado como diferente pelo discurso é construído pelo biopoder como sujeito que deve ser responsabilizado pelas fraquezas da população, assim, sua eliminação deixará a vida mais sadia e pura, melhorará a raça humana. Morrer, no sistema de biopoder, é discursivizado como a eliminação de um perigo biológico e assim, torna-se aceitável tirar a vida em função de um fortalecimento. “O racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo” (FOUCAULT, 2010, p. 215).

Foucault (2010, p. 216) também frisa que o “tirar a vida” pode ser entendido como assassinio direto ou assassinio indireto, este último relativo ao “fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.”. Podemos associar a esse assassinio indireto a falta de políticas públicas que promovam igualdade para os sujeitos mais pobres, falta de saneamento básico, falta de comida saudável. Trazendo para o sujeito central de nossa pesquisa, esse assassinio indireto, destinado a mulher negra, toma a forma dos discursos verdadeiros que dizem que ela não sofre, não deve ter sentimentos, privando-a de cuidar de sua saúde psicológica e física.

O discurso biopolítico também busca o “fazer viver”, para que os sujeitos vivam por mais tempo e possam produzir mais enquanto sociedade. Oliveira (2021) analisa como o discurso midiático vale-se do discurso biológico para dispor de métodos e táticas que solucionem rapidamente problemas psicológicos, como a ansiedade e depressão, nos tempos da pandemia de covid-19. Podemos traçar, através do exposto, uma estratégia biopolítica que traz vontades de verdade do discurso científico e biológico que influenciam os sujeitos a não pararem de produzir, mesmo diante da pandemia, mesmo que estejam enfrentando problemas psicológicos.

2.1.4 “Sobreviva!” – imperativo da vivência da mulher negra na personagem Ophelia

Com base nos conceitos e discussões trazidas nas seções anteriores deste segundo capítulo, analisamos duas sequências discursivas retiradas do décimo terceiro episódio da primeira temporada da série. Este episódio é marcado pela chegada de Ophelia, a mãe da protagonista Annalise, que aparece em um momento no qual Annalise demonstra-se vulnerável. A personagem assume papel maternal esperado, exercendo funções de cuidado, rememorando a filha o papel que deve ser exercido pelo sujeito mulher negra e evocando momentos na história das duas que reforçam a necessidade da performance da força.

Inicialmente, chamamos atenção à frase que intitula o episódio “*Mama’s here now*”, em tradução para o português “A mamãe chegou”, que estabelece a figura da mãe e o evento de sua chegada como aquilo que trará segurança e estabilidade à figura do filho. O título desse episódio é uma fala dita pela personagem Ophelia durante um momento no qual consola a filha, de modo a garantir que a figura da mãe e sua presença tornará a situação difícil em algo mais ameno. Passamos a primeira sequência discursiva, que traz diálogos que marcam a chegada da mãe e seu primeiro diálogo com a filha.

Sequência Discursiva 5 - O imperativo de força na vivência da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Mama’s here” – “A mamãe chegou”
 13º Episódio x 1ª Temporada
 04’15”

Ophelia: - E agora você não tem marido, nem namorado e **fica enrolada nesta cama como a Rainha de Sabá**. Agora me liga falando **“Preciso de você”**. Está certo! Andando por aí toda importante. **Levante! [...] Vamos! Levante dessa cama e vá para o chuveiro!** [...] Tudo bem, querida. Venha. **Mamãe está aqui agora e tudo vai ficar bem.**

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Mama’s here” – “A mamãe chegou”
 13º Episódio x 1ª Temporada
 10’ 33”

Ophelia: - - Quer lembrar daquilo de novo?

Annalise: - **Esqueça, mãe.**

Ophelia: - Nossa casa pegou fogo. Ficamos com nada. **Ainda assim, cara limpa, sua barriga está cheia e sua bunda coberta. Eu cuidei de você. Protegi você.**

[...]

Ophelia: - Não me desafie, **Anna Mae!**

Annalise: - **Annalise.**



O contato inicial de Ophelia com Annalise a mostra entrando em cena, abrindo as cortinas do quarto e puxando os lençóis da cama em que a filha está deitada, exigindo que ela se levante prontamente. Nesta primeira apresentação da personagem, temos uma elucidação do imperativo de força para o sujeito mulher negra. Enquanto Annalise encontra-se na cama, triste e desmotivada após a morte de seu marido, Ophelia aparece falando para a filha “levante!”, imperativo que modularia seu comportamento a uma “normalidade” do que é esperado da mulher negra em situações adversas, corroborando uma privação de expor vulnerabilidade e fraqueza, mesmo diante do luto.

A personagem ainda faz uma alusão a expressão de vulnerabilidade da filha com a “Rainha de Sabá”, o que constata a assimilação do sujeito mulher negra a imagem de controle da *Strong Black Woman*, onde demonstrar fraqueza e tristeza seria algo que não está em consonância com sua essência. Quando Ophelia exige que Annalise tome uma

ação e continue com sua vida, temos uma similaridade com o que Kilomba (2019) fala sobre a expectativa de que a mulher negra solucione seu problema, uma vez que ela é colocada como aquela que causa o problema.

Após observar que a filha continua triste, Ophelia altera seu comportamento e passa a acalenta-la, assegurando que a sua presença fará com que tudo fique bem, repetindo a frase que intitula o episódio, “mama’s here now”. Nesse segundo momento, observamos o aspecto de maternidade e cuidado do outro que é assumido pelo sujeito mulher negra, à medida que Ophelia encarrega-se de cuidar de Annalise, observamos uma ação na qual as dores serão sanadas pela sua presença, pois ela tratará de resolver todos os problemas.

É válido mencionar que durante esta primeira temporada da série, apenas na presença da mãe, outra mulher negra, Annalise é capaz de demonstrar a vulnerabilidade. Em contato com outros personagens, Annalise comumente assume posição de força, sempre se colocando disponível para resolver os eventuais problemas da trama. Esse aspecto põe em questão a apropriação do sujeito mulher negra, desta vontade de verdade que a convoca para o contínuo exercício da força, demonstrando que só sua semelhante, outra mulher negra, seria capaz de auxiliá-la e se colocar à disposição para que ela possa ser vulnerável.

O papel relegado a mulher negra em nossa sociedade garante a ela experiências singulares da vivência sob o signo de alteridade. A singularidade dessas experiências é partilhada pelo grupo, o que permite que se ecoem entre mulheres negras, ainda que difiram em idade e lugar de origem, as experiências e inquietações. É comum que uma mulher negra se sinta compreendida e encontre acolhimento em outra mulher negra, mediante o aspecto de experiência de vida que as une. Lorde (2020) discorre sobre a idealização de espaços seguros, onde mulheres negras possam trocar experiências entre si e promover a cura uma das outras. A partir disso, podemos construir um melhor entendimento sobre a segurança que Annalise sente diante da presença de sua mãe, outra mulher negra, para expressar sua vulnerabilidade.

O regime de verdade que censura a dor da mulher negra, acusando qualquer expressão de dor como sensibilidade excessiva, conforme Kilomba (2019), é confrontado por Annalise. À medida que ela expressa vulnerabilidade, poderíamos dizer que essa expressão é uma descontinuidade daquilo que é esperado da mulher negra, pela forma como o discurso constitui a imagem de controle *strong black woman*.

Ophelia fala sobre como, mesmo diante do acontecimento, ela foi capaz de manter a filha “limpa”, “de barriga cheia” e “coberta”. A personagem demonstra em sua fala como o discurso de força constitui a posição de sujeito da mulher negra. Há uma assimilação do papel a ser desempenhado por ela, mesmo diante da adversidade, ela fala sobre como dispôs de esforços para proteger e cuidar da filha. São expressões que constituem o cuidado materno, discursivizam a mulher negra e o ato de cuidar como seu aspecto constitutivo, sua natureza. Atendendo às expectativas do que Beauboef-Lafontant (2007) fala sobre o que significa ser uma “boa mulher negra”, aquela que é a “espinha dorsal” de sua família e comunidade, isso é algo do qual ela se orgulha de ter feito, mesmo sem assistência alguma.

Podemos identificar o *shifting* (deslocamento) mencionado por Jones and Shorter-Gooden (2004), no fato de que a personagem alterou seu nome. A mudança do nome de batismo Anna Mae, pelo qual sua mãe a chama, para Annalise, como é conhecida em seu ambiente de trabalho, demonstra como a personagem se modula, alterando uma parte significativa de si para se incluir em um novo ambiente.

É válido pensar que na cultura estadunidense, o nome Anna Mae é comumente associado ao sul do país, uma cultura mais simples. Quando a personagem se nomeia Annalise faz isso em função de sentir que o nome anterior é inadequado, há um deslocamento (*shifting*) entre Anna Mae (nome negro) Annalise (nome branco). Isso é um traço da figura da *Strong Black Woman*, pois é uma alteração do seu verdadeiro “eu” para acomodar as percepções do outro.

Através do histórico, ainda podemos traçar uma associação entre a supressão e troca do nome de batismo dos sujeitos negros escravizados pelos nomes dos senhores escravocratas e a partir de que interesses essa troca era feita. Esse movimento é parte de um conjunto de ações de recharacterização, que despersonalizavam os sujeitos negros, apagando sua origem, suas conexões com sua família e seu passado. Do mesmo modo, conferiam aos escravocratas poder sobre os sujeitos negros e sua associação a uma nova origem. Do mesmo modo, o ato de troca do nome de batismo expõe o interesse de um apagamento do passado e da origem de Anna Mae/Annalise, para assumir uma nova identidade, justificando seu pertencimento a um novo lugar.

Ao longo do episódio, as personagens discutem um acontecimento do passado, no qual a casa em que moravam foi incendiada, causando a morte de um outro personagem que nos é apresentado, “Tio Clyde”. Ao passo que o episódio se desenvolve, entendemos que Tio Clyde era um membro da família que morava com as duas, e, na ausência da mãe,

abusava sexualmente de Annalise. A mudança do personagem, do Tio Clyde, para o lar de Ophelia foi feita como forma de acolhimento, em um momento no qual ele precisava de ajuda, assim, passa a viver de favor com Ophelia e seus três filhos até o momento em que pudesse se reerguer e dar continuidade a sua vida. Diante disso, Ophelia teria propositalmente provocado o incêndio no qual esse personagem morreu. Esse fragmento coloca em questão alguns tópicos de constituição do discurso de força para o sujeito mulher negra.

Sequência Discursiva 6 - o imperativo de força na vivência da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
“Mama’s here” – “A mamãe chegou”
 13º Episódio x 1ª Temporada
 24’ 45”

Ophelia: - Homens vieram ao mundo para tomar as coisas. Pegam seu dinheiro, suas terras e suas mulheres e qualquer coisa em que possam por as mãos. Homens são assim. **Mulheres foram feitas para dar amor, nutrir, proteger, cuidar. Mulheres são assim.** [...]

Annalise: - Você sabia?

Ophelia: - Tio Clyde morreu!

A - Sabia o que ele fez comigo?

Ophelia: - Ele morreu! Ouviu? E Deus garantiu que ele levasse o que mereceu. [...]

Annalise: - (Sam) disse que **essa coisa que aconteceu comigo, que você ignorou,** é a razão por ser como sou.

Ophelia: Sua tia Lynn foi atacada pelo professor do primeiro ano. Reverendo Daniels me pegou após o ensaio do coral. Meu primeiro chefe. Alguns dos meus namorados. Já disse. **Homens tomam as coisas. Não é razão para falar disso e espalhar a sujeira. E nem para pedir ajuda ao psiquiatra!**

Sequência Discursiva 7- o imperativo de força na vivência da mulher negra

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
“Mama’s here” – “A mamãe chegou”
 13º Episódio x 1ª Temporada
 33’ 34”

Ophelia: - Comprei aquela casa quando estava grávida de você. Tinha tanto orgulho daquela casa. Não era muito, mas era minha. [...] **Mas num inverno, Tio Clyde veio e disse precisar de um lugar para ficar. “Só até se aprumar”, falou. Não se diz “não” à família.** Então, um dia, acordei bem no meio da noite. Não sei o que foi... apenas acordei. Fui até o corredor para dar uma olhada em você. Clyde saiu do seu quarto e eu soube o que ele fizera. Era um homem grande, adorava cachaça e uísque. Fumava três maços de cigarro por dia e sempre impregnava a casa com fumaça. Ele sempre adormecia no sofá com um cigarro na boca. **Eu ia lá e apagava o cigarro.** E uma noite, pouco tempo depois ele adormeceu no sofá bebado feito um gambá, aquele cigarro pendurado na boca dele. Tirei você e seus irmãos e irmãs da cama para ir dormir na casa da Tia Mabel. **Naquela noite, aquela casa que eu amava tanto... queimou até o chão e seu Tio Clyde queimou todinho com ela.**



O fato de que Annalise teria sido abusada sexualmente quando criança e ela expressa em sua fala como “essa coisa que aconteceu comigo, que você ignorou”, podemos apontar um sentimento de abandono da personagem. O fato de que nenhuma ação foi tomada para “proteger” Tio Clyde, um homem negro, traz o trabalho do discurso machista e a cultura do silenciamento. A mulher negra, ainda que encontre pontos de intersecção com o homem negro em sua vivência pelas opressões de raça, também é oprimida por este nas relações assimétricas de gênero.

Ainda nessa sequência discursiva, podemos compreender o silenciamento imposto ao sujeito mulher negra, pois para as personagens lembrar o acontecimento do abuso e culpar um homem negro é algo feito com grande dificuldade e parcimônia, ainda que estejam sozinhas na cena. O diálogo no qual Annalise pergunta a mãe “você sabia?” e “sabia o que ele fez comigo?”, e Ophelia responde “ele morreu!”, de modo a preservar o silêncio sobre o ocorrido.

A ordem do discurso machista, mesmo para a comunidade negra, organiza o abuso sexual, e as ações de acusar o erro de um homem negro e demonstrar a dor da vítima, como aquilo sobre o qual elas não podem ou devem falar. A vontade de verdade que cria a figura da mulher negra forte designa o desempenho de um ato protetor da mulher negra, sobretudo, endereçado a comunidade negra, incluindo o homem negro, que não permite expor as suas dores e opressões de gênero que sofre.

Para ilustrar a discussão, trazemos alguns enunciados da obra autobiográfica de Angelou (2008 [1986]), que dão continuidade a essa vontade de verdade. A autora, mãe de um garoto adolescente de 14 anos, prestes a se casar com Make, um de seus pretendentes, expõe ao leitor seu pensamento diante do que ela acredita que seja um pré-requisito para efetuação de seu casamento: “Make precisava de mim. **Eu seria de ajuda para ele. Eu era valente.**” (ANGELOU, 2008, p. 151, tradução nossa) e “se eu não já tivesse as qualidades que precisava, então **eu as desenvolveria.** A paixão me fez acreditar na minha habilidade **em criar a mim mesma a partir dos interesses do meu amor**” (ANGELOU, 2008, p.156, tradução nossa). Os enunciados da autora negra estadunidense revelam a subjetivação da mulher negra pelo discurso e como isso constrói sua relação com o homem negro. Ela acredita em se modificar a partir do homem negro e executar um papel em que possa ajudá-lo, corroborando com o ato protetor atribuído a mulher negra.

O ato de proteger e cuidar novamente pode ser traçado nas falas de Ophelia, quando ela expõe suas crenças sobre os papéis de gênero, ao qual destacamos o da mulher

como sendo naturalmente “dar amor, nutrir, proteger e cuidar”. Características associadas ao papel materno a ações intrínsecas do sujeito mãe que se sobrepõem à mulher negra. A noção de que a mulher tenha sido “feita para” algo traz vontades de verdade afiliadas aos discursos machista e essencialista. Ao mesmo tempo, a fala da personagem atribui o papel de gênero do homem como aquele que “toma as coisas”, isso também faz parte de um discurso essencialista, no qual seria justificável a atitude de abuso feita por Tio Clyde, pois a verdade que este discurso constrói é que esta seria a natureza, a essência do sujeito masculino.

O regime discursivo que cria a figura da *strong black woman* monitora a fala das personagens, possibilitando entender porque elas falam com restrição sobre o abuso sofrido por Annalise. Podemos mencionar a segunda abolição de que nos fala Braga (2015), expor o abuso sofrido demonstraria uma discordância com os valores morais que o sujeito negro está tentando demonstrar perante a sociedade. Assim, o silêncio sobre o abuso poderia ser visto também em função de proteger a figura do homem negro diante da sociedade, algo que recai sobre a mulher negra que deve ser forte.

O trauma geracional, apontado por Winters (2020), é observável quando Ophelia menciona outros casos de abuso por homens que foram vivenciados por outras mulheres em sua família. Ophelia fala a partir de uma posição de sujeito mais velho, sua vivência é vista junto a uma sabedoria cumulativa, o que confere ao enunciado da personagem um *status* de verdade. A memória discursiva que acompanha esse enunciado sugere à personagem que a ação a ser tomada, como registrada no histórico, é a de que a mulher negra deve se manter em silêncio, mesmo diante da violência. Os discursos que influem para que o sujeito mulher negra assuma uma posição de força exercem um poder disciplinar, a medida que o silenciamento sobre o ocorrido é observável nas falas de Ophelia: “Não é razão para falar disso e espalhar a sujeira”, “E nem pedir ajuda para o psiquiatra!”

Um importante verbo que parece ser imperativo no discurso que constrói a mulher negra forte é “cuidar”. Em fragmentos da sequência discursiva, observamos que Ophelia relata abrir as portas e sua casa para receber o Tio Clyde por um tempo, “só até ele se aprumar”, negar esse pedido não aparece como uma opção. O discurso encaminha a mulher negra a assumir essa posição, oferecer cuidado, onde a atitude de abraçar o outro são constitutivas do sujeito. A personagem tem consciência de que não pode negar esse pedido, comprova que o regime discursivo oferece ao sujeito as possibilidades do que pode ou não dizer.

Ophelia narra a sua atitude de observar que Tio Clyde sempre dormia no sofá com um cigarro aceso na boca e que cabia a ela a atitude de ir até ele e apagar o cigarro, prevenindo possíveis acidentes. Essas ações demonstram que a personagem não reclamava da situação, ainda que fosse incômoda, reproduzindo a figura de proteção que é esperada da mulher negra. Há uma flexibilização do seu espaço e de como deve agir para a acomodar o outro.

Por fim, a personagem relata como aconteceu o acidente que causou a morte de Tio Clyde, ratificando a ação de “proteger” que, agora, estende-se a sua filha como justiça pelo abuso. O fato de que Ophelia tenha causado o acidente, ao invés de buscar ajuda das autoridades para punir Tio Clyde pelo crime, diz muito sobre como o discurso instrumentaliza o objeto de força para a mulher negra. Sendo a vulnerabilidade aspecto não associável à mulher negra, são omitidas a necessidade de justiça e proteção a ela. As redes discursivas demonstram, historicamente, que a solidão é comum na trajetória das mulheres negras. Anteriormente, discutimos sobre como o silenciamento é imposto para esse sujeito, em um processo, onde sua dor e a possibilidade de se mostrar vulnerável são censuradas.

Fios históricos permitem dizer que na SD06, figura-se um reforço do silenciamento imposto aos sujeitos negros, onde, no campo do enunciável, estrutura-se uma rede discursiva que oferece a esse sujeito possibilidades do que pode ser feito, mensagens que reforçam que “cabe a ela mesma se ajudar”. O ato de causar o incêndio para proteger seus filhos, “com suas próprias mãos”, pode ser visto como resultado disto. “Ser forte” é um imperativo que acompanha a mulher negra, pois os discursos que circulam socialmente a subjetivam de modo que propagam uma imagem que diz “ela não precisa de ajuda”, “ela não merece ser ajudada”. Os símbolos de fragilidade e vulnerabilidade, facilmente associados à figura feminina, são apagados da experiência da mulher negra, ela não “merece” e “não precisa” ser ajudada por não ser vista como uma mulher, conforme Sojourner Truth, no poema “e eu não sou uma mulher?”, efeitos da vivência interseccional.

2.2 VULNERABILIDADE

Como discutido previamente nos capítulos anteriores, a mulher negra é construída pelo discurso de modo que sua representação acompanha a personificação da oposição binária feita entre os sujeitos brancos e sujeitos negros. Nesse sentido, enquanto a mulher

branca está associada a adjetivos positivos, dentre os quais estão a delicadeza, a mulher negra é discursivizada através de adjetivos negativos, em antagonismo aos da primeira.

Associar a mulher negra à força nesse discurso é um movimento que atende às necessidades da constituição da sociedade. A manutenção da hierarquia vigente depende desse trabalho discursivo que atribui papéis sociais a cada um dos sujeitos, expressando o que podem ou não fazer. Desse modo, o discurso comunica à mulher negra e à sociedade que papel ela deve cumprir, o que se precisa e o que se espera que ela faça. No entanto, como vimos nos capítulos anteriores, a performance do papel de força é árdua para a mulher negra, por vir acompanhada da necessidade de suprimir suas dores e colocar as necessidades dos outros acima das suas próprias necessidades.

Desse modo, passamos agora ao subcapítulo final dessa dissertação, onde centralizamos o objeto “vulnerabilidade”. Primeiramente, discutimos através de Deleuze e Guattari (1997) e Trindade (2021) o conceito de linhas de fuga, procurando explicar, pelo viés dos estudos discursivos, o processo de descontinuidade no discurso de força e como isso abre espaço para o surgimento e expressão da vulnerabilidade pelo sujeito mulher negra. Na segunda seção desse capítulo, sob a luz de Hill (2021) e Ginwright (2021), traçamos o poder na expressão da vulnerabilidade pelos sujeitos negros, discussão mais explícita através do conceito de “vulnerabilidade estrutural” de Ginwright (2021).

Na seção final do capítulo, analisamos uma sequência discursiva da série *how to get away with a murder*, que exemplifica o custo do exercício da força para a mulher negra e como a expressão da vulnerabilidade por esse sujeito representa uma tomada de poder, que contraria aquilo estabelecido pelo discurso hegemônico vigente.

2.2.1 – Linhas de fuga – o poder na expressão da vulnerabilidade

Os processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos são afetados pelas vontades de verdade que alicerçam os discursos hegemônicos em nossa sociedade. Essa constituição permite que se transmita aos sujeitos ideais dos papéis que devem exercer em sociedade, conforme a posição sujeito que ocupam. Os sujeitos ocupam posições e agem de acordo com o que é estabelecido nos discursos hegemônicos. Esse processo é o responsável, como discutimos nos capítulos anteriores, por associar e assegurar que a mulher negra seja associada ao estigma de força e desempenho de uma figura materna.

Por outro lado, é importante lembrarmos, conforme estabelece Foucault (2010), que o poder atua de forma circular, desse modo existem possibilidades de fuga do

essencialismo identitário, bem como daquilo que é estabelecido pelos discursos hegemônicos. Ao observarmos a atuação do discurso racista, por exemplo, que subjetiva os sujeitos negros como inferiores e sujeitos brancos como superiores, podemos apontar na contemporaneidade, um processo de desconstrução das vontades de verdade propagadas por esse discurso. Embora ainda possamos observar sua presença na constituição dos sujeitos e no funcionamento de nossa sociedade, também é possível constatar descontinuidades na forma com a qual esse tipo de discurso é apropriado pelos sujeitos.

Esse movimento de desconstrução e descontinuidade coincide com a noção de linhas de fuga desenvolvida por Deleuze e Guattari (1997). Os autores apontam a existência de diferentes regimes de signos, dentre eles o regime pós-significante que permite que um grupo de signos se destaque da rede circular e comece a trabalhar por sua conta, seguindo um caminho diferente. Enquanto isso, o sistema significativo ao mesmo tempo que traça uma linha de fuga, atribui à essa linha, à essa desterritorialização de um signo para fora do sistema, um valor negativo. Essa linha de fuga pode ser seguida por um emissário, ou por um povo.

Os autores desenvolvem esse processo:

Dir-se-ia, agora, que essa linha recebe um signo positivo, que está efetivamente ocupada e seguida por todo um povo que nela encontra sua razão de ser ou seu destino. [...] não dizemos que um povo inventa esse regime de signos, mas somente que efetua em um dado momento o agenciamento que assegura a dominância relativa desse regime em condições históricas. [...] Não dizemos que um povo seja possuído por tal tipo de delírio, mas que o mapa de um delírio considerando-se suas coordenadas, pode coincidir com o de um povo, considerando-se as dele. [...] Com o povo judeu, um grupo de signos se destaca da rede imperial egípcia da qual fazia parte, começa a seguir uma linha de fuga no deserto, opondo a subjetividade mais autoritária à significância despótica (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 62).

Segundo os autores, a linha de fuga é desenhada pelo próprio sistema, embora seguir tal linha receba uma carga negativa, é uma possibilidade apresentada que pode ser assumida pelos sujeitos ao passo que há necessidade. Ela é estigmatizada como um perigo por ameaçar a ordem vigente, por outro lado, representa algo positivo para os sujeitos que a assumem, por se associar à liberdade, conforme pontuam os autores:

O que se tornou impossível é uma linha de fuga somente negativa, ocupada pelo animal ou pelo bode, enquanto carregado com todos os perigos que ameaçavam o significativo. Que o mal recaia sobre nós é a fórmula que escanda a história judaica: somos nós que devemos seguir a linha mais desterritorializada, a linha do bode, mudando-lhe o signo, tornando-a a linha positiva de nossa subjetividade, [...] de nosso processo ou reivindicação (DELEUZE; GUATTARI, 1997, 9. 63).

Nessa dinâmica, os excluídos, os supliciados, são constituídos como uma espécie contra-corpo do déspota, por isso, entram numa espécie de devir-animal (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Segundo os autores, esses sujeitos representam um aumento no sistema para além dos limites estabelecidos, desse modo podemos apontar que tal processo de desumanização parte da ameaça de fuga do sistema. Esses “contra-corpos” são uma ameaça por apresentarem uma possibilidade de resistência e de expansão da subjetivação vigente. Conforme os autores, eles encarnam

enfim, e sobretudo, a linha de fuga que o regime significante não pode suportar, isto é, uma desterritorialização absoluta que esse regime deve bloquear ou que só pode determinar de forma negativa, justamente porque excede o grau de desterritorialização, por mais forte que este já seja, do signo significante (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 55).

Essa constituição corrobora com o conceito de oposições binárias nas constituições dos sujeitos sociais “diferentes”, discutidas por Kilomba (2019), Silva, Hall e Woodward (2014). Os autores discutem a criação do “diferente” nos sistemas e a sobreposição dessa marca aos sujeitos segue interesses de discursos hegemônicos específicos para coação e organização da sociedade. Agora, através de Deleuze e Guattari (1997), podemos ampliar essa discussão ao entender também como esses sujeitos marcados representam uma ameaça.

Tal “desterritorialização” atribuída às linhas de fuga, que podem ser seguidas por um sujeito ou grupo de sujeitos, também desordena o sistema, daí a necessidade de dispor de táticas de controle dos sujeitos e conservar vontades de verdade de discurso hegemônicos, bloqueando tudo aquilo que ameaça sua descontinuidade. De acordo com os autores, a linha de fuga é marcada com valor negativo, “matar-se-á e se fará fugir o que pode provocar a fuga do sistema. Tudo o que excede o excedente do significante, ou tudo o que passa embaixo, será marcada com valor negativo”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Partindo de Deleuze e Guattari, Trindade (2021) desenvolve o conceito de linha de fuga associado à subjetividade. A linha de fuga representa o oposto de um fechamento, da forma acabada associada à subjetividade, conforme o autor:

Se o rosto é a permanência do “eu sou”, a linha de fuga é mergulhar no “eu estou”. Quando o rosto se forma, a subjetividade se fecha! [...] Mas do rosto, que é feito de múltiplas linhas de significância e é atravessado por forças, por vezes uma linha escapa, [...] A linha de fuga é essa linha que arrasta toda a subjetividade para um campo novo e transfigura no processo, por isso podemos dizer que a linha de fuga não é uma fuga, é muito mais uma linha de subjetivação que faz um mundo fugir, porque leva o conjunto para um lugar novo. Ao descobrir algo novo, é toda uma subjetividade que passa a ser afetada. (TRINDADE, 2021, p.1)

Entendemos que “o rosto” de qual falam os autores representa a subjetividade constituída, fechada e posta aos sujeitos pelo discurso. Enquanto isso, a “desrostificação” seria o processo de abertura dessa subjetividade, o processo através do qual os sujeitos começam a percorrer uma linha além dos limites impostos pelas vontades de verdade do discurso que enunciam “você é isso”, “você deve agir assim”.

Podemos dizer que, à medida que o poder é posto aos sujeitos marginalizados, ele é usado explorando sua capacidade de agenciamento em busca de igualdade. As linhas de fuga, no contexto da construção da subjetividade, correspondem à possibilidade de descontinuação da forma com a qual os sujeitos são subjetivados e objetivados. A ameaça de qual falam Deleuze e Guattari (1997) pode também ser associada à fuga das vontades de verdade imbricadas nos processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos.

Trindade (2021) lista três características associadas as linhas de fuga:

1ª característica: Toda linha de fuga é uma espécie de **traição**. Sim, porque toda linha de fuga trai algum agenciamento anterior, trai a lógica na qual estava inserida. Trai as potências fixas que a detinha. **2ª característica:** Toda linha de fuga é um seguir para o deserto! Isso porque ela é primeiramente deixar o território anterior. Ou seja, **à sua frente encontra-se ainda o desconhecido**. Nunca se sabe onde uma desterritorialização vai dar. São como flechas, que não sabemos se acertarão um alvo ou não. Por isso as linhas de fuga inicialmente não têm território! Mas elas fundam territórios no processo. **3ª característica:** Toda linha de fuga **descentraliza o sujeito!** Este é seu modo de funcionar, sem centro definido. Essa é a parte mais assustadora: uma linha de fuga não é uma formação de si é muito mais uma deformação de si! É seguir o sintoma, é um estranho querer morrer, querer deixar-se para trás, um arrastar-se para fora de uma casca apertada. (TRINDADE, 2021, p. 2-3, grifos do autor)

As linhas de fuga para a subjetividade representam uma possibilidade de descoberta de si, de agenciamento, além do trabalho coercivo do discurso. Ao percorrer essas linhas, os sujeitos podem dispor questionamentos sobre o que podem falar, que espaços podem ocupar, como e porque agem de determinadas formas, essas indagações levam a uma ruptura, alertada por Foucault (2014).

Trindade (2021) alerta sobre os perigos apresentados pelas linhas de fuga, e sobre a possibilidade dos sujeitos de não investir em seguir tais linhas: “quantos morrem sem saber quais são as suas linhas de fuga? Quantos morrem sem nunca ter percorrido estas linhas e visto onde elas vão dar? É triste, mas é comum” (TRINDADE, 2021, p. 4). As linhas de fuga representam também uma descentralização da zona de conforto, enfrentar os perigos além daquilo que é oferecido pelo discurso sobre “quem somos” para se lançar

em um caminho de descoberta sobre “quem realmente somos” ou “quem podemos ser”. Essa hesitação também pode ser associada ao trabalho discursivo que nos processos de subjetivação e objetivação, atribui um papel a cada um dos sujeitos durante toda a vida que passa a ser visto como aquilo verdadeiro ou confortável.

Após essa discussão sobre as possibilidades de ruptura do discurso, apresentamos na seção seguinte um desenvolvimento sobre o conceito de vulnerabilidade e como sua exposição pelos sujeitos negros representa uma linha de fuga.

2.2.2 Vulnerabilidade estrutural – A quem interessa o apagamento da vulnerabilidade?

A resiliência é uma característica associada a algo positivo comumente sobreposta a vivência dos sujeitos negros. A construção de um sujeito negro forte e resiliente tem valor sistemático, um papel oferecido às pessoas que ocupam essa posição de sujeito pelo discurso, com o intuito de mascarar as dores e amenizar os efeitos da marginalização social que sofrem. Nesse âmbito, que traçamos ao longo dos capítulos anteriores, a “vulnerabilidade”, possibilidade de mostrar fraqueza ou estar exposto a violências, é um traço que sofre processo de apagamento. O trabalho discursivo, responsável por tal processo, segue os interesses específicos de alguns grupos hegemônicos.

Segundo Ginwright (2021, p. 99, tradução nossa),

peças negras jovens vivenciam desproporcionalmente altos níveis de violência, pobreza e trauma do que outros grupos raciais. Essas experiências traumáticas impõem uma ferida psicológica que se mostra como depressão, aflição, desespero, medo, raiva e dor.

A naturalização da situação social posta aos sujeitos negros, bem como das feridas psicológicas decorrentes desses cenários, está associada ao trabalho efetuado pelo discurso e a forma com a qual subjetiva os sujeitos em nossa sociedade. A constituição de uma sociedade que descarta esses problemas, parte primariamente da ordenação dos sujeitos e de sua constituição através do discurso. Há uma adesão a vontades de verdade que desvalidam os problemas sociais sofridos por minorias, que muitas vezes tem raízes históricas, além disso, críticas são feitas, pomenorizando a importância dos debates referentes à saúde mental.

Ginwright (2021) diz que o estresse decorrente desses problemas é persistente e causa traumas. Segundo o autor, os sujeitos negros aprendem a viver em situações de estresse traumático persistente. Além disso, Winters (2020) relata que o trauma desses sujeitos é geracional, e segue hereditariamente desde a época da escravização. Para esses

sujeitos, a “inabilidade de sentir [...] dormência emocional é um mecanismo de enfrentamento para evitar processar à turbulência emocional. É como se esconder de seu eu emocional, entulhando toda emoção em uma caixa” (GINWRIGHT, 2021, p. 102, tradução nossa). Dessa forma, podemos dizer que os ambientes não são construídos de modo seguro para que esses sujeitos específicos possam demonstrar seus sentimentos. A ação de dormência emocional é tomada por eles, como algo obrigatório.

O autor (2021) fala sobre as políticas da vulnerabilidade. Para ele, as identidades importam nas dinâmicas dessa política e isso envolve o julgamento dos sujeitos sobre “em que situações e com quem podem demonstrar vulnerabilidade”.

Alguns de nós podem ser mais vulneráveis que outros. Poder, privilégio e segurança são todas condições que podem afetar quem é vulnerável e as consequências de ser vulnerável, e o que nós ganhamos a partir de sermos vulneráveis em nossas relações com pessoas. Então nós também temos que entender como questões de raça, identidade de gênero, classe social, e poder todas determinam as consequências de nossa vulnerabilidade. (GINWRIGHT, 2021, p. 105, tradução nossa)

A construção identitária dos sujeitos pelo discurso, sua subjetivação, é política e infere tanto sobre a organização social exterior, como os sujeitos se relacionam uns com os outros em nossa sociedade, como na organização social interior de cada sujeito, quais podem demonstrar vulnerabilidade ou não. Isso nos remete, novamente, à mediação do discurso no processo de subjetivação e na construção do fator de humanidade para os sujeitos sociais em nossa sociedade. Quais podem ser vulneráveis? Quais serão humanizados? Quais são dignos de empatia?

Para Ginwright (2021), existem dois tipos de vulnerabilidade, a vulnerabilidade emocional e a vulnerabilidade estrutural. A primeira diz respeito a experiências pessoais profundas, enquanto a segunda é formatada por leis, políticas e valores que criam opressão e sofrimento.

Vulnerabilidade estrutural significa que alguns grupos em nossa sociedade (raciais, de gênero, classe social, religiosos) são mais prováveis de experimentar alguma forma de tormento social como pobreza. Tormentos sociais não são apenas experiências individuais, mas, coletivas. [...] Vulnerabilidade estrutural – pobreza, marginalização de gênero, opressão racial – estimula e produz danos emocionais coletivos e feridas psicológicas compartilhadas, os ingredientes para vulnerabilidade emocional (GINWRIGHT, 2021, p. 105-106 tradução nossa).

Embora haja uma construção que influencia a continuidade desses cenários, podemos dizer que essas discussões propostas por esses autores já se configuram como linhas de fuga para as vontades de verdade que regem nossa sociedade. Mencionamos uma das definições de “vulnerabilidade” segundo o autor (2021, p. 107, tradução nossa),

“assumir riscos emocionais”. Algo está em jogo quando sujeitos negros demonstram ser vulneráveis, quando investem na linha de fuga, contrária à forma que o discurso está sistematizado.

Segundo Ginwright, esses sujeitos se perguntam “serei ou poderei ser prejudicado por compartilhar isso?” (GINWRIGHT, 2021, p. 107, tradução nossa). A “crença internalizada de que a sensibilidade e vulnerabilidade sejam fontes legítimas de vergonha” (HILL, 2021, p. 77, tradução nossa) faz com que a prática da vulnerabilidade possa ser um risco para esses sujeitos, uma vez que conforme estabelecido, ser vulnerável, para o sujeito negro, é contrariar a ordem do discurso.

Questionar a supressão da dor para os sujeitos negros e o apagamento da vulnerabilidade representa investir, arriscar-se, na linha de fuga que é oferecida pelo discurso. Além disso, associar a vulnerabilidade ao sujeito negro é uma ação que amplia a subjetividade desse sujeito, fazendo surgir novas enunciações sobre quem são os sujeitos negros, o que podem ou não fazer e como podem se expressar.

A vulnerabilidade pode ser um dos caminhos mais importantes para o bem-estar entre pessoas jovens. [...] Vulnerabilidade é assumir riscos emocionais [...] Vulnerabilidade é também o único caminho para formar verdadeiras relações transformativas porque ela levanta apostas emocionais e cria um acordo sagrado de que o que você acabou de compartilhar será guardado e protegido com cuidado, sem julgamento. (GINWRIGHT, 2021, p. 99, tradução nossa)

A capacidade de ser vulnerável e de expor emoções de tristeza pode ser associada àquilo que é humano. Diante disso, qual o interesse em afastar essas características dos sujeitos negros? Mediante o exposto por Deleuze e Guattari (1997) e Trindade (2021), podemos dizer que o sujeito negro, que apresenta vulnerabilidade como parte de sua subjetividade, percorre uma linha de fuga que descentraliza aquilo imposto pelas vontades de verdade de um discurso hegemônico fixado. Conforme os autores, tudo que segue a linha de fuga e desrespeita o sistema estará sujeito a um bloqueio e à associação daquilo que é negativo. Conforme o que Hill (2021, p. 74, tradução nossa) apresenta:

O mundo não criou espaço para nós [...] dizermos ‘o que você disse machucou meus sentimentos’ ou ‘o que você disse me fez sentir inadequação e insegurança’, ‘sinto sua falta’, ‘eu te amo’. Essas são coisas que não somos autorizados a fazer.

Segundo Hill (2021), a supressão da vulnerabilidade para os sujeitos negros está associada ao conforto social, enquanto que a expressão da vulnerabilidade implica que estejam dispostos a desconstruir o *status quo*. Ginwright (2021) afirma que a verdadeira

força dos sujeitos negros está no poder da expressão da vulnerabilidade e na capacidade de compartilhar.

A circularidade do poder e a construção de linhas de fuga oferece aos sujeitos negros a possibilidade da expressão da vulnerabilidade, é válido entender que investir nessas possibilidades implica um risco “onde vai dar o curso dessa linha de fuga?”. Por outro lado, também representa outra possibilidade, de descontinuidade e ruptura com o discurso hegemônico a caminho da construção de um sujeito completo, não apenas terminado por essencialismos de discursos hegemônicos, mas a descoberta de novas facetas de si mesmo e a composição de um sujeito multifacetado.

2.2.3 “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha” – Investir na linha de fuga

Selecionamos uma sequência discursiva do 15º episódio da 2ª temporada, intitulado “Anna Mae”. Nesse trecho retirado do episódio, a personagem Annalise revela em uma conversa com a mãe, após receber críticas de um acontecimento passado, um acidente passado que ocasionou a morte do seu filho durante a gestação. A revelação é recebida por Ophelia em silêncio, visto que Annalise vinha omitindo essa informação de sua família há anos. Após essa cena, Ophelia acorda Annalise durante a noite, para conversar sobre o ocorrido.

Sequência Discursiva 8 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Anna Mae”
 15º Episódio x 2ª Temporada
 22’ 04”

Ophelia: - Qual o problema com você? Você bebeu tanto assim?

Annalise: - Tive um bebê, mãe. Ele morreu



O fato de Annalise ter ocultado de sua família um evento traumático, um atentado contra sua vida e ser mãe de um natimorto, encaminha à configuração do discurso de força para a mulher negra. Esse discurso sugere que o sujeito mulher negra siga uma

cultura de silenciamento, onde falar sobre acontecimentos traumáticos e sobre suas dores é visto como algo negativo. A vulnerabilidade estrutural conecta as diferentes mulheres negras, quanto à forma que são vitimadas e marginalizadas pelos construtos sociais, no entanto, à mesma medida, há um trabalho discursivo que transmite uma naturalização da dor desses sujeitos.

Nota-se, ao longo do episódio, que a fase de luto pelo filho ainda é sentida pela personagem, no entanto, esses momentos de tristeza são processados quando ela está sozinha. A dor da mulher negra ainda é assumida, por ela mesma, como algo a ser escondido. Lembramos do que afirma Ginwright (2021) sobre o conforto social associado ao apagamento da dor desse sujeito. Annalise recorre à bebida alcóolica: “você bebeu tanto assim?”, para processar os sentimentos que, de acordo com o discurso, deve suprimir.

Sequência Discursiva 9 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
“Anna Mae”
15º Episódio x 2ª Temporada
22’ 04”

Ophelia: - Ia manter o bebê em segredo para sempre?

Annalise: - Eu iria te contar

Ophelia: - Quando?

Annalise: - Quando nascesse com vida. Mas isso não aconteceu, não foi?

Ophelia: - É por isso que sua vida está de cabeça para baixo. Você arrasta a sombra desse bebê com você. Por isso Sam morreu, você levou um tiro...

Annalise: - Eu quis levar um tiro.

Ophelia: - O que você está dizendo?

Annalise: - Não sente que é tudo muito difícil?

Ophelia: - Anna Mae. Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha.

Annalise: - Preciso dormir.



O ato de Annalise de compartilhar com a mãe o segredo que havia mantido sobre a morte de seu filho encaminha enunciações que levam à atribuição de culpa sobre as ações da personagem. Primeiramente, há uma confirmação de que, na interpretação de Annalise, que reproduz o que está na ordem discursiva, a perda de um filho significa um

fracasso. Essa é a vontade de verdade que constitui a necessidade que a personagem tem de esconder o acontecido, sendo somente autorizada a compartilhar sobre “quando nascesse com vida”, o que representaria, de acordo com o discurso, o sucesso na realização do papel que deve ser cumprido pelo sujeito mulher, o papel do exercício da maternidade. Isso demonstra a forma com a qual o discurso controla as ações dessa posição de sujeito.

Também há uma atribuição de culpa à Annalise, quando Ophelia fala sobre as consequências de ter mantido a morte do filho em segredo. Isso é uma característica específica da forma com a qual a ordem discursiva encaminha as expectativas dos outros sobre a mulher negra. O discurso constitui a imagem desse sujeito de tal forma que a culpabiliza pela sua situação de marginalização, e, nesse caso, de sofrimento. Na referida sequência discursiva, Ophelia atribui a culpa das consequências ao ato de Annalise ter omitido o acontecido a ela mesma: “É por isso que sua vida está de cabeça para baixo”.

Nessa sequência discursiva, vemos um direcionamento das personagens a uma linha de fuga do discurso, a partir do momento em que Annalise fala sobre a dor que carrega. O enunciado: “eu quis levar um tiro” revela que a constituição da mulher negra forte serve apenas ao bem-estar social e como, em função disso, prejudica o bem-estar da mulher negra. A mulher negra forte é uma imagem de controle efetivada por uma performance. Para esse sujeito, estar em conformidade com tal performance tem uma consequência traumática, o suicídio.

Annalise questiona a mãe sobre essa sujeição: “Não sente que é tudo muito difícil?”. Para a personagem, a morte surge como uma fuga a esse papel que é oferecido pela ordem discursiva. Seguindo essa interpretação da personagem, o modo como o discurso constitui a subjetividade da mulher negra é uma única via composta pela resistência e omissão da dor. Desse modo, a única forma de fuga que a personagem enxerga é a morte, ou seja, a forma que o discurso solidifica essa imagem de controle como verdadeira é tal que não há uma possibilidade de ampliação dessa subjetividade que comporte o exercício da “vulnerabilidade”, por exemplo.

O enunciado de Ophelia: “você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha” investe na linha de fuga oferecida pelo discurso. Ophelia inicia a desconstrução da mulher negra forte, apresentando à Annalise a possibilidade de compartilhar sobre suas dores, ao invés de “tentar fazer tudo sozinha”, reafirmando o que Ginwright (2021) afirma sobre a expressão da vulnerabilidade no ato de compartilhar. Tal fala demonstra uma autorização ao processo de luto, que poderia encaminhar à descoberta de outro aspecto

da subjetividade dessa mulher negra que permitiria, conseqüentemente, o enunciado: “eu também sou vulnerável”.

No entanto, observa-se uma resistência de Annalise, na fala ‘preciso dormir’. A personagem não demonstra interesse em assumir os riscos que podem advir da performance da vulnerabilidade. Ela decide dar continuidade à ordem discursiva, entendendo que não é autorizada a fugir daquilo que é posto, talvez por enxergar uma inadequação ou insegurança, conforme pontua Hill (2021), nessa associação da mulher negra e o objeto de vulnerabilidade.

Nessa seqüência discursiva, Ophelia acorda Annalise no meio da noite e pede que a filha escreva uma carta para seu filho. Inicialmente, Annalise demonstra uma resistência, mas faz o que a mãe pede. Ao final da seqüência, revela o nome que teria dado ao bebê.

Seqüência Discursiva 10 – “Você acha tudo tão pesado porque tenta fazer tudo sozinha”

“How to get away with murder” – “Como defender um assassino”
 “Anna Mae”
 15º Episódio x 2ª Temporada
 25’ 30”

Ophelia: - Isso é para você escrever uma carta para seu bebê, para ele fazer a travessia.
Annalise: - Não.
Ophelia: - Certo, eu faço. Qual é o nome dele?
Annalise: - Não. E agora?
Ophelia: - O nome dele era Sam.



Seguindo às vontades de verdade de força, a personagem, que ocupa posição social de mulher negra, não se permite ser vista como triste ou fraca, de modo a acomodar os outros. O discurso de força declara constantemente que não há espaço para que ela expresse esse sentimento ou possa ser definida como vulnerável nas situações sociais, conforme dizem Hill (2021) e Ginwright (2021), esse não é o espaço que deve ser ocupado por esse sujeito.

Podemos dizer que a atitude da personagem de revelar à mãe o ocorrido configura no investimento da personagem em uma linha de fuga. A partir desse compartilhamento,

há o início de um movimento de ampliação do que caracteriza a subjetividade da mulher negra. Falar sobre a dor, algo que a personagem havia se privado de fazer até o momento, é uma característica que configura vulnerabilidade.

É válido reafirmar, conforme dizem Deleuze e Guattari (1997) e Trindade (2021), que esta linha de fuga à caminho da vulnerabilidade se põe como disponível aos sujeitos. No entanto, é comunicada sob o aspecto de algo negativo. O investimento da mulher negra em uma linha de fuga que à possibilita ser caracterizada como vulnerável é um risco, pois isso contraria a ordem do discurso que a preserva como “forte”, “inabalável”.

O discurso constitui os sujeitos de determinada forma tendo em vista a organização social, existem perigos associados a tentativas de modificar isso. Isso justifica a cautela da personagem em revelar sua dor associada a esse acontecimento passado. No entanto, constatamos que, conforme dizem Ginwright (2021), a revelação da vulnerabilidade para os sujeitos negros constitui sua força.

A vulnerabilidade para o sujeito mulher negra é tida como uma linha de fuga ao discurso. À medida que Annalise investe nessa linha de fuga, assume os perigos que possam advir da descontinuidade do discurso hegemônico. Podemos observar nas cenas, os pontos positivos resultantes disso, há uma ampliação da forma como a mulher negra é caracterizada, ela não é apenas “forte apesar de tudo”, mas também “vulnerável”. A subjetividade desse sujeito não é apenas aquela estabelecida pelo discurso, mas também, é constituída pelo que o sujeito vai descobrindo sobre si ao seguir a linha de fuga, conforme diz Trindade (2021).

Ophelia pede que Annalise escreva uma carta a seu filho natimorto. Esse pedido da mãe investe em uma comunicação da dor, ou seja, materialização daquilo que Annalise vem guardando consigo sob o aspecto de mulher negra forte. A atitude de Annalise de obedecer a sugestão da mãe também comunica como a posição de sujeito que Ophelia ocupa confere ao seu enunciado *status* de verdade. O respeito à fala do idoso, que é revestida de sabedoria, é parte constituinte do imaginário da nossa sociedade sobre esse sujeito. Annalise resiste em um primeiro momento, mas, em seguida, obedece a mãe. Podemos ver que o enunciado de Ophelia é recebido como ensinamento, pois a verdade atribuída ao enunciado do sujeito idoso é parte de um conhecimento cumulativo adquirido através da vivência, conforme já discutimos anteriormente. Observamos durante a cena que a personagem chora e revela algo que não tinha dito antes, o nome do filho “Sam”, o que caracteriza a vulnerabilidade emocional.

Além disso, podemos apontar que, para a personagem Annalise, há um processo de tratamento da dor, através do ato de comunicar a outras pessoas o que está sentindo. O discurso de força censura a mulher negra quanto aos seus sentimentos e suas dores, enquanto a linha de fuga abre à possibilidade de falar sobre a dor. O ato de não aceitar e seguir o papel que é posto pelo discurso, constitui a multiplicidade do sujeito mulher negra, caracterizada pelas possibilidades de quem esse sujeito pode ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vontades de verdade que sustentam os discursos hegemônicos têm influência na organização e manutenção da obediência dos sujeitos em nossa sociedade, mas, além disso, trabalham de forma coerciva na constituição das subjetividades. Através da presente pesquisa na qual nos propomos a analisar os discursos de força e vulnerabilidade presentes em fragmentos de narrativas de personagens da série *How to get away with murder* para compreender a construção da imagem de controle *strong black woman*, pudemos constatar que a forma com que se dão os processos de subjetivação e objetivação da mulher negra no discurso é um exemplo do modo que o discurso constrói e coage o sujeito a agir em benefício das instituições.

Retomando nossa problemática inicial que perguntava “como os discursos de força e de vulnerabilidade constroem a imagem de controle *strong black woman* para o sujeito mulher negra na série *How to get away with murder?*”, lançamos, ao longo da seleção e análise das sequências discursivas da série, um olhar crítico às personagens Ophelia e Annalise e como os discursos constituem suas posições de sujeito, bem como suas subjetividades. Através das análises delineadas, entendemos que a força como objeto do discurso é atribuída à mulher negra como parte fundamental de sua subjetividade.

Essa atribuição é feita dispondo para a mulher negra o papel que ela deve desempenhar em sociedade, como agir, o que pode ou não fazer ou dizer. Mas o que diferencia a constituição da força para o sujeito mulher negra em nossa sociedade? Acreditamos que, para além disso, o papel social que o discurso coloca para esse sujeito envolve a criação de uma relação dicotômica entre os objetos “força” e “vulnerabilidade”, mediante a qual são postas privações à mulher negra, envolvendo o que ela está autorizada a expor sobre seus sentimentos e experiências.

Ademais, a força é oferecida pelo discurso à mulher negra, foco de nossa pesquisa, como elemento constitutivo de sua subjetividade com um intuito disciplinador. Sedimentar no imaginário social a vontade de verdade que enuncia que “as mulheres

negras são mais resistentes a dor” é parte de uma política disciplinar que silencia discussões sobre os dados estatísticos empíricos que mostram a posição de desvantagem de aspectos da vivência da mulher negra, quanto à violência obstétrica, casos de estupro, maternidade solo e saúde mental. Como mostramos ao longo da dissertação esses dados corroboram a vivência heterogênea, singular à mulher negra.

A forma com a qual o discurso constrói as posições de sujeito e suas identidades sociais alcança não só as relações entre os sujeitos, mas também, a relação do sujeito consigo mesmo. À medida que a vontade de verdade dissemina que a mulher negra é um sujeito essencialmente forte, estabelece uma mediação das relações entre ela e os outros sujeitos. A expectativa é que a mulher negra priorize o bem-estar dos outros, em detrimento do seu próprio bem-estar. Da mesma forma, a mulher negra toma para si essa vontade de verdade, para ela, ser forte, ou seja, negar sua própria vulnerabilidade, é agir conforme a ordem do discurso.

Nossa pesquisa revela que essas dinâmicas discursivas colocam a mulher negra em um espaço de marginalização, onde ocorrem processos de desumanização e silenciamento desse sujeito em prol de conforto social. Existem interesses específicos que alicerçam a composição da “*strong black woman*”, “mulher negra forte”, essa é uma imagem de controle que não só justifica as opressões de raça, classe e gênero, mas, em paralelo, permite e naturaliza violências sociais e microagressões contra esse sujeito.

As narrativas presentes na mídia são fabricadas de modo a representar aquilo que está no imaginário social. A “força” é uma característica facilmente associada a mulher negra em nossa sociedade, a idealização de uma mulher “guerreira”, comumente associada ao fator “sofrimento” é um construto social que parte das vontades de verdade aqui apresentadas. Em nosso contexto sóciopolítico, ser forte e reprimir a vulnerabilidade são preços pagos para alcance de alguma recompensa. São inúmeras as narrativas midiáticas que comunicam e perpetuam tal vontade de verdade associada ao sujeito mulher negra, como traçamos no capítulo introdutório.

Salientamos o importante papel difusor da mídia que, como uma via de mão dupla, reflete essa representação constituída pelas vontades de verdade, mas, também, transmite para seu público expectador a imagem da *strong black woman* como algo “natural”. As narrativas midiáticas agem, de forma cíclica, apresentando as vontades de verdade presentes no imaginário social e, nessa apresentação, sedimentando imagens de controle como a verdade a ser dita sobre o sujeito mulher negra.

Séries, filmes, novelas e outros tipos de narrativas que fazem parte do audiovisual, ainda que ficcionais, devem ser analisadas levando em consideração sua importante contribuição na manutenção e difusão de vontades de verdade. Na série *how to get away with murder*, observamos a representação e a confirmação da existência da *strong black woman* e, além disso, seu construto como imagem de controle.

A série evidencia a construção das personagens negras como fortes, em suas relações consigo e com os outros, notabilizando como isso as afeta ao longo da narrativa. São expostos aos expectadores novos pontos de vista que contrariam o dito pela vontade de verdade hegemônicas. Nesse aspecto, podemos dizer que, a série também percorre uma linha de fuga por desmistificar esses aspectos que detém *status* de “verdadeiro” em nossa sociedade, empregando cenas onde a mulher negra pode ser classificada como vulnerável e se questiona sobre a performance da força como imposição.

A origem da “*strong black woman*” é biopolítica. Constituir a mulher negra como forte é uma tática de governo do discurso que, em detrimento da saúde mental desse sujeito, acredita em um bem social maior. Através de nossa pesquisa, apontamos através de fios históricos, que essa constituição é continuidade de um regime discursivo que priva mulher negra de sentir. O resultado disso são traumas geracionais que vêm sendo transmitidos de forma hereditária desde a época da escravização.

Através da análise da série *How to get away with murder*, selecionamos sequências discursivas (SD) que materializam esses processos, principalmente na relação entre as personagens Ophelia e Annalise. Reiteramos a escolha de centrar os recortes das SDs analisadas na personagem Ophelia pelo papel atribuído à posição de sujeito mulher negra idosa e o valor atribuído à fala dessa personagem pelo ideal de sabedoria e verdade associada à experiência cumulativa do sujeito idoso.

A personagem Ophelia representa a conexão com acontecimentos passados, bem como a sedimentação das vontades de verdade que alicerçam o discurso de força e o papel que deve ser desempenhado pelas mulheres negras. Mediante a fala da personagem podemos constatar que a mulher negra tem consciência do papel que o discurso atribui a ela. Ela deve se colocar como “fortaleza” e “espinha dorsal” da comunidade negra, os enunciados da personagem dialogam com os enunciados “seja forte” e “resista”. Isso é tido como algo positivo pela personagem, afinal, é mediante essa atuação que ela entra na ordem discursiva, cumprindo o esperado.

A narrativa da personagem Annalise dá continuidade a essa representação e demonstra como tal constituição é colocada de modo a manter uma relação ideal entre a

mulher negra e outros sujeitos. No entanto, observamos que, Annalise, parte de uma nova geração, que provoca momentos de questionamento sobre essa imagem de controle que é imposta a mulher negra. Essa desconstrução da vontade de verdade hegemônica está na investimento em uma linha de fuga, representada pela demonstração da vulnerabilidade da personagem.

A cultura do silenciamento também pode ser apontada nas sequências discursivas, silêncio sobre as dores e o silêncio sobre as práticas de abuso contra a mulher negra. Podemos apontar também como isso tem papel conciliador quanto ao apagamento da marginalização e vitimização da mulher negra originadas das desigualdades sociais, pois também há silêncio sobre a negligência governamental e falta de políticas públicas de proteção a essas mulheres.

Diante dessa construção, vemos que a força evidencia o fato de que as mulheres negras, aqui representadas por Ophelia e Annalise, se vejam como causa da situação em que estão, e também, as únicas responsáveis por sair dessas situações. Por causa dessa concepção, as personagens recorrem a ferramentas, como o *shifting* (deslocamento), que podem garantir sobrevivência. A resiliência e força são características que as mulheres negras tomam para si e que transformam sua vivência em um árduo processo.

Nessa construção da subjetividade da mulher negra, o discurso oferece a esse sujeito um complemento incontestável para o enunciado “eu sou”, no caso da mulher negra, os enunciados disponíveis são: “eu sou forte”, “eu sou resiliente”. No entanto, possibilidades vão sendo traçadas que podem permitir a ampliação da subjetividade e a enunciação de “eu também sou” ou “eu também posso ser”.

As batalhas pelo estatuto da verdade e a criação do ideal de “verdade/verdadeiro” se iniciam no campo discursivo, mas também são mobilizadas em nosso cotidiano como intuito de organizar e classificar os sujeitos. Podemos observar que “força” e “vulnerabilidade” são objetos colocados em uma oposição binária pelo discurso. A constituição do sujeito mulher negra perpassa essa dicotomia, que coloca em oposição o que é “aceitável” e “não-aceitável”. Nesta pesquisa, buscamos observar o discurso em sua instância para entender como aquilo que está no “dito” dos personagens revela o trabalho discursivo e as vontades de verdade sobre a mulher negra que estão no imaginário social.

Acreditamos que nossa pesquisa constitui contribuição importante para observar como as dinâmicas no campo discursivo atuam no empírico. Além disso, como o trabalho discursivo é atuante em nossa vivência e na constituição de nossa percepção de mundo. Nesta pesquisa, partindo da análise de sequências discursivas da série de tv *how to get*

away with murder, pudemos entender as implicações das vontades de verdade, presentes nos discursos hegemônicos, nas relações interpessoais e intrapessoais dos sujeitos.

Julgamos que nossa pesquisa faça parte de um movimento que objetiva centralizar as vozes dos grupos minoritários. Procurando entender, através de questionamentos sobre o discurso, e resgates nos fios históricos presentes no interdiscurso, como se constituem as vontades de verdade que marginalizam determinados sujeitos. Ademais, como se dão os movimentos de desconstrução e como são postos os caminhos para o empoderamento desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública. *G1 Globo*. 19 out 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoos-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

ACHEBE, Chinua. *Africa's tarnished name*. Reino Unido: Penguin Random House UK, 2009.

ANDRADE, Carolina; PULJIZ, Mara. Mulheres negras estão 'à deriva', diz diretora de ONG; 6 a cada 10 lares chefiados por pretos ou pardos enfrentam insegurança alimentar. *G1 Globo*. 25 jul. 2022. Disponível em: < <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/07/25/mulheres-negras-estao-a-deriva-diz-diretora-de-ong-6-a-cada-10-lares-chefiados-por-pretos-ou-pardos-enfrentam-inseguranca-alimentar.ghtml>>. Acesso em: 31 nov. 2022.

ANDRÉ, Marli. *Etnografia da prática escolar*. Papirus, 2013.

ANGELOU, Maya. *I know why the caged bird sings*. Londres: Virago Press, 2007.

BEAUBOEUF-LAFONTANT, Tamara. Keeping up appearances, getting fed up: the embodiment of strength among African American women. *Meridians*, v.5, n. 2. p. 104-123, 2005.

BEAUBOEUF-LAFONTANT, Tamara. "You Have to Show Strength": An Exploration of Gender, Race, and Depression. *Gender and Society*. v. 21. n. 1. p. 28-51, 2007.

BEAUBOEUF-LAFONTANT, Tamara. *Behind the mask of the strong black woman: voice and the embodiment of a costly performance*. Temple Press University: 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma interpretativista. In: BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BRAGA, Amanda. *História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas*. São Paulo: EdUFSCar, 2015.

CARREGA, Christina. Black Americans are incarcerated at nearly five times the Whites, new report on state prisons finds. *CNN politics*. 13 out. 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/10/13/politics/black-latinx-incarcerated-more/index.html>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CARTY-WILLIAMS, Candice. *Queenie*. Nova Iorque: Scout Press, 2019.

COLEMAN, Robin R. Means. *Horror Noire: a representação negra no cinema de terror*. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice*. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

DELEUZE, Giles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2019.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FANON, Frantz. *The wretched of the Earth*. Londres: Penguin Books, 2001.

FERNANDES, Claudemar Alves. Em Foucault, o sujeito submergido no discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (Org.). *Presenças de Foucault na análise do discurso*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 108-124.

FLAESCHEN, Hara. Mulheres negras sofrem mais violência obstétrica. *ABRASCO*. 6 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/8m-mulheres-negras-sofrem-mais-violencia-obstetrica/45463/>>. Acesso em 31 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade*. 1ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: Ditos e Escritos IV – Estratégia, poder-saber*. 2 ed. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.

GIL, Antonio: *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GINWRIGHT, Shawn A. The blues of vulnerability: love and healing black youth. In: BURKE, Tarana; BROWN, Brené. *You are your best thing: vulnerability, shame resiliance, and the black experience*. Nova Iorque: Random House, 2021. p. 98-108.

GUIMARÃES, Juca. Brasil tem sete estupros por hora; mulheres negras são as principais vítimas. *Alma Preta – jornalismo preto e livre*. 27 jun. 2022. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/brasil-tem-sete-estupros-por-hora-mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas>>. Acesso em: 31 nov. 2022.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOORDWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 103-131.

HILL, Marc Lamont. Never too much. In: BURKE, Tarana; BROWN, Brené. *You are your best thing: vulnerability, shame resiliance, and the black experience*. Nova Iorque: Random House, 2021. p. 67-78.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JONES, Charisse; SHORTER-GOODEN, Kumea. *Shifting: The double lives of black woman in America*. 1 ed. Nova Iorque: Harper Collins Publishers, 2004.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

LEAL, Maria do Carmo. et al. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de saúde pública*. v. 33, 2017.

LORDE, Audre. *Sister Outsider*. Nova Iorque: Penguin Books, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2015.

MORAES, Fernanda de. A solidão da mãe preta. *Baobabe*. 03 jun. 2022. Disponível em: <<https://www.baobabe.com.br/blog/a-solidao-da-mae-preta/>>. Acesso em: 31 nov. 2022.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Gabriela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2007.
- OLIVEIRA, Gilson Fernandes. O discurso midiático sobre a ansiedade em tempos de Covid-19: pescrções, formas e normas. *Revista Heterotópica*. v. 3 n. 1. p. 171-190, 2021.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Editora Taverna, 2018.
- RIBIERO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RUIZ, Castor. *Os labirintos do poder: o poder (do) simbólico e os modos de subjetivação*. Porto Alegre: Escritos, 2004.
- SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOORDWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.
- TIBURI, Marcia. *Feminismos em comum: para todas, todes e todos*. 11 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.
- TRINDADE, Rafael. Deleuze e Guattari – Linha de fuga. *Razão inadequada*. 14 jun. 2021. Disponível em: < <https://razaoinadequada.com/2021/06/14/deleuze-e-guattari-linha-de-fuga/>>. Acesso em: 09 set. 2022.
- WINTERS, Mary-Frances. *Black Fatigue: How racism erodes the mind, body and spirit*. Oakland: Berrett-koehler Publishers, 2020.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.); HALL, Stuart; WOORDWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 15 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. p. 7-72.